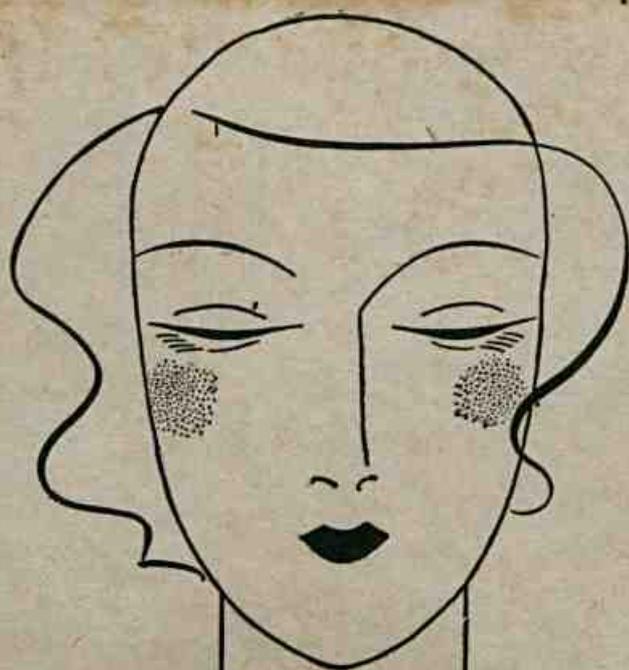
1939

ALMANAQUE DO TICO-TICO

PREÇO EM TODO BRASIL 6$000

PREÇO EM TODO BRASIL 6$000

O ALMANAQUE D'O TICO-TICO para 1939 saúda todos os seus leitores e amiguinhos, almejando-lhes os melhores votos de felicidade no ano que se vai iniciar.

Vermifugos que Matam !

UM PERIGO QUE SE DEVE EVITAR

Senhorita A. S. R., de Caçapava (São Paulo), victimada por um vermifugo.

Sr. José Ragianni, de Itapira (S. Paulo), envenenado e morto por um lombrigueiro.

E' um erro gravissimo tomar-se um lombrigueiro ou vermifugo sem antes consultar um medico ou sem a responsabilidade do pharmaceutico. Todos os vermifugos e lombrigueiros, sem nenhuma excepção, são remedios muito violentos e venenosos — e a prova de que são venenosos é que matam em poucas horas os vermes intestinaes, mas infelizmente têm tambem matado um numero muito grande de pessoas atacadas de verminose.

Hoje em dia está provado que nem todas as pessoas podem tomar qualquer especie de lombrigueiro ou vermifugo. Por exemplo, as pessoas que soffrem dos RINS ou do FIGADO, os fracos do peito (DESCALCIFICADOS), os syphiliticos e seus filhos, as pessoas que têm lesões no estomago ou nos intestinos, — todos esses estão expostos a ficar envenenados e mesmo até a morrerem, se tomam um lombrigueiro ou vermifugo.

Por isso é que estamos vendo todos os dias casos muito tristes de envenenamentos e de mortes occasionados por esses violentos e perigosos remedios. Convem que todo mundo saiba, porém, que os lombrigueiros ou vermifugos são remedios Muito Bons e Uteis.

Mas é preciso saber com segurança si as pessôas que vão tomar esses violentos remedios, estão em condições de bebê-los sem nenhum perigo. E isso só os Medicos poderão saber, e na falta dos Medicos, os Srs. Pharmaceuticos.

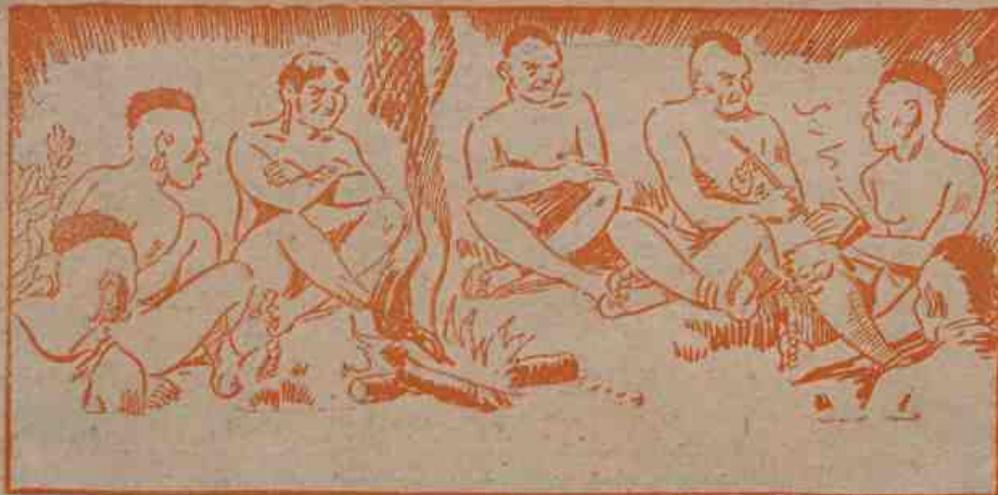
Mas para evitar os grandes riscos e os sérios incommodos dos lombrigueiros e vermifugos, foram creadas as Pilulas Vitalizantes — remedio receitado desde 1924 por quasi todos os medicos que tratam de vermes intestinaes.

Nunca, porém, se deverá confundir as Pilulas Vitalizantes com um vermifugo ou lombrigueiro. Trata-se de remedio inteiramente differente, que age contra os vermes porque modifica de tal maneira o meio intestinal, que os vermes acabam não podendo mais viver dentro dos intestinos e por isso vão sendo expellidos aos poucos, lentamente e suavemente, mas com absoluta segurança E SEM QUALQUER ESPECIE DE PERIGO PARA AS PESSOAS, ainda as mais debeis e as mais fracas.

Menina Elzira Freitas, de Nova Iguassú (Rio de Janeiro), envenenada e morta por um vermifugo.

As Pilulas Vitalizantes não só expulsam todos os vermes intestinaes, como ao mesmo tempo dão excellente appetite aos enfastiados, fazem engordar os magros, acabam com a pallidez e com a preguiça dos anemicos e fortificam extraordinariamente as pessoas fracas. Não exigem nenhuma dieta. Toma-se uma ou duas pilulas em cada refeição. Assim, em vez de tomar um lombrigueiro ou vermifugo, experimente-se um vidrinho de Pilulas Vitalizantes e o resultado será maravilhoso. Remedio baratissimo e de inteira confiança, tanto para creanças como para pessoas adultas.

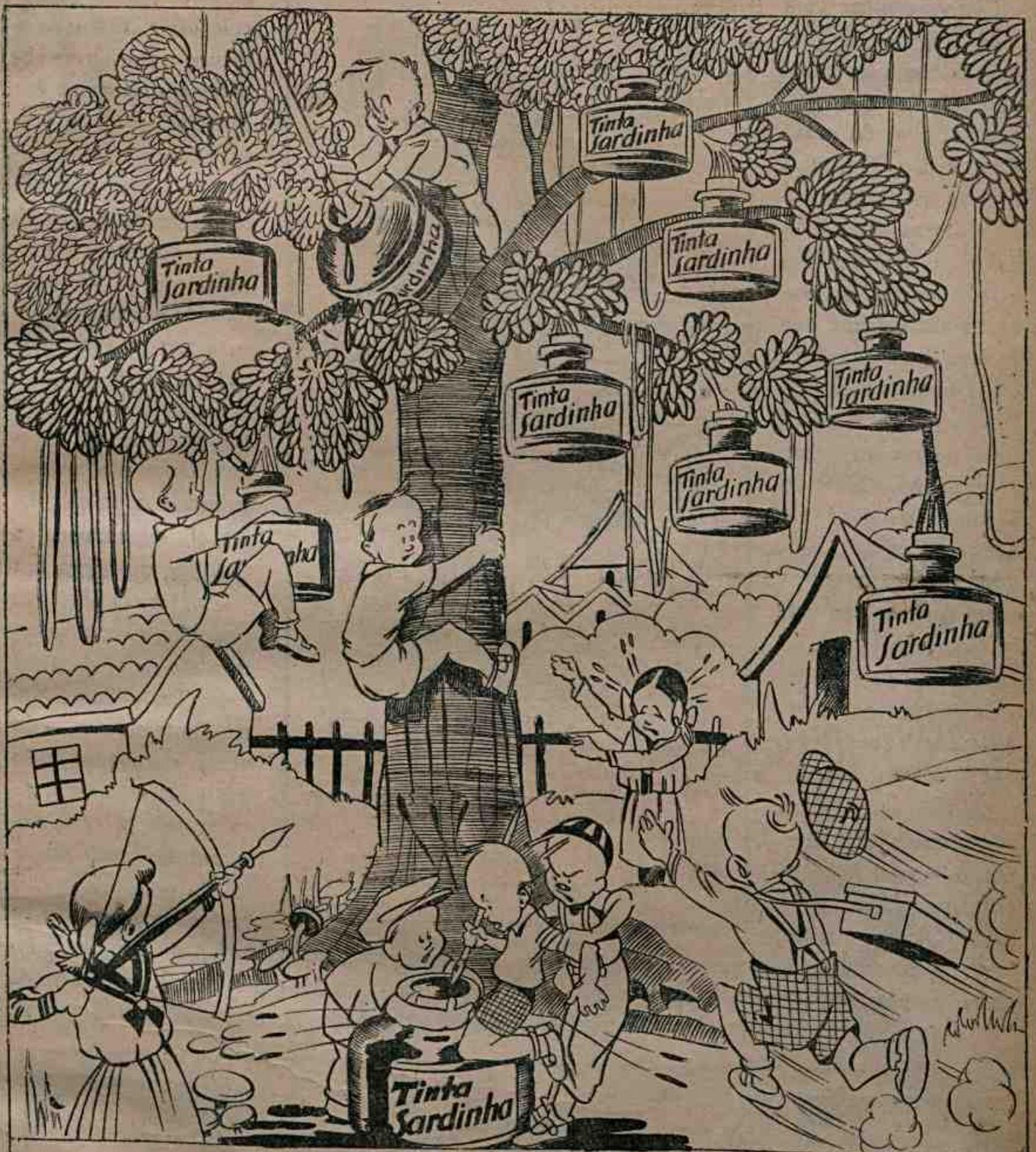
Não encontrando as Pilulas Vitalizantes nas pharmacias dessa localidade, será favor escrever hoje mesmo ao LABORATORIO ERNANI LOMBA, rua da UNIVERSIDADE, 74 — Rio de Janeiro.

E' verdadeiro o rifão: Cada povo com seu uso, cada roca com seu fuso.

O espirito de fraternidade deve existir entre os homens de todo o mundo.

HABITOS DOS INDIOS

Os indios da America, do continente maravilhoso de que faz parte o nosso Brasil, possuem hábitos curiosissimos, muitos dos quais se aproximam dos de que são portadores os povos civilizados. A observação desses hábitos tem fornecido margem a muitos livros, de cultura sensacional e de rapida venda. Todos os feitos do mundo civilisado, segundo o relato desses livros, têm seus correspondentes na vida dos indios, mesmo os mais afastados do convivio civilisador, mesmo os selvagens. Entre os habitos, que existiam, dos indios da parte septentrional da America, figura o do uso do cachimbo da paz. Era um cachimbo comum, de longo tubo, enfeitado de couros e de berloques. Esse cachimbo, onde era queimado o fumo escolhido, só se usava nas cerimonias solênes dos conclaves dos chefes. E era um só, servido, vêz a vêz, aos assistentes.

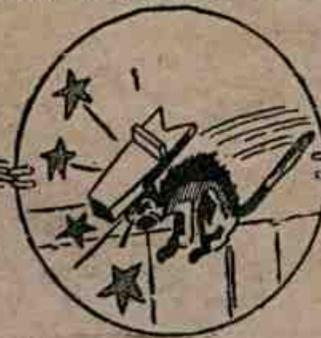
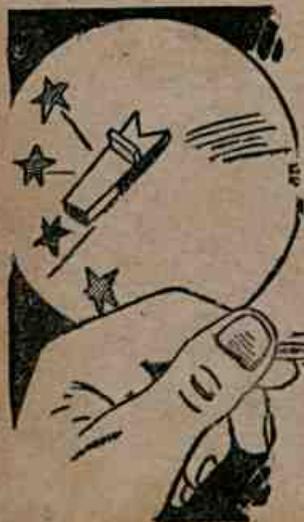
O Cachimbo da paz

Quando os indios do norte da America resolviam se reunir em consilio de chefes, era preparado o cachimpo da paz. A riquesa e a arte desse utensilio estavam sempre de acôrdo com a imponencia da reunião. Começada esta, era o cachimbo, acêso, passado de chefe a chefe, que dêle iam tirando fumaça a fumaça, pausadamente. Só depois de dado esse exemplo de fraternidade é que se iniciavam a apresentação e a discussão do assunto principal do consilio. Quaisquer opiniões em contrário, por ventura surgidas no decurso da reunião, não podiam ser formadas de um espirito de oposição ou de animosidade, visto que seu autor, anteriormente, havia evidenciado propositos de harmonia e de paz, ao tomar o cachimbo da paz.

A infancia de hoje, alicerce da Pátria de amanhã, numa arrancada sublime pela conquista da arvore da Sabedoria.

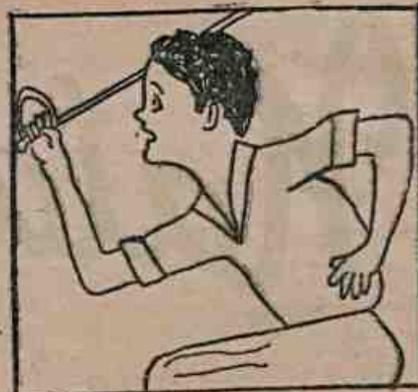
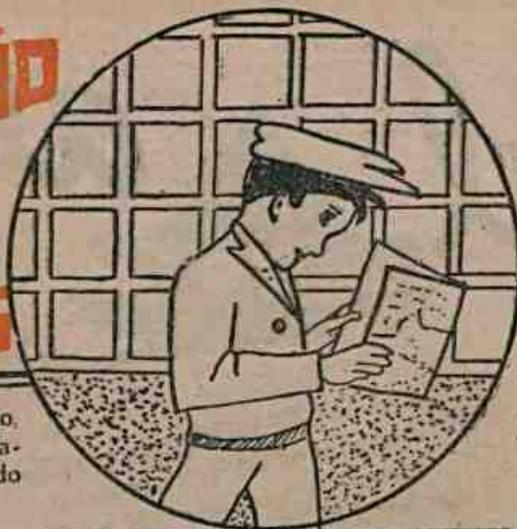
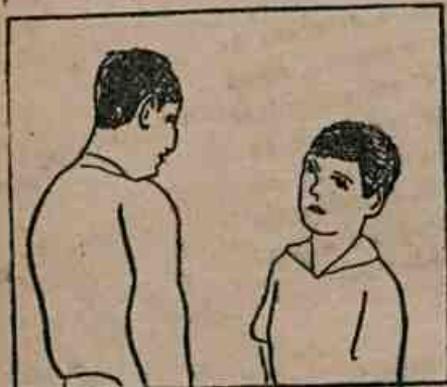
O marinheiro que encontrou o novo mundo

Como acontece com quasi todos os meninos que nascem e se criam nas cidades que possuem porto de mar, Cristovão Colombo, nascido em Genova, ficava horas inteiras a ouvir as palestras dos velhos marujos narrando longas viagens que faziam, cada uma das quais marcada com uma descoberta de novas ilhas, de novos abrigos. O pequeno Cristovão Colombo não só era muito devotado á audição dessas palestras como tambem á leitura, no momento muito apreciada, das "Viagens de Guliver" e das "Viagens de Marco Pólo". Foi tal a influencia que as palestras acima citadas e a leitura dos livros de viagens exerceram sobre Cristovão Colombo que êle, desde a juventude, começara a estudar e a prever as possibilidades de, aventurando-se pelos oceanos, encontrar um caminho maritimo para o éste seguindo pelo oéste. Pobre, sem recursos, pensou em obte-los em Genova e em Portugal. Mas as pessoas que o ouviam julgavam a sua idéa um sonho de louco. Colombo, no entanto, era perseverante, já se havia tornado habil marinheiro e um profundo estudioso das viagens. Bateu, um dia, ás portas da côrte da Espanha, cujos reis, principalmente a rainha, D. Isabel, denominada a Católica, acataram seu sonho, dando-lhe tres caravélas para a aventura tão desejada. E as caravélas — Santa Maria, Pinta e Nina — de vélas enfunadas pelo sopro de uma esperança grande, vieram, singrando as aguas do lado do oéste, ancorar a terras novas do rico continente americano, o eden do mundo. E foi assim que o humilde e persistente marinheiro de Genova descobriu novas terras para o mundo.

O TAUMATRÓPO

O taumatrópo — um brinquedo ótico inventado em 1826, pode ser chamado o primeiro cartão do mundo. Era um pedaço de papelão com dois buracos de modo a se adaptarem. Passava-se um cordão através desses buracos e se amarravam os cartões segurando-se as extremidades que não estavam presas entre o polegar e o indicador. Podia-se, assim, mover e fazer girar os cartões rapidamente. Cada lado do cartão tinha uma figura e com o movimento veloz dos cartões, elas pareciam uma figura completa.

BRANCA DE NEVE, que é muito exigente, pediu brinquedos do outro mundo.
Os anõezinhos não tiveram duvida. Correram ás Casas Mesbla. Elles sabiam que, neste mundo, só na tradicional casa da Cinelandia poderiam encontrar brinquedos, bicycletas e artigos para presentes capazes de satisfazer aos gostos principescos de sua pequena amiga. Eil-os alegres a dançar, convidando a petizada carioca a seguir-lhes o exemplo e a passar um natal feliz com os brinquedos Mesbla.

NAPOLEÃO SEM SOLDADOS

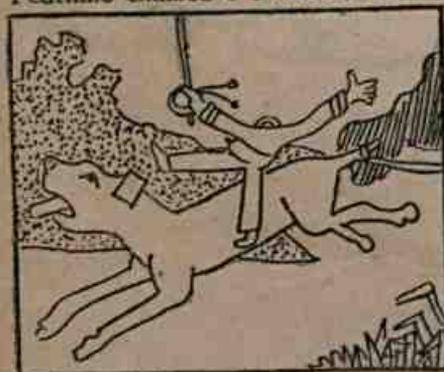
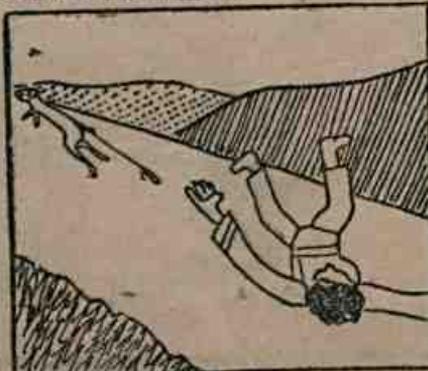
Pedrinho, um menino muito rico, leu, certo dia a "Historia de Napoleão" e ficou tão entusiasmado com as façanhas do celebre...

...guerreiro que não pensava em outra coisa sinão em se vêr como Napoleão, brandindo tambem uma espada valorosa.

Assim pediu ao papai que lhe comprasse uma farda de general e uma espada bem bonita e satisfeito em seu desejo,...

...correu logo ao galinheiro a dar combate aos galos e ás galinhas, que, ao que parece, não gostavam muito do entusiasmo bélico do...

...Pedrinho. Depois Pedrinho lembrou-se de que Napoleão tinha um caválo, e quiz um caválo tambem. Papai não lh'o deu, e Pedrinho...

...então montou no "Tufão", que era o cão da casa. Mais tarde, depois de varias façanhas hipicas, Pedrinho chamou o Pinduca, um...

...negrinho pernóstico e ordenou-lhe que organizasse um batalhão. Mas Pinduca arranjou para soldados uns meninos...

...tão mulambentos, que Pedrinho desistiu de comanda-los e preferiu batalhar sósinho. Então, Pinduca, despeitado com isso, amarrou...

...uma lata á cauda do "Tufão" que abalou rua a fóra, numa disparada vertiginosa, atirando de pernas para o ar o nosso Napoleão...

...sem soldados, que ficou com as costélas quebradas e foi conduzido para casa cheio de arranhaduras e gemendo de dores, tendo...

...consultado um medico. E ahi está êle, arrependido de ter tido a idéia, que Napoleão não teria, de fazer de um cão—caválo de batalha.

A araponga

Em tempos idos, no reino dos animais, o carpinteiro era a araponga. Era ela quem fazia todos os serviços de construcção, sendo o castor seu ajudante.

Certa vez, o leão encomendou-lhe um serviço: ela faria uma casa, onde moraria o filhinho dele.

Tomadas as medidas, a araponga e o castor trouxeram numa carroça o material necessario para a construcção: páus, ferramentas e réguas.

Após uma semana, faltava o telhado, e o castor foi com a carroça comprar telhas na loja do cachorro. Quando voltou, a araponga o esperava. Mas, acontece que, ao descarregar o carro, o bicho deixou caír uma telha, a qual foi bater num velho calo que se achava no pé direito da araponga. Esta, raivosa, e gritando, pegou de um martelo que estava perto e malhou furiosamente o pobre ajudante.

Deus, vendo seu proceder, quiz castiga-la e a condenou a gritar eternamente, tal qual um martelo:

— Tên, tên, tên, tên...

Osvaldo Costa de Lacerda

O cacáo na América

O cacáo, o maravilhoso vegetal de que o Brasil é bem rico, existe na América desde época que não póde ser determinada com absoluta precisão. Os primitivos habitantes do nosso país o conheciam e cultivavam, fazendo dêle uma beberagem muito semelhante ao chocolate, que todos os leitores conhecem. Mas fóra do Brasil e em periodo anterior á chegada do descobridor Pedro Alvares Cabral, o cacáo tambem era conhecido e muito apreciado. Os aztécas, nome por que eram conhecidos os indigenas do Mexico, preparavam da fava do cacáo um vinho excellente, uma especie de licôr. Para isso trituravam o fruto do cacáo em recipientes de pedra, por meio de pilões. Quando obtinham uma poeira bem fina do cacáo adicionavam agua quente ou mesmo leite e preparavam desse modo uma beberagem de agradavel sabôr, que outra cousa não era senão o chocolate que todos os nossos leitores conhecem.

Aos soldados espanhóis que tomaram conta do pais, os aztécas, como sinal de obediencia e gentileza, ofereciam muitas vezes essa bebida, de cujo preparo tinham verdadeiro garbo e a que davam o nome de chocolatl a palavra, aliás bem parecida com o nome moderno de chocolate.

O cacáo brasileiro é bastante procurado nos mercados do exterior e sua produção, no ano de 1937, atingiu a 2.120 toneladas, que foram vendidas pelo preço de 126.368 contos de réis. A Baía, o Pará, o Amazonas e o Espirito Santo são os Estados que mais produzem cacáo, o primoroso produto de que se fazem o chocolate e os magnificos bonbons de que tanto gostam os nossos leitores.

AH ! Si eu contasse a historia dos desobedientes, era uma historia tão grande que não acabaria hoje. E reparem que todos aqueles que desobedecem recebem logo o castigo, disse minha madrinha. Você não conhece o caso da zebra ?

E como eu ficasse muito espantado minha madrinha contou:

— Todos sabem que a zebra é um burro todo listrádo. Mas ninguem sabe si é um burro preto com listras brancas ou burro branco com listras negras.

O Fernando Carlos disse logo :

— Era um burrinho preto.

Minha madrinha emendou :

— Pois era um burro branco. A familia das zebras era uma beleza, toda branquinha. Então a mãe da zebrinha tinha muito cuidado com ela porque sendo muito branca podia encostar-se em algum lugar e ficar suja. Mas a zebrinha era muito levada e desobediente. Sempre que tomava banho a mãe avisava :

— Cuidado com o pêlo branquinho, minha filhinha.

Mas a zebrinha não queria saber daquilo, tanto saltou, tanto pulou, tanto correu que foi parar num jardim que estava sendo todo reformado, e por isso tinha uma taboleta na porta :

E' PROIBIDA A ENTRADA

Tanto bastou para o animalzinho entrar correndo por cima dos canteiros e gramados e saltando arvores novinhas, e estava tão cansada que vendo um banco nem reparou que estava pintado de novo e deitou-se. Nisto ouviu um berro do fiscal das obras :

— Saia daí !

Mas era tarde porque todas as listras do banco ficaram marcadas no pêlo branco e novinho. Quando chegou á casa a mãe chorou muito, quiz lavar, passou sabão, mas as listras pretas nunca mais sairam.

Então Léa, que estava muito quietinha ouvindo a historia, disse :

— Eu conheço a historia do Jaboti.

E contou :

O Jaboti não era feio como agora, todo chato, e quando passava brilhantina nas costas ficava reluzindo como um farol. Uma vez houve uma festa no céu. Deus mandou convidar todos os bichos. O Jaboti, como sabia que ia encontrar-se com a namorada que era a Jaboti, levou o dia inteiro passando vaselina cheirosa nas costas. Quando apareceu ainda com o sol, na porta do céu, ninguem podia olhar para êle de tanto que reluzia: era um espelho. Uma beleza a festa no céu, porque cada um tinha roupa mais bonita. A borboleta botou azas tão bonitas que parecia a rainha da festa. Mas para o Jaboti a rainha da reunião era a namorada dêle a Jaboti. Mas quando chegou no salão de baile encontrou a Jaboti dansando com o Caranguejo azul. E como era ciumento e egoista

começou a discussão. E tanto bateram lingua que acabou numa briga muito grande. Todos queriam ver. A coisa estava feia porque o Carangueijo, como tinha pernas muito compridas e um alicate na ponta, deu um golpe no Jaboti que caiu rolando toda a escada que havia do céu a terra e ainda berrando :

— Abre degráu, que eu te arrebento !

Mas chegou cá em baixo todo espatifado. E é por isso que êle tem o casco chato e todo remendado.

Disse minha madrinha :

— Eu estou falando dos filhos desobedientes E sabem quais foram os desobedientes ?

Léa disse :

— Foi o Cachorro.

José Luiz tambem falou :

— Foi o Macaco.

Então minha madrinha continuou :

— Os filhos mais desobedientes foram o Cangurú e o Elefante.

E, como Robertinho ficasse muito admirado, ela contou :

— O Cangurú era muito buliçoso. A mãe dêle vivia berrando :

— Sái daí, meu filho ! Tira a mão daí, filhinho !

Mas êle não ouvia ninguem. Virava e mexia lá estava êle mexendo no guarda-comida, apanhando as panelas, tirando a vassoura do lugar, enfim um buliçoso incorrigivel. Até que um dia a mãe estava fazendo uns pasteis. O Cangurùzinho viu a massa dos pasteis e começou a beliscar os pedacinhos. A mãe empurrava-o para longe da mesa; quando se distraia lá estava êle outra vez apanhando as migalhas para comer. Até que num momento a mãe se distraiu, o filhinho veiu e meteu a mão para tirar um pedaço maior, quando ela bateu o rôlo de amassar na mesa com tal violencia que apanhou as mãozinhas do Cangurú. Por isso ficou até hoje com os pés muito grandes e os bracinhos muito pequenos.

— E o Elefante ?

Minha madrinha sorriu e continuou :

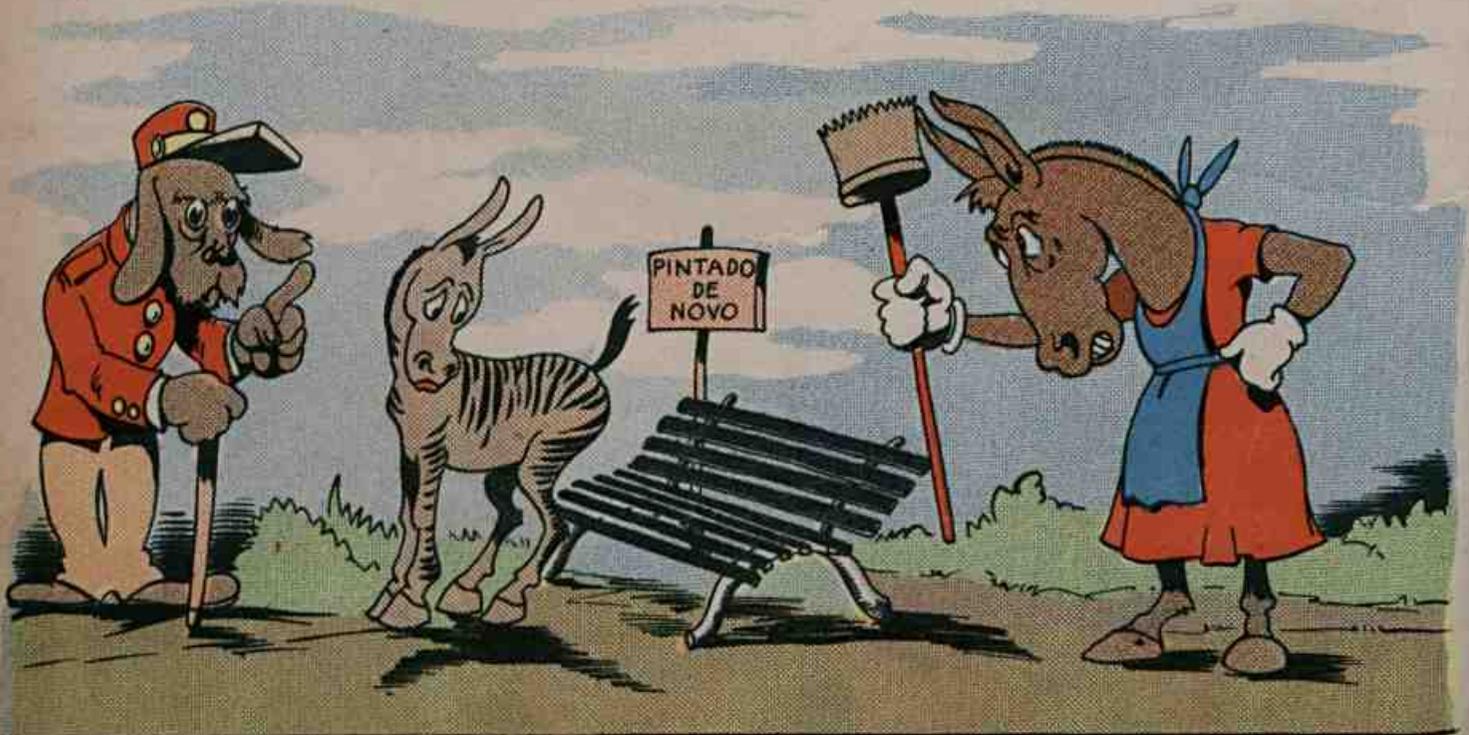
— Com o Elefante o castigo foi muito feio. Mas a culpa foi só dêle. Porque êle era um Elefantezinho bem engraçadinho Até parecia um cavalo. Um narizinho pequeno, as orelhinhas empezinhas como do Cachorro, enfim era alinhado. Mas era tambem muito desobediente. Era curioso. Tudo queria saber. Onde havia uma porta fechada ou um barulho lá vinha êle encostar o ouvido ou em algum buraco, enfiar o nariz.

De vez em quando ouvia o conselho materno :

— Tira o nariz daí, meu filhinho.

Si alguem tivesse de contar um segredo, ou guardar alguma coisa podia estar certo de que o elefantezinho era só ouvidos e nariz . . .

E o castigo não se fez esperar: levou tanto puxão de orelhas que, coitado, ficaram elas as maiores do mundo. Com o nariz, êle ainda chorou até hoje pelo que sofreu: um dia uma Gambá vinha correndo e entrou num buraco. O Elefantezinho, sentiu aquele cheiro e, como não tivesse visto entrar ninguem no buraco, meteu o nariz e ficou cheirando; a Gambá que já estava zangada porque o Cachorro lhe queria dar uma surra, vendo aquele focinho ali, na porta de sua casa, ferrou-lhe as unhas e, enquanto puxava, dava dentadas. O Elefantezinho, puxava, urrava, pulava, mas não conseguia tirar o focinho de dentro do buraco, foi preciso vir o pai e mãe do Elefante para ajudarem o filho curioso a tirar o focinho dali. E depois de muito esforço de estarem suando muito foi que o Elefantezinho conseguiu tirar o nariz, mas coitado, de tanta força de puxar o nariz tinha crescido como uma bengala e nunca mais encurtou. Tambem êle nunca mais meteu o nariz onde não é chamado . . .

SEBASTIÃO FERNANDES

Dois gulosos castigados!

Dona Florisbela chegára justamente na hora em que a mamãe armava na sala, a arvore de Natal...

— Aproveitemos a ocasião, Fifi. Vamos comer alguns doces. Podemos ficar socegados, mamãe está ocupada...

E os dois gulosinhos não perderam tempo. Fizeram uma verdadeira devastação nos doces gostosos que iriam comemorar o bélo dia de Natal.

Mas... o final da historia é que não estava no programa! A' noitinha tiveram uma colica tão terrivel que só passou depois de tomar o remedio amargo que a mamãe reserva para as "grandes ocasiões"...

Historias de Tigres

Uma ocasião, alguns oficiais inglêses na India, organizaram uma caçada. Quando voltavam, ao fim de um dia de caça, encontraram um filhote de tigre, que não parecia ter mais de 15 dias de vida. Encantados, levaram-no com êles; e ao alcançarem sua barraca, puzeram uma coleira ao pescoço da pequena féra, amarrando-a ao poste central da tenda, para delicia dos presentes que se divertiam com as brincadeiras do pequeno gato. Noite alta, entretanto, quando todos dormiam, um ruido medonho se fez ouvir fazendo tremer de susto os caçadores mais audazes.

Era o rugido de um tigre ! Com surpreza geral o inofensivo animalzinho armou-se de uma ferocidade incrivel e mordendo a corrente com toda a força do bebé-tigre, respondia com um grito de desespero ao rugido da féra adulta que o chamava lá fóra.

Todos sustiveram a respiração assustados com a força do rugido que ressôava cada vez mais proximo.

Subitamente, com um salto agil um tigre flamejante apareceu bem no centro da barraca; sem dar atenção aos homens paralizados pelo terror, dirigiu-se ao pequeno animalzinho e dilacerando a corrente com suas garras cortantes agarrou-o pelo pescoço levando-o a toda força para a selva.

Quando a féra desaparecia na escuridão, um dos caçadores já refeito do susto empunhou rapido seu rifle, mas um companheiro mais idoso, impediu-lhe o gesto dizendo comovido :

— Não ha nada a fazer senão respeitar este exemplo tão selvagem quanto verdadeiro de amôr materno !

Quando a p a n h a d o s bem pequenos, os tigres podem ser domesticados com certa facilidade. Os falkires, uma classe indiana que vive mendigando nos templos e estradas muitas vezes levam com êles tigres e leopardos domesticados, mas essas féras nem sempre são desprovidas de perigo.

Conta-se a historia de um senhor inglês na india que quasi perdeu a vida pela confiança que depositou em um tigre de estimação que êle mesmo domesticara.

Estava o tal senhor uma ocasião, á varanda de seu "bungalow" entregue a leitura de um livro emquanto o tigre gigantesco dormitava como um gato aos seus pés. De repente o tigre começou a lamber carinhosamente a mão de seu dono, que, distraido com a leitura, não deu maior importancia a demonstração de amizade a que já se afeiçoara. Abandonou o seu braço aos carinhos do felino e já se tinham passados alguns minutos quando sentiu uma dôr bastante violenta, seguida de um ruido soturno do animal. Julgando que o seu "gato" apertara involuntariamente a sua mão em intenção carinhosa, desviou os olhos da leitura para repreende-lo. Só então verificou que da sua mão corria um fio de sangue que o animal lambia com uma expressão estranha no olhar. Ao chama-lo pelo nome, a féra não lhe deu ouvidos e começou a apertar o braço, aumentando a hemorragia.

Aterrado com aquela brusca transformação do animal a que tanto se afeiçoara, só então compreendeu quanto é dificil desviar as tendencias selvagens de uma féra de instintos carniceiros. O seu gato que jámais sentira o gosto de sangue fresco, se transformava agora pela força poderosa de sua indole num inimigo ameaçador. Tôdo o seu pêlo reluzente se arrepiava na volupia carnivora saciando-se sofregamente de sangue humano. Estava o pobre homem na eminencia de um desastre quando ouviu os passos de seu guarda que se aproximava; sem esboçar o menor gesto, mandou que fizesse fogo incontinenti.

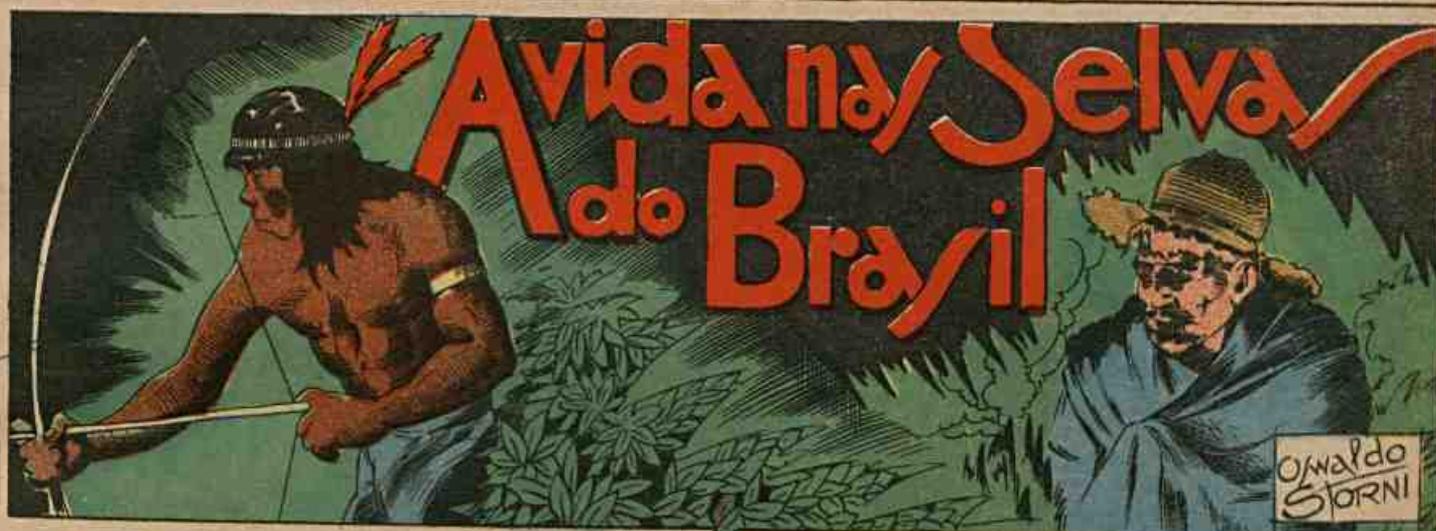
Um tiro certeiro partiu . . . A féra ferida saltou no espaço como atingida por uma centelha eletrica e caiu estertorando aos pés de seu dono.

Quando o creado mudamente interrogou o seu patrão com a surpreza estampada em seus olhos humildes, o velho inglês mostrou-lhe a mão ensanguentada, onde um arranhão bem profundo era a explicação mais eloquente para a estranha ordem. E seus olhos estavam marejados de lagrimas, não pela dôr fisica do ferimento, mas pelo golpe profundo da desilusão que lhe dera o seu selvagem amigo.

———o———

Geralmente, usa-se o elefante na caça ao tigre. Embora o cavalo ouse enfrentar um leão na caça, muito raramente permanece calmo em presença de um tigre o que muito dificulta a tarefa do cavaleiro. O elefante, ao contrario, enfrenta-o calma e seguramente dando tempo a que o seu condutor fira de morte a féra no momento exato que tenta agredir o volumoso paquiderme.

Os Hindús raramente caçam o tigre, ou mesmo ousam feri-lo. Eles permitem que o rei da "jungle" ronde as suas habitações, carregando com o gado e até mesmo com crianças pequenas, sem a minima reação, pelo temor religioso que lhes inspira a bela féra listrada das selvas asiaticas.

B O B S T E W A R D

Desde os tempos remotos que as selvas grandiosas do nosso amado Brasil foram procuradas pelo homem, que ali ia, afrontando perigos, em busca da caça, que lhe dava a alimentação e o vestuario.

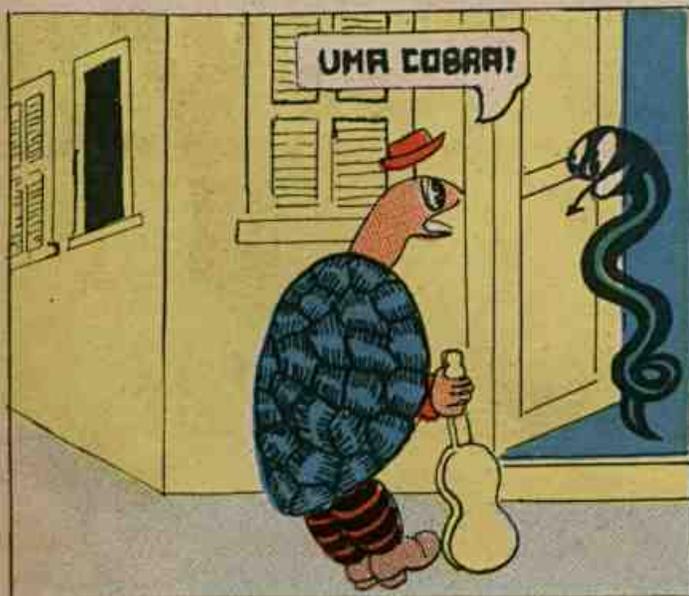
Nada deteve o homem na conquista da selva. Nem a ameaça dos animais ferozes, dos perigos das febres, da hostilidade dos elementos. Conquistar a selva era progresso.

E na obtenção do progresso o homem do Brasil primitivo entrava nos pantanais, pagando muitas vezes com a vida a audacia de desbravador.

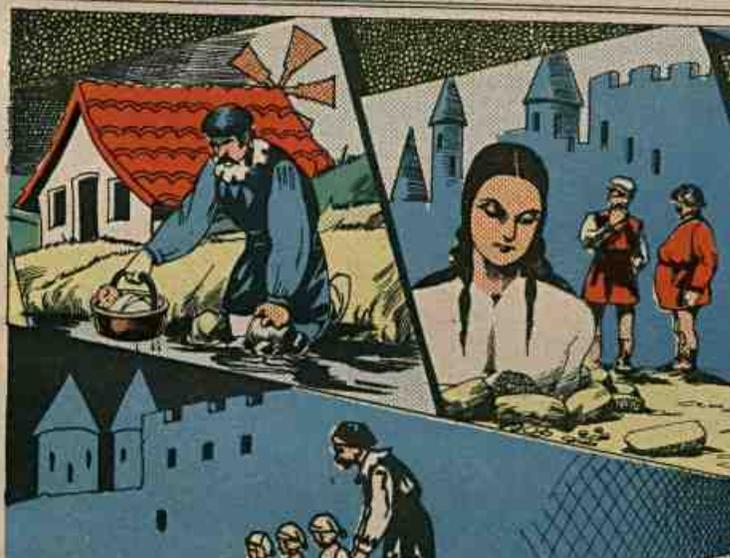
Muitas vezes, em meio do caminho, a procura da caça, surgiam-lhe inimigos que zombavam das armas do desbravador.

A onça terrivel, sempre faminta e feroz, deu cabo da vida preciosa de muitos exploradores das selvas brasileiras. Mas, galhardos obreiros do...

...progresso, os dominadores dos sertões, persistem, arrancando de invias florestas, numa razão de progressos, utilidades sem conta.

A SERENATA DO JABOTÍ

AS TRES ESTRELINHAS

Havia, uma vez, um bosque que era o logar preferido de um rei caçador. Nesse bosque, em rustica choupana, moravam tres moças, filhas de um lenhador. Certa vez, andando o rei a caçar, ouviu as tres moças conversando.

A mais velha dizia que desejava se casar com o cosinheiro do rei porque era um jovem muito bonito; a outra declarava que seu maior desejo era casar-se com o padeiro do rei e a mais moça, dotada de rara belêsa, alegava que sua ambição era casar-se com o proprio rei, porque daria ao soberano tres filhos com uma estrêla de ouro na testa. O rei, ouvida a palestra das três moças, retirou-se sem ser visto. No dia seguinte mandou chamar a palacio as três moças e fez com que a mais velha se casasse com seu cosinheiro e a outra com seu padeiro. A mais joven, porém, foi interrogado pelo rei: — E' verdade que me dareis três filhos com uma estrêla de ouro na testa, caso caseis comigo? — E', Magestade! — respondeu a linda jovem. E o rei casou com ela. Tempos depois nasceu um lindo principezinho com uma estrêla de ouro na testa. Quando as duas irmãs da rainha souberam disto, cheias de inveja, correram ao quarto da rainha e trocaram por um coelho o principezinho, que foi atirado ás aguas de um rio. Quando o rei foi ver o filho ficou furioso mas perdoou a rainha, na esperança de ter outro filho. Dois filhos outros nasceram e foram tambem trocados por um coelho pelas irmãs invejosas e atirados ás aguas do rio. O rei, furioso, resolveu castigar a rainha, que foi enterrada á porta do palacio, apenas com o busto desenterrado para servir de motivo de escarneo á multidão.

Acontece que os três principezinhos com a estrêla de ouro na testa foram salvos das aguas por um humilde moleiro, que os criou como filhos. Passando, pela porta do palacio, viu a rainha enterada e perguntou-lhe o motivo de tal castigo. A rainha tudo esclareceu e o moleiro trouxe então para o palacio os três meninos, relatando ao rei o que ocorrera. O rei pediu perdão á rainha e viveu com os três filhos muitos anos feliz, emquanto que as duas perversas cunhadas foram banidas do palacio real.

2 × 1
Grande jogo, hoje: — Esfola-canelas x Arranca dedos. O jogo iniciou-se debaixo de um interesse pouco vulgar, quer por parte dos jogadores, quer por parte da assistencia, que estava bastante enthusiasta, incentivando, sem cessar, os "craks". A partida tem capital importancia, pois que, ao vencedor caberá uma grande taça. Tinteiro, meia direita do Esfola-canelas, depois de linda combinação com o seu companheiro de ala, Salpicó, escora a pelota de cabeça e ia mandal-a ás rêdes, quando é "diblado" por um adversario que, sem perda de tempo, atira á goal — 1x0. Vencem os do Arranca-dedos; seus jogadores tornam-se pouco cortezes, trocam palavras asperas com os seus adversarios. O juiz é, disfarçadamente, o decimo segundo jogador do Arranca-dedos. Sua actuação parcial e notoria. Tijella, mui propositalmente, quando Salpico ia "chutar", desfere um ponta-pé, pondo-o no chão, contorcendo-se em dôres. O juiz nada faz. O jogo continua. Os do Esfola-canelas procuram tirar a differença e, Amarello, "center-forward", capaz de fazer sombra a Leonidas, depois de "dibler" toda a defesa contraria, marca o "goal" do empate. A partida está agora empatada e ambos os quadros procuram desempatal-a. Varios jogadores, machucados, são substituidos. Travessa, que vinha fazendo uma figura bastante apagada, causando vaias constantes dos assistentes, numa arrancada, que causou sensação ludibria a vigilancia de toda a defesa, inclusive a de Frigideira, "goal-keeper" — o "crack" sem igual, e desfere violento "chute", marcando, assim, o "goal" da victoria, quando faltava apenas um minuto para terminar a partida. Foi uma victoria e tanto...
JOCAL

1.° mês, 31 dias — *Signo:* AQUARIO

1	D	Conf. povos	
2	S	S. Isidoro	
3	T	S. Antero	
4	Q	S. Prisco	
5	Q	S. Telesphoro	
6	S	Ep. do Senhor	
7	S	S. Luciano	
8	D	N. S. Jesus	
9	S	S. Julião	
10	T	S. Nicanôr	
11	Q	S. Hygino	
12	Q	Sta. Taciana	
13	S	Bap. de Jesus	
14	S	S. Hilário	
15	D	S. Nome de Jesus	
16	S	S. Accursio	
17	T	S. Antão	
18	Q	Sta. Prisca	
19	Q	S. Canuto	
20	S	S. Sebastião	
21	S	S. Pubio	
22	D	A Sag. Familia	
23	S	Os Desp. N. Senhor	
24	T	N. S. da Paz	
25	Q	Cv. S. Paulo	
26	Q	S. Policarpo	
27	S	S. Chrisóstomo	
28	S	S. Floriano	
29	D	S. Francisco de Sales	
30	S	Sta. Martinha	
31	T	S. Pedro Nolasco	

Janeiro-Fevereiro

A palavra Janeiro, como devem saber os nossos leitores, origina-se do nome Janus, o deus da mitologia romana que tinha duas faces, uma, de joven, que olhava para a frente, e outra, de velho, que mirava para atrás. E' o primeiro mês do ano e tem trinta e um dias. Foi no mês de Janeiro, no dia de São Sebastião, no ano de 1565 que Estacio de Sá fundou a cidade do Rio de Janeiro. O local da fundação foi o Pão de Açucar mas, no mesmo dia a cidade foi transferida para o morro do Castelo, ora arrazado.

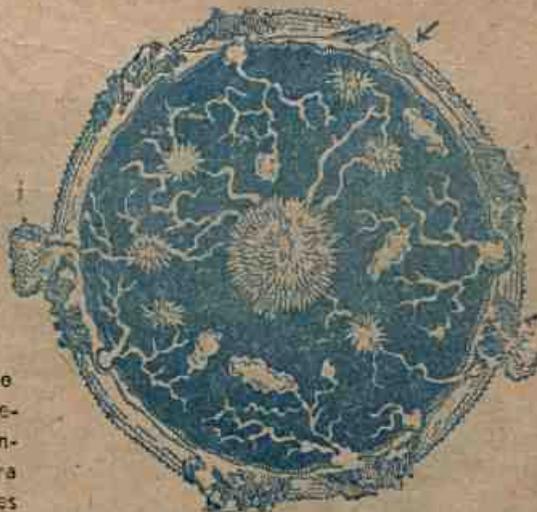
•

O mês de Fevereiro, este ano, que não é bissexto, tem vinte e oito dias.

2.° mês, 28 dias — *Signo:* PEIXE

1	Q	S. Ignacio	
2	Q	Pur. N. Sra.	
3	S	S. Braz	
4	S	Sta. Joanna	
5	D	Septuagessim.	
6	S	Chag. de Cristo	
7	T	S. Romualdo	
8	Q	S. J. da Mata	
9	Q	S. Cyrillo	
10	S	Sta. Escolast.	
11	S	S. Jonas	
12	D	Sexagessima	
13	S	S. André Cor.	
14	T	S. Valentim	
15	Q	Sta. Georgia	
16	Q	S. Onestino	
17	S	Fug. de N. Senhora	
18	S	S. Simeão	
19	D	Carnaval	
20	S	Carnaval	
21	T	Carnaval	
22	Q	Cinzas	
23	Q	S. Pedro Dam.	
24	S	S. Sergio	
25	S	S. Felix III	
26	D	Q. 1.ª Quaresma	
27	S	S. Basilio	
28	T	S. Macario	

O INTERIOR DA TERRA

Muita gente pergunta de que maneira podem os cientistas conhecer e descrever, como fazem, o interior da Terra. De uma maneira simples. Estudando as vibrações produzidas pelos terremotos. Observando a lua, puderam êles determinar seus movimentos e sua composição. Os cientistas, observando o sol e os planetas descobriram as estrelas e sua composição por meio de um aparelho chamado espectroscopio e o manejaram muito antes de saber palmilhar algumas milhas da terra.

Pelo estudo das vibrações dos terremotos, os cientistas souberam inumeros fatos, entre eles, verificaram que a terra tem uma crosta muito profunda, feita de terra e níquel e que em volta dela há uma camada de rocha de bassalto e depois, ainda, uma fina camada de rocha granitica.

Março-Abril

3.º mês, 31 dias — *Signo* : CARNEIRO

1	Q	S. Hermes
2	Q	S. Jovino
3	S	S. Marinho
4	S	S. Lucio
5	D	Rem. 2.ª Quaresma
6	S	S. Basilio
7	T	S. Thom. Aquino
8	Q	S. J. de Deus
9	Q	Sta. F. Roma
10	S	S. Alexandre
11	S	S. Constantino
12	D	Oculi 3.ª Quaresma
13	S	S. Macedonio
14	T	Sta. Mathilde
15	Q	S. Henrique
16	Q	S. Hilario
17	S	S. Patricio
18	S	S. Gabriel
19	D	Bastare 4.ª Quaresma
20	S	Sta. Elza
21	T	S. Bento
22	Q	S. Octaviano
23	Q	S. Fidelis
24	S	S. Romulo
25	S	Ann. N. Senhora
26	D	Paixão
27	S	S. Phileto
28	T	S. J. Capistrano
29	Q	S. Bartholo
30	Q	S. Quirino
31	S	S. Benjamin

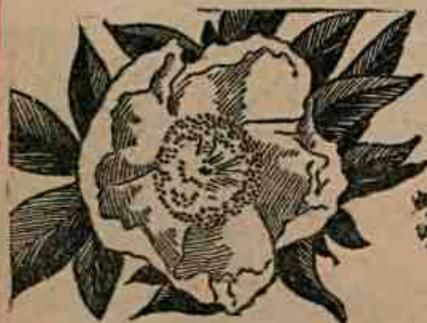
Março é o terceiro mês do anno e tem trinta e um dias. Primeiro mês do calendário romano, Março era consagrado a Minerva. A origem de Março é a de Marte, a quem o imperador Romulo dedicou o mês. O mundo católico festeja neste mês o dia de São José.

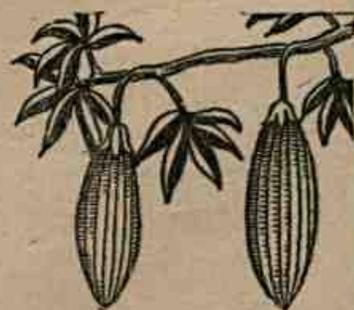
•

Em Abril, o civismo brasileiro comemora a figura de Tiradentes, apelido do alferes José Joaquim da Silva Xavier que tentou promover uma revolução em Minas Gerais para livrar o Brasil do dominio português e proclamar a Republica. Denunciado por um traidor foi preso e enforcado no campo de manobras do Rio de Janeiro, em 1972. Este mês era consagrado pelos Romanos a VENUS. Seu nome parece derivar de APERIRE (ABRIR), porque nesta época do ano a terra como que se abre para nos comunicar as suas naturais abundancias, evidenciadas nas fartas colheitas.

4.º mês, 30 dias — *Signo* : TOURO

1	S	Sta. Theodomira
2	D	Ram. S. F. P.
3	S	S. Pancracio
4	T	S. Isidoro
5	Q	Trevas
6	Q	Endoenças
7	S	Paixão
8	S	Aleluia
9	D	Paschoa da Resurreição
10	S	S. Pompeu
11	T	S. Leão Macario
12	Q	Sta. Vissia
13	Q	S. Hermenegildo
14	S	S. Justo
15	S	Sta. Anastacia
16	D	Paschoela
17	S	N. S. Prazer.
18	T	S. Galdino
19	Q	S. Simão
20	Q	S. Thestimo
21	S	Tiradentes
22	S	S. Sotero
23	D	Bom Pastor
24	S	S. Fidelis
25	T	S. Marcos
26	Q	S. Cleto
27	Q	S. Anastacio
28	S	S. Vital
29	S	S. Emiliano
30	D	S. José

ARVORES GIGANTES

Ha entre as arvores gigantes de todo o mundo algumas bastante curiosas. Entre elas avulta o de uma especie de baobá — a tartara — encontrada na Africa e na Australia.

Esta arvore é uma das maiores que se conhece. Chega a ter, ás vezes, 30 pés de diametro. Seu fruto é conhecido pelo nome de — pão de macaco — que é muito acido, servindo para se fazer com elle uma beberagem medicinal.

Das folhas e casca desta baobá se faz tambem um medicamento. Uma propriedade interessante do baobá é que conserva agua no tronco e os nativos a bebem como numa fonte natural.

5.° mês, 31 dias — *Signo* : GÊMEOS

1	S	Dia do Trab.
2	T	S. Athanasio
3	Q	Desc. Br.
4	Q	Sta. Antonia
5	S	S. Pio V.
6	S	S. Evodio
7	D	N. S. Mãe
8	S	App. S. Mig.
9	T	S. Gregorio N.
10	Q	S. Job
11	Q	N. S. App.
12	S	S. Nereu
13	S	N. S. Martyr.
14	D	S. Bonifacio
15	S	S. Mauricio
16	T	S. João Nep.
17	Q	S. Pasc. Bayl.
18	Q	Asc. Senhor
19	S	S. P. Celest.
20	S	S. Austreges.
21	D	S. Sinesio
22	S	Sta. Helena
23	T	S. Desiderio
24	Q	N. S. Auxil.
25	Q	Urbano
26	S	S. Felipe Neri
27	S	S. Ranulfo
28	D	Esp. Santo
29	S	Sta. Maria Magdalena
30	T	S. Gabino
31	Q	Sta. Petronilha

Maio-Junho

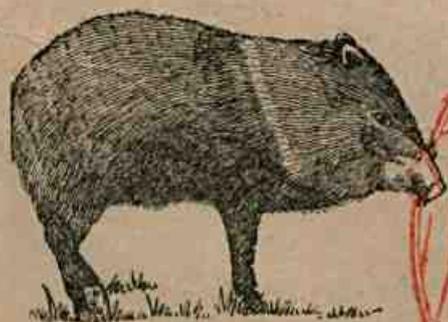
A abolição da escravidão foi um dos atos mais importantes da nossa historia. No Brasil não havia gente de côr, a não ser os indios. Mas alguns negociantes portugueses tiveram a idéa de ir á Africa buscar negros selvagens, que traziam, prisioneiros e que vendiam como escravos. Desde que o Brasil fez sua independencia, tratou logo de acabar com esse mal, que se tornava cada vez maior, porque os pretos que nasciam aqui, filhos dos primeiros escravos, eram tambem escravos. Foi o senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, quem fez a primeira lei atacando a escravidão. Esse ilustre estadista proibiu que trouxessem mais pretos para o Brasil. Em 28 de Setembro o visconde do Rio Branco fez a lei declarando livres os filhos de escravos, que nascessem dali por diante. Em 13 de Maio de 1888 foi assignada pela princeza Izabel a lei da abolição elaborada pelo conselheiro João Alfredo e apresentada ao Parlamento pelo conselheiro Antonio da Silva Prado, acabando totalmente com a escravidão (1888). Mez de Maria. Este mez era consagrado pelos romanos a APOLO. Foi-lhe dado o seu nome em honra dos velhos (MAIUS a MAJORIBUS). Era o 3º mês do ano romano.

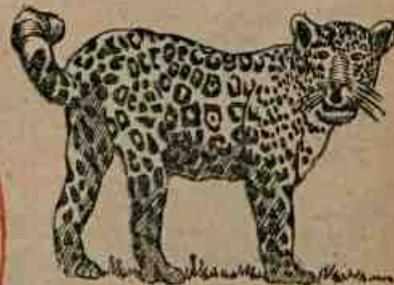
●

O mês de Junho deriva-se de Juno e era dedicado a Mercurio.

6.° mês, 30 dias — *Signo* : CARANGUEJO

1	Q	S. Juvencio
2	S	S. Eugenio
3	S	Sta. Clotilde
4	D	SS. Trindade
5	S	S. Zenaide
6	T	S. Norberto
7	Q	S. Licarião
8	Q	Corpo de Deus
9	S	S. Feliciano
10	S	Sta. Margarida
11	D	S. Barnabé
12	S	Sto. Onofre
13	T	Sto. A. Padua
14	Q	S. Bas. Magno
15	Q	Sta. Dula
16	S	S. C. de Jesus
17	S	Sta. Thereza.
18	D	N. S. M. Deus
19	S	Sta. Juliana
20	T	S. Silverio
21	Q	S. L. Gonzaga
22	Q	S. P. de Nola
23	S	Sta. Edeltina
24	S	S. J. Baptista
25	D	N. S. P. Socorro
26	S	S. Salvio
27	T	S. Ladislau
28	Q	S. Irineu
29	Q	S. P. e S. Paulo
30	S	S. Marçal

MENTIRAS DOS INDIOS

Quando os primeiros exploradores chegaram á America, os indios lhes contaram historias mentirosas a respeito de certos animais.

Uma dessas era que os macacos da região amazonica atravessavam os rios fazendo déles mesmos uma cadeia e passando uns sobre os outros.

Outra historia fantastica era que os porcos espinhos tinham, a barriga em cima e as costas em baixo. Uma outra ainda que ate hoje é contada, dizia que a — PUMA — da sul america defendia o homem quando era atacado pelo Jaguar e investia contra ele furiosamente.

7.° *mês*, 31 dias — *Signo :* LEÃO

1	S	Sto. Aarão
2	D	Visit. N. Senhora
3	S	S. Jacintho
4	T	Sta. Sebastiana
5	Q	S. A. Zaccaria
6	Q	Sta. Domingas
7	S	Sta. Pulcheria
8	S	Sta. Izabel
9	D	N. S. Providencia
10	S	Sta. Felicidade
11	T	S. Pio I.
12	Q	S. J. Gualberto
13	Q	Sto. Eugenio
14	S	S. Boaventura
15	S	Sto. Henr. II
16	D	N. S. Carmo
17	S	Sta. Marcelina
18	T	S. Camilo
19	Q	S. Paulo
20	Q	S. Jeronimo
21	S	S. Daniel
22	S	S. M. Magdalena
23	D	S. Liborio
24	S	S. F. Solano
25	T	S. Thiago Maior
26	Q	S. Symphonia
27	Q	S. Pantaleão
28	S	S. Nazario
29	S	Sta. Martha
30	D	S. A. M. N. S.
31	S	Sto. Ig. Loyola

Julho-Agosto

Julho é o setimo mês do ano e tem trinta e um dias. Está sob o signo de Leão e seu nome deriva-se de Julio Cesar, o reformador do calendario romano. Primitivamente tinha o nome de Quintilis, porque era o quinto mês do calendario de Romulo. Em Julho comemora-se a Tomada da Bastilha, revolução francese que marcou um avanço para a democracia no mundo.

•

Agosto, que é o oitavo mês do ano e tem trinta e um dias, tira o seu nome de Augustus, imperador romano que lhe deu trinta e um dias. Era consagrado a Cères, deusa da fartura. Está sob o signo da Virgem.

8.° *mês*, 31 dias — *Signo :* VIRGEM

1	T	S. Irmão Machabeus
2	Q	N. S. dos Anjos
3	Q	Sto. Eufronio
4	S	S. Domingos
5	S	N. S. Neves
6	D	Transf. NSJC
7	S	S. Caetano
8	T	S. Cyriaco
9	Q	S. Simão
10	Q	S. Lourenço
11	S	Sta. Filomena
12	S	Sta. Clara
13	D	Sto. Hipolito
14	S	N. S. Bôa Morte
15	T	A. N. Sra.
16	Q	S. Roque
17	Q	S. Mamede
18	S	Sto. Agapito
19	S	S. Julio
20	D	S. Joaquim
21	S	S. Privato
22	T	S. Simfronio
23	Q	Sta. Theonila
24	Q	S. Bartholomeu
25	S	S. Luiz
26	S	S. Zeferino
27	D	S. C. de Maria
28	S	Sto. Agostinho
29	T	S. J. Batista
30	Q	Sta. Rosa Lima
31	Q	S. Raimundo Nonato

PATENTES DE INVENÇÕES

Ha cem anos, mais ou menos, um empregado do Registro de Patentes dos Estados Unidos, pediu demissão porque julgava que as invenções já haviam sido esgotadas e que ele teria de perder o emprego de qualquer forma.

Hoje, os Estados Unidos representam o paiz que mais artigos tem "patenteado". Os pedidos de patentes chegam em porções numa media de mais ou menos 200 por dia, isto é, mais de 60.000 por ano.

Todas estas patentes se referem a varios sectores de trabalho e, nos ultimos anos verificou-se que a maioria tem sido concedida para trabalhos sobre o radio, sobre cinema e aeroplanos. Agora, até sistemas completos são "patenteados". A "Rosa da nova madrugada" recebeu a primeira patente do seu sistema, recentemente.

Setembro - Outubro

9.ª mês, 30 dias — *Signo* : BALANÇA

1	S	Sto. Egydio
2	S	Sto. Estevão
3	D	N. S. Consolação
4	S	Sta. Rosalia
5	T	S. Bertino
6	Q	S. Zacharias
7	Q	Ind. do Brasil
8	S	Nativ. N. Senhora
9	S	S. Sergio
10	D	S. N. Maria
11	S	Sta. Theodora
12	T	S. Juvencio
13	Q	Sto. Amado
14	Q	Ex. Sta. Cruz
15	S	N. S. das Dores
16	S	Sta. Edith
17	D	Sta. Adriana
18	S	S. J. Cupertino
19	T	S. Januario
20	Q	Sto. Evilasio
21	Q	Sta. Ephigenia
22	S	S. Thomaz
23	S	S. Lino
24	D	N. S. Mercês
25	S	Sto. Herculano
26	T	S. Cipriano
27	Q	Sto. C. Damião
28	Q	S. Wenceslau
29	S	S. Miguel
30	S	S. Jeronimo

Setembro é o nono mês do ano, tem trinta dias e está sob o signo Balança. O seu nome vem do latim September, setimo mês do ano romano. Tem ainda os nomes de Tiberius, Germanicus, Autonuis e Merculens. Era consagrado ao deus Vulcano. E' neste mês que o calendario civico brasileiro comemora o dia da Patria, que passa no dia 7, aniversario da Independencia do Brasil.

•

Outubro é o decimo mês do ano, tem trinta e um dias e está sob o signo Escorpião. Seu nome vem de October, oitavo mês do calendario de Romulo. Foi neste mês que o navegador genovês Cristovão Colombo, no ano de 1492, descobriu o Novo Mundo.

10.ª mês, 31 dias — *Signo* : ESCORPIÃO

1	D	N. S. da Penha
2	S	S. Anj. Guarda
3	T	S. Candido
4	Q	S. F. de Assis
5	Q	Sta. Flaviana
6	S	Sta. Erotides
7	S	S. Marcos
8	D	Mat. N. Sra.
9	S	S. Luiz Beltrão
10	T	Sto. Eulampio
11	Q	S. Germano
12	Q	D. America
13	S	S. Eduardo
14	S	S. Calixto
15	D	Pur. N. Senhora
16	S	Sto. Martiniano
17	T	Sta. Edwiges
18	Q	S. Luc. Evangelista
19	Q	S. Pedro Alcantara
20	S	S. Lindolfo
21	S	Sta. Ursula
22	D	S. Veracundo
23	S	O. Beato G. L.
24	T	S. Rafael
25	Q	S. Chrispim
26	Q	Sto. Evaristo
27	S	S. Elesbão
28	S	S. Simão
29	D	S. Zenobio
30	S	S. Serapião
31	T	S. Nemesio

LENDAS INGLÊSAS

No oéste da Inglaterra ha uma velha lenda — de que as fadas ajudaram Sir Francis Drake quando a Inglaterra foi ameaçada pela armada espanhola.

Conta a historia, que Drake estava sentado trabalhando com um pedaço de páo na mão sobre — A ponta do Diabo — um promontorio que vai ter á Plymouth. Drake estava fazendo os seus planos cheio de atenção e anciedade.

Saindo dos seus sonhos ele reparou com grande surpresa que tinha transformado o pedaço de páo numa espingarda. Depois de sua grande vitoria a rainha Elisabeth presenteou-o com a Abadia de Buckland.

Novembro - Dezembro

11.° mês, 30 dias — Signo : SAGITÁRIO

1	Q	Todos os Santos
2	Q	Finados
3	S	Sta. Sylvia
4	S	S. C. Borromeu
5	D	N. S. Cabeça
6	S	S. Leonardo
7	T	S. Florencio
8	Q	S. Godofredo
9	Q	S. Sotero
10	S	Sto. Avelino
11	S	S. Mennas
12	D	Pat. N. Senhora
13	S	S. Nicolau
14	T	S. Clementino
15	Q	Procl. Republica
16	Q	Sto. Edmundo
17	S	S. Gregorio
18	S	S. Romão
19	D	N. S. Amparo
20	S	S. F. de Valois
21	T	Apr. N. Senhora
22	Q	Sta. Cecilia
23	Q	S. Clemente
24	S	Sta. Flora
25	S	Sta. Catharina
26	D	S. P. Alexandrino
27	S	S. Fecundo
28	T	S. Sosthenes
29	Q	S. Saturnino
30	Q	Sto. André

Novembro é o undecimo mês do ano, tem trinta dias e está sob o signo sagitario. Deriva seu nome de November, por ser o nono mês do calendario de Romulo. Era consagrado á deusa Diana e teve, como alguns dos precedentes o nome de varios herois romanos. Neste mês foi instituido o regimen republicano, no Brasil.

O mês de Dezembro é o duodecimo do ano, tem trinta e um dias e está sob o signo Capricornio. Consagrado á deusa Vesta, era o decimo mês do calendario romano e tinha o nome de December. O mundo católico brasileiro considera de festa o periodo de 25 a 31, comemorando a 25 o Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

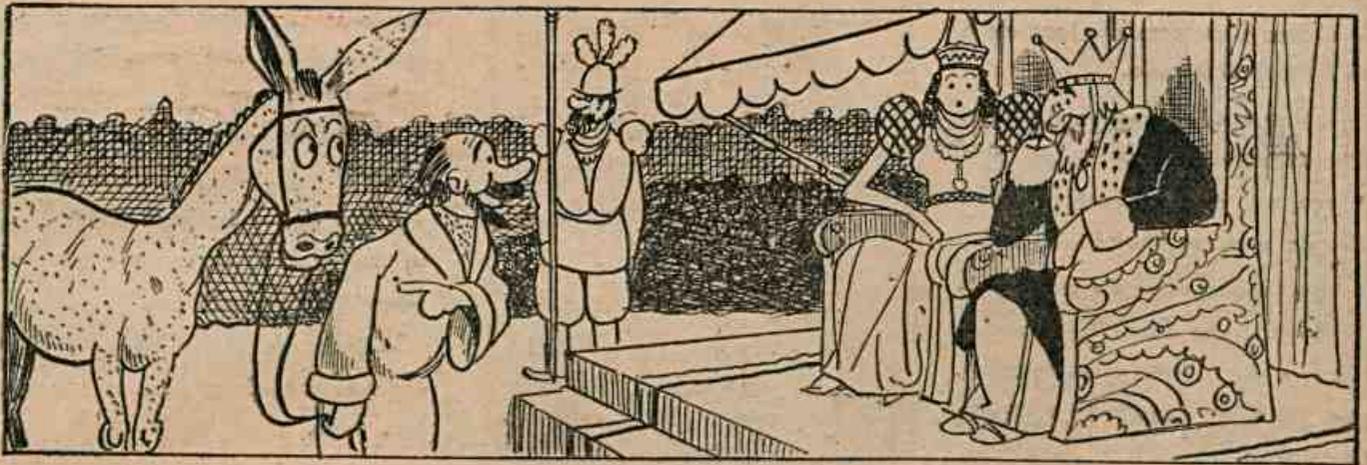
12.° mês, 31 dias — Signo : CAPRICOR-

1	S	Sto. Ananias
2	S	Sta. Bibiana
3	D	I. do Advento
4	S	Sta. Barbara
5	T	S. Sabbas
6	Q	S. Majorico
7	Q	Sto. Ambrosio
8	S	Conc. N. Sra.
9	S	Sta. Leocadia
10	D	S. Melchiades
11	S	S. Damasio
12	T	S. Justino
13	Q	Sta. Luzia
14	Q	S. Pompeu
15	S	S. Maximiano
16	S	S. Ananias
17	D	S. Lazaro
18	S	N. S. Parto
19	T	S. Nemesio
20	Q	Sto. Eugenio
21	Q	S. Themistocles
22	S	Sto. Honorato
23	S	Sta. Victoria
24	D	Sta. Herminia
25	S	Dia de Natal
26	T	Sto. Estevão
27	Q	S. João Evang.
28	Q	Santos Innocentes
29	S	S. Th. Cantuaria
30	S	S. Anisio
31	D	S. Sylvestre

A INVENÇÃO DO CINEMA

O belga Plateau (1801-1883) foi o inventor de um cinema de brinquedo chamado — phenakistoscopio.

O phenakistoscopio era um grande disco de papelão com figuras em cada lado e que se passava diante de um espelho, para refletir os desenhos das gravuras.

Assim, por exemplo, a pintura de um cavalo em posição de correr dava a impressão de estar em grande velocidade e ás vezes uma cena do sertão, entre animais e caçadores tambem refletia-se no aparelho com uma vivacidade e expressão extraordinaria. M. Raynaud de França, inventou o — praxinoscopio — cujo retrato se vê na gravura. Neste aparelho, os quadros pareciam mover-se no centro do espelho.

A CAMPAINHA ENCANTADA

Tradução de Galvão de Queiroz

Governava os destinos do grande reino de Melania um rei chamado Carrasclás II, soberano profundamente antipatico.

Era costume tradicional, no país, que no dia dos anos do monarca fosse concedida ao povo audiencia pública, e quem quizesse podia oferecer-lhe presentes. No caso de achar valioso, por qualquer motivo, o presente oferecido, o ofertante receberia, por sua vez, uma dadiva, que tinha a liberdade de escolher á vontade.

Carrasclás tinha uma filha, a princesa Robustiana, e essa princesa, que era formosissima, amava em segredo um pobre trovador ambulante, que tinha por ela, tambem, uma imensa paixão.

Por isso, quando sucedeu que seu pai manifestou desejos que ela se cesa Robustiana, e essa princesa, que rou copiosamente, porque o rei pretendia que seu marido haveria de ser o rei arabe Ajilimóji o principe persa Kalkóni.

O rei exigia obediencia á filha, porém nada conseguia nem com ameaças. E assim corriam as coisas até, que chegou o dia do aniversario do soberano, e ouve, como era de habito, a audiencia pública para a oferta de presentes.

Carrasclás subiu ao seu trono, colocado á porta do palacio, e ao seu lado tomou assento a princesa, muito palida, pensando no seu trovador.

Em frente ao trono se aglomerava a multidão, curiosa, pois era aquele um raro espetáculo a que todos queriam presenciar.

O primeiro a chegar, trazendo um presente foi um homem do povo, que ofereceu-lhe uma caixa, contendo uma pedra verde, de tamanho regular.

— Minha pedra — disse ao rei — é um talisman prodigioso, que permite a cada um vêr seus proprios defeitos.

O rei, entusiasmado, perguntou:

— E poderei vêr, tambem, os defeitos dos demais?

— Não. Apenas aquele que fite o interior da pedra misteriosa poderá vêr os proprios defeitos — como expliquei a Vossa Magestade.

— Pois quero experimentar — acrescentou o monarca.

Logo, porém, que olhou o interior do talisman, viu lá sua propria imagem refletida, mas ornada com duas enormes orelhas de burro.

Estava quasi a deixar transparecer a colera que o invadiu, mas lembrou-se de que os outros nada viram, e resolveu ficar quieto, apenas dizendo:

— Nada vejo aqui, por mais que olhe!

— E' que — explicou, a sorrir, o ofertante — naturalmente Vossa Magestade não tem defeitos... Pois quanto a mim, sempre que olho, me vejo sob fórma de papagaio, porque o meu principal defeito é ser palrador.

•

Mandou o rei que lhe déssem mil moedas de ouro pela pedra misteriosa, conforme o homem pedira, e veio outro ofertante.

Este outro trazia um burrico pelo cabresto, e logo explicou que aquele animal, que tambem era verde era o "burro que vôa". Bastava que alguem, montando-o dissésse estas palavras: "Vôo, volatis, caraba carabatis", para que o animal subisse o mais alto possivel, atingindo distancias incriveis.

Um murmurio de incredulidade se levantou entre os presentes e, ouvin-

de-o, disse o seu possuidor, que era o rei Ajilimoji disfarçado.

— Vejo que não sou acreditado! Pois vou mostrar que disse a verdade, e peço, em troca de meu burro, a mão da princesa Robustiana!

Agora subirei. Quando quizer descer, bastará que diga: "Catapum — chim — chim", tres vezes seguidas, para que o burro me torne a depositar em terra.

Aconteceu, porém, que, emquanto o rei disfarçado explicava isto, o joven trovador chegou, sem ser visto, perto do burro, e lhe tapou com estopa uma das orelhas.

Ajilimoji cavalgou o animal, disse as palavras magicas e o burro começou a dar corcóvos antes de subir. Aproveitando isso, o trovador lhe tapou com estopa a outra orelha, e com as duas completamente cheias, absolutamente surdo, foi que o burro magico se elevou.

O rei e seus subditos ficaram longo tempo á espera de sua volta, mas como demorasse muito, mandou vir outro.

Cá de baixo se via o pobre Ajilimoji a sacudir os braços, mas o burro, que não ouvia, por causa da estopa, as palavras magicas, continuava a vôar...

•

Veio então o terceiro. Era um homem baixinho e barrigudo, e logo a princesa reconheceu, nele o principe Kalkómi.

Abrindo a bolsa, elle tirou uma pequena bola branca e, exibindo-a, disse:

— Com esta bolinha póde qualquer pessôa descobrir os maiores tesouros da Terra. Basta dizer-lhe: — "Bolinha, anda e mostra!" e jogá-la ao chão. Seguindo-a, logo se chegará onde haja um tesouro oculto.

— E que pedes por ela. — perguntou o rei.

— A mão da princesa Robustiana — foi a resposta.

— Vamos experimentá-la — disse com impaciencia o avaro Carrasclás.

O homem disse as palavras magicas e atirou a bolinha, que começou a correr em direção á aglomeração de populares.

— Abram! Abram! — gritava ele, receiando perder a bola de vista. Mas embora tivesse esse cuidado, não notou que o trovador tinha pegado a bolinha, e em seu lugar havia solto uma outra, de ping-pong, de igual tamanho.

Por fim a bola parou e, por mais que elle gritasse as palavras magicas, não se moveu mais do lugar.

O rei mandou então que lhe dessem cem varadas, para seu castigo, pois julgava ter sido vitima de uma zombaria.

Então se apresentou o pequeno trovador ao rei.

Trazia na mão uma campainha e, ajoelhando-se a seus pés, disse:

— Magestade, permita que vos ofereça esta campainha, e, se acaso vos agradar o meu presente, vos pedirei, em paga, a mão da bela princesa.

— Que valor tem tua campainha? — perguntou o monarca.

— Basta que nela pegue alguem e que vossa magestade pergunte a essa pessôa se vos é leal. Se quem a segura vos é fiel, nada succederá, mas se vos trahir, mesmo em pensamento, a campainha soará, denunciando a traição.

Um clarão de alegria iluminou o semblante do rei, que suspeitava de alguns dos seus auxiliares.

— Deixe-me vêr a campainha — disse. E, voltando-se para seus ministros, falou.

— Cada um de vós aqui virá para que eu vos interrogue. Quero saber quem me é fiel, dentro de meu reino!

O primeiro a ser interrogado foi o Primeiro Ministro, que ainda teve a calma para exclamar:

— Magestade, acaso duvidais de minha lealdade?

— Responde se me és fiel — foi a resposta do rei.

E a campainha começou a tocar, no mesmo instante.

Os outros ministros vieram e tiveram igual sorte, porque todos conspiravam contra o rei e roubavam o povo. O monarca os foi exonerando um por um e mandando castigá-los, e imediatamente consentiu no casamento de Robustiana com o mancebo.

Depois de casado o trovador explicou, um dia, á princeza, o segredo da campainha. Não tinha ela dom nenhum. Foi invenção sua. Acontecia que todo aquele que a pegava e tinha a conciencia a acusá-lo de crime contra o rei, receiava ser descoberto, e logo se punha tão tremulo que a campainha sôava.

•

Quanto ao rei arabe, continuou voando em seu burro, durante dois anos, até que cairam das orelhas do animal o tampão de estopa. E para comer, um seu pagem lhe atirava, com um bodoque, pêras, maçãs, e outras frutas...

O Cavalo de Samir

Um cheique chamado Samir, da tribu de Tetuan, possuia um cavalo famoso, que certo Daher, arabe de outra tribu, cobiçava. Daher ofereceu, em troca do belo corcel, todos os seus camelos, porém, Samir não aceitou tal proposta. Um dia o arabe disfarçou-se á beira do caminho por onde havia de passar o cheique montado em seu belo cavalo.

Quando viu que Samir se aproximava, implorou com voz triste e sucumbida :

— Sou — ó cheique ! — um infeliz peregrino; encontro-me ha tres dias doente e sem forças para sair deste lugar em busca de alimento. Socorrei-me, ó generoso cheique !, e do céu recebereis a paga de vossa esmola !

Samir ofereceu-se bondosamente para levá-lo na garupa do cavalo; o velhaco, porém, replicou :

— Não posso levantar-me, senhor ! Estou fraco; sinto-me sem forças.

Comovido diante de tão deploravel miséria, desceu Samir do cavalo e com grande dificuldade colocou o falso mendigo sobre a sela de seu animal.

Apenas se pilhou encavalgado, o tratante esporeou o animal e afastou-se dizendo :

— Sou Daher ! Tenho agora este cavalo em meu poder. Vou levá-lo para a minha tenda, quer queiras ou não !

Samir pediu-lhe que parasse um momento, pois queria solicitar-lhe, apenas, um favor.

O ladrão, na certeza de que não poderia ser perseguido ou agarrado, deteve-se.

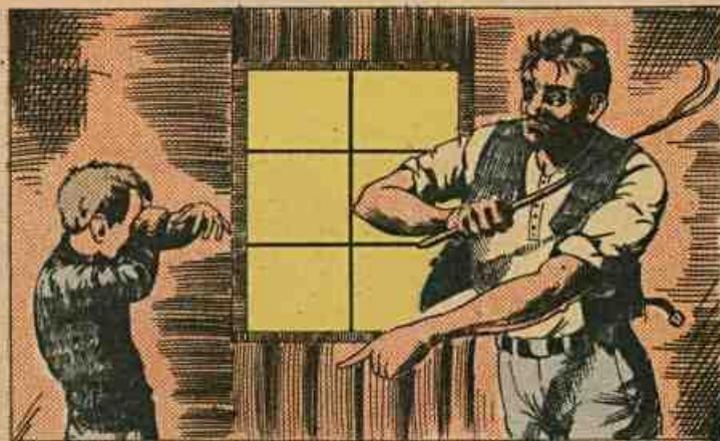
— Apoderaste-te de meu cavalo — disse-lhe Samir — e desejo que te sirva. Peço-te, entretanto, que não reveles a ninguem a maneira pouco digna pela qual o obtiveste.

— E por que não ? — indagou Daher.

— A razão é simples — explicou o cheique — Póde acontecer que outro homem encontrando-se verdadeiramente enfermo, veja-se forçado, algum dia, a pedir auxilio e o viajante poderá desconfiar do infeliz e negar-lhe assistencia e esmola. Serás a causa de que muitos se abstenham de praticar a caridade pelo receio de uma traição !

Envergonhou-se Daher ao ouvir essas palavras, e inspirado pelo arrependimento desceu do cavalo e devolveu-o ao seu dono. Samir convidou-o a ir até a sua tenda, onde passaram juntos vários dias, e do caso nasceu, entre êles, uma sincera amizade que durou toda a vida.

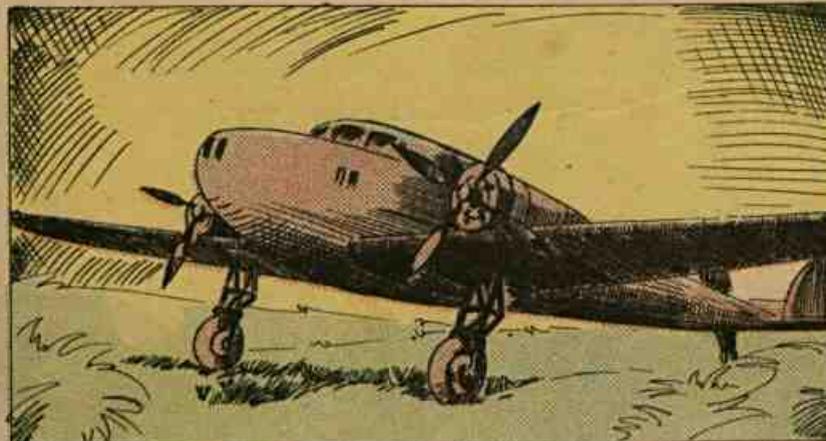
(D.)

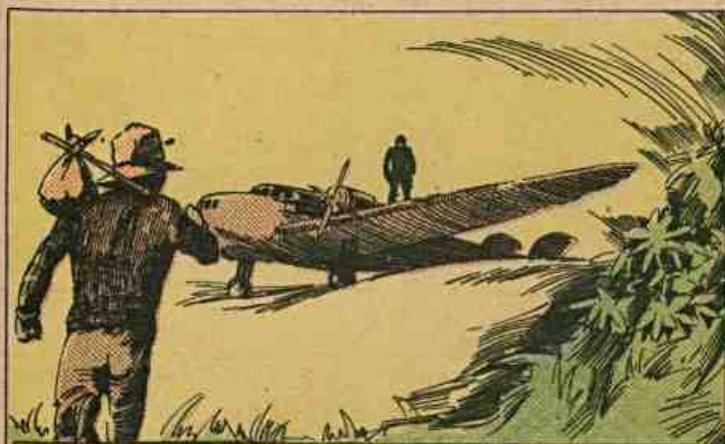
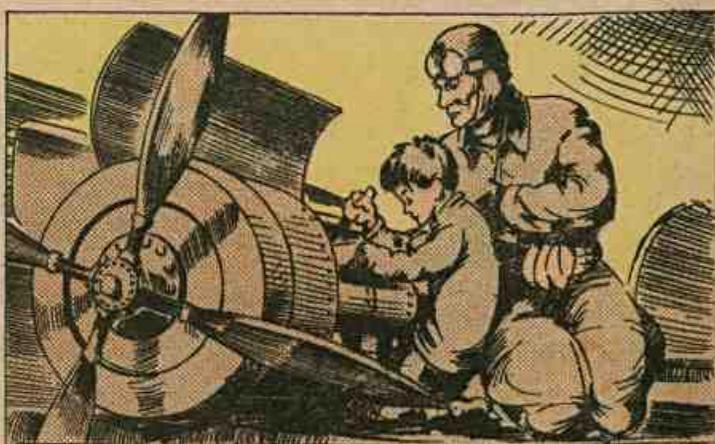
Havia, uma vez, um lenhador que tinha um filho, menino inteligente e bom, que ajudava o pae nos trabalhos diários. Mas o menino sempre desejava abandonar aquêla vida e ir para um colégio, aprender.

O pai, porém, homem rude, não gostava de tal desejo do filho e foram muitas as vezes que o menino foi surrado por ter, como sempre fazia, manifestado o desejo de estudar. Um dia, o garôto, cada vez...

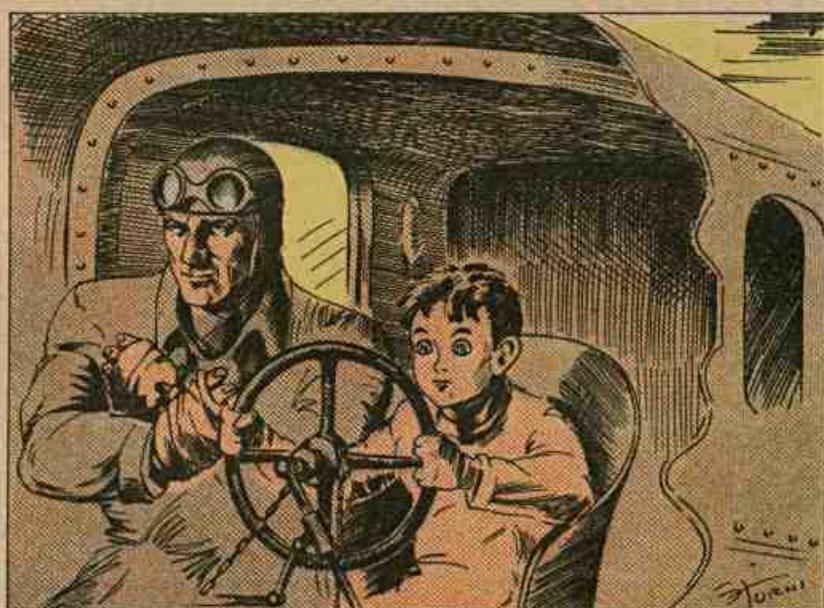
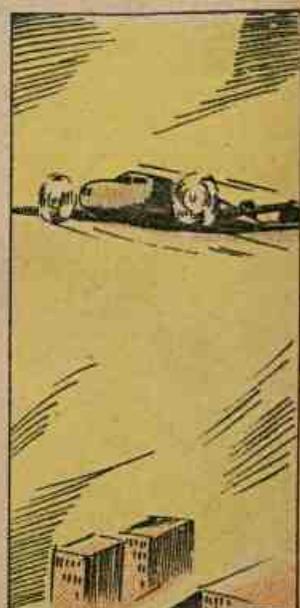
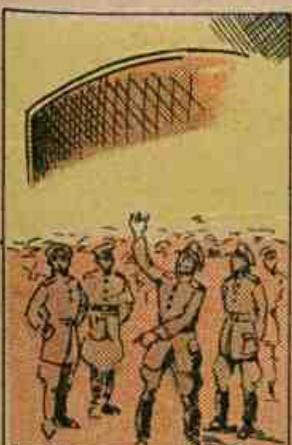
...mais firme no proposito de estudar, resolveu fugir da casa paterna, em busca do seu ideal de...

...ilustração. E durante dias e noites seguidas, o garôto, cheio de coragem e de fé, caminhava por vales e montes, por florestas e bosques, cheios de perigos. Para alimentar-se o garôto utilisava-se de uma ou outra caça. Mas nunca esmoreceu no proposito de estudar. Um dia, atravessando extenso deserto, seus...

...olhos se ergueram para o céo, a ouvir o ruido do motor de um avião que passava.

E logo em seguida, com grande surpresa, o menino notou que o avião baixava á terra, com...

...o motor parado. Aquêla possante máquina aérea era um aviso militar e seu piloto fizera-se á terra, porque havia ocorrido um incendio num tanque de gazolina. O aviador era o unico tripulante e, com as mãos horrivelmente queimadas, saltou do aparelho procurando apagar as chamas. O piloto estava devéras...

...acabrunhado porque se via em situação de não poder continuar o vôo com o seu...

...ultra moderno aparêlho. Mas a providencia divina ajudou o aviador, pois trouxe á sua presença o menino lenhador que, vendo a gigantesca aeronave, se aproximou e ofereceu seus préstimos.

O piloto, com ambas as mãos inutilizadas pelas queimaduras, aceitou o oferecimento do garoto que, guiado pelo aviador, ajustou as peças do avião que, em breve, entrou em funcionamento.

E, instantes depois, a possante aéronave militar alçava vôo, com...

...velocidade espantosa, riscando o azul do céo. Como o piloto, com as mãos queimadas, nem siquer podia segurar o volante, utilizou-se da ajuda do prestimoso menino que, sob seu controle, dirigiu o magestoso avião militar...

Depois de algumas horas de vôo o aparelho militar chegou ao...

...seu destino, um famoso parque militar de avião. No campo, todos os militares estavam...

...anciosos pela chegada do aviador, que trazia documentos de alta importancia. O aviador explicou tudo que ocorrera e o menino, ha pouco desamparado, foi considerado como heroi nacional, tomando o governo a si a tarefa de sua educação e obrigando-o a frequentar uma escóla. E foi assim que, cóm a ajuda de...

...Deus, o pequeno lenhador realizou o seu dourado sonho, que era estudar.

SEU MANÉ VALENTÃO
Oswaldo Storni

"Seu" Mané dizia a todo o mundo que não conhecia o medo. Era valente que...

...não acabava mais. Mas tudo era prosa. Uma noite, "seu"...

?
...Mané, viajando, teve de dormir no campo. E alta noite surgiu-lhe á...

?
...frente um vulto que o convidou para pernoitar numa cabana proxima do local. — Eu móro lá e você passará a noite em minha casa. Quando o "seu" Mané entrou na cabana o vulto desapareceu repentinamente para surgir um exquisito ser, com cara de Lucifer que gritou: — Feche os...

!
...olhos, "seu" Mané! Mané obedeceu quando abriu os olhos viu dansando ao...

...longe a figura macabra de um esqueleto. E emquanto "seu"...

...Mané olhava, já cheio de medo, o esqueleto, eram-lhe atirados sapatos,...

...uma bengala e um chapéo. Tremuto, apavorado, "seu" Mané chegou a ver diabinhos a passearem sobre a propria testa. E, então, vendo fantasmas em todas as cousas, fugiu desabaladamente, sem perceber que tudo que vira foi obra de alguns companheiros que quizeram pôr á prova a sua valentia.

(LENDA ORIENTAL)

Conta-se que o rei Hiamir chamou, certa vez, o seu digno ministro Idálio e disse-lhe :

— Quero fazer, ó vizir !, uma longa e demorada excursão a uma das regiões mais longinquas do meu reino. Formei o desejo de visitar e percorrer o país de Tiapur, na fronteira. Estou informado, porém, de que essa provincia, sobre ser pobre e triste, é ariada e sem conforto. Daqui partirás, pois, alguns mêses antes de mim, levando os recursos que forem necessarios. Logo que chegarmos a Tiapur mandarás, sem demora, construir um magnifico palacio, com largas varandas de marfim e patios floridos, em que me possa hospedar, durante uma temporada com tranquilidade e conforto.

—x—

Ao chegar, porém, ao país de Tiapur o vizir Idálio ficou desolado com o estado de pobreza e de abandono em que se achava a população. Encontrou, pelas estradas, crianças famélicas, núas, que mendigavam tamaras sêcas: em casébres de palha, centenas de infelizes, queimadas pelas febres, morriam de inanição; mulheres mal cobertas de súrdidos andrajos, com os filhinhos nos braços, deixavam-se ficar, esquálidas, no pátio da velha mesquita, aguardando os pedaços de pão que alí eram atirados por beduinos supersticiosos.

Os quadros de miseria e sofrimento que se desenrolavam, a cada passo e a todo instante, torturavam o coração do poderoso ministro. E êle trouxéra, por ordem do rei, mais de trinta mil dinares que seriam gastos na construção de um grandioso palácio !

Que fez o vizir do rei ?

Levado por um impulso irresistivel de bondade, em vez de executar a ordem do poderoso soberano, deliberou gastar o dinheiro que trazia beneficiando a infeliz população de Tiapur. Mandou, pois, construir abrigos para os desamparados; distribuiu viveres entre os mais necessitados; determinou que todos os enfermos, fossem sem demora, medicados; forneceu vestes aos que estavam nús, e pão em abundancia, aos famintos. Por sua ordem foi construido um grande asilo para os orfãos; mandou ainda, erguer um vasto hospital, onde recolheu os cégos e aleijados.

Ao fim de alguns mêses, notava-se uma transformação completa na cidade. Os homens haviam voltado, cheios de entusiasmo, ao trabalho e por toda a parte reinava a alegria: as crianças brincavam nos pátios e as mulheres cantavam nas portas das tendas.

E do palácio maravilhoso, que o rei Hiamir encomendára, nada existia . . .

—x—

Um dia, afinal, como já estava combinado, o rei Hiamir, acompanhado de grande escolta, deixou a bela cidade em que vivia, para jornadear pelas terras fronteiriças de seu reino.

O vizir Idálio foi ao encontro do soberano e aguardou a chegada da régia caravana.

— Mas onde está, ó vizir, — perguntou o rei — o palácio de Tiapur ?

— Rei poderoso ! — respondeu o vizir Idálio — Antes de vos falar do palácio que aqui vim erguer, segundo vossa determinação expressa, tenho um pedido muito sério a fazer-vos. Segundo as nossas leis aquêle que desobedecer ao Rei, praticando consciente um abuso de confiança, deve ser condenado á morte. Houve, ó Rei ! um homem de vossa imediata confiança que praticou o grave delito da desobediencia. Espero que determineis, sem demora, a execução do culpado.

— Quem é o acusado ? — indagou o monarca — Como se chama ?

— O criminoso sou eu, ó Rei ! — respondeu o vizir.

E sem ocultar aos olhos do soberano, a menor parcela da verdade descreveu, em poucas palavras, o estado deploravel em que encontrára o povo daquela terra. Falou do abandono em que se achavam os enfermos, das criancinhas esqualidas que mendigavam, e da miseria inenarravel que torturava as pobres mães. Confessou afinal, que êle, a alma confrangida diante de tanto sofrimento, em vez de construir o palácio real, resolvera despender todos os recursos da caravana real em socorrer e mitigar a triste sorte da população.

E, ajoelhando-se aos pés do monarca exclamou o bom vizir :

— Não cumpri, ó Rei !, como acabei de confessar, a ordem que me destes. Desobedeci ao meu amo e senhor ! E aguardo, humilde, o castigo de que me fiz merecedor. Que seja contra mim lavrada a sentença de morte !

— Levanta-te ! Dá-me a tua mão, meu amigo — ordenou o Rei — Não poderá pesar, jámais, em tua consciencia, a culpa dos desobedientes. O palácio de cuja construcção, em bôa hora, foste por mim encarregado, acha-se construido com incomparavel arte e invejavel talento. E posso, deste lugar abrangê-lo em suas linhas suntuosas, em seu conjunto soberbo, em sua cúpula radiosa e eterna.

E erguendo o rosto como se fitasse algum monumento fantastico, exclamou cheio de entusiasmo e comoção :

— Que palácio maravilhoso ! Como é lindo e deslumbrante ! Vejo as torres cintilantes nas fisionomias alegres das crianças que foram por ti socorridas; admiro as largas varandas de marfim, no sorriso radiante dos meus subditos : reconheço os pátios enflorados no olhar de gratidão das mães felizes ! Como é majestoso e belo, ó vizir !, o palácio que a tua bondade fez erguer nas terras de Tiapur ! Alá seja exaltado !

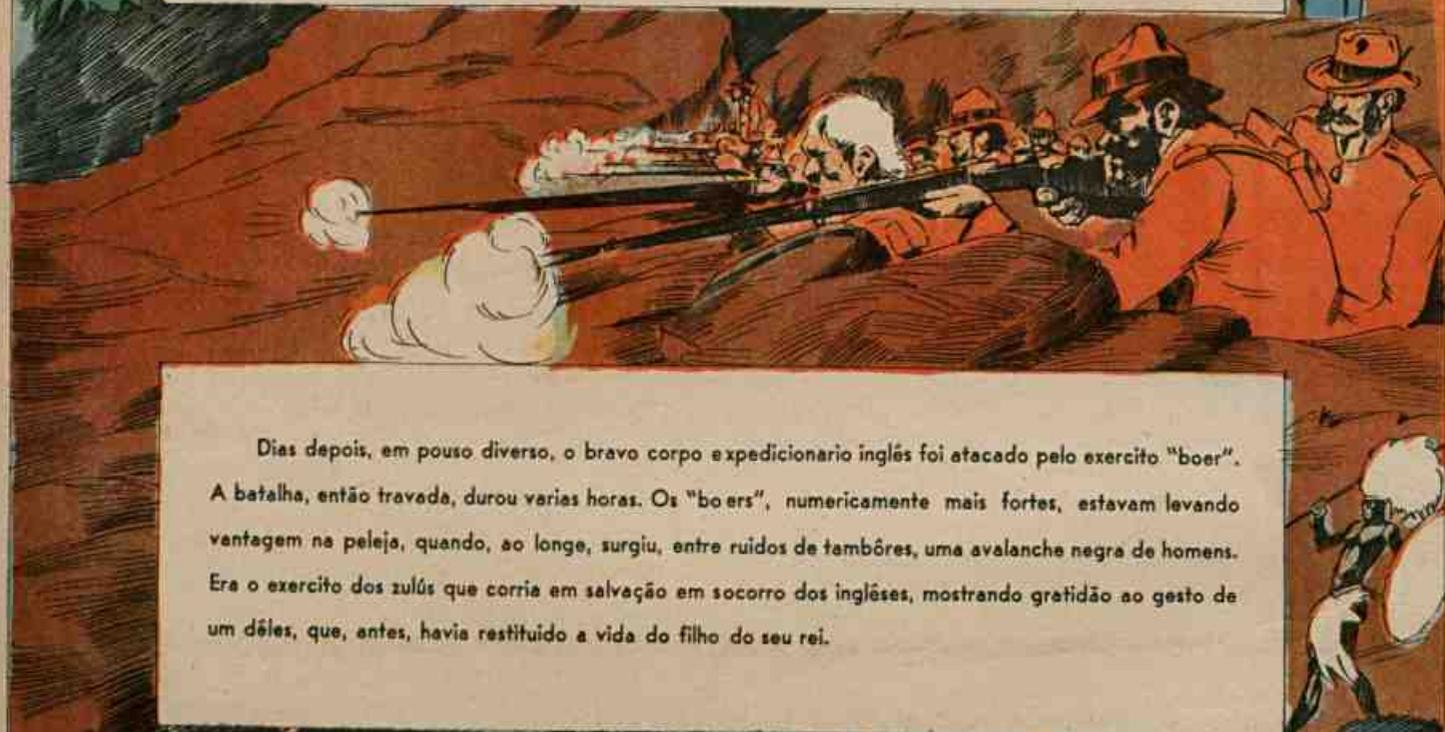
—x—

Reparai, meu amigo ! A verdade não deve ser ofuscada !

Grande fôra, sem duvida, o ministro Idálio ao praticar, com risco de sua vida, aquêle ato de caridade; maior, porém, demonstrara ser o Rei ao aprovar imediatamente, com intensa alegria, a generosidade de seu vizir.

O palácio maravilhoso do Rei Hiamir tinha os seus alicerces inabalaveis na terra; mas estendia as suas torres deslumbrantes ao céu.

na Zululandia
Oswaldo Storni
Quando os inglêses, já senhores de grande parte do sul do continente africano, entraram nas pelejas do Transwaal, em poder dos "boers", organisaram um exercito expedicionario. Foi com esse pequeno mas aguerrido corpo de soldados que se verificou o fato que vae ser adeante referido. Depois de marcharem muitas milhas para o interior, atravessando imensas florestas e palmilhando ardentes desertos, os soldados acamparam num sitio, bem perto da zona de ação do inimigo e onde vivia outro inimigo — os indios zulús. Sedenta de aventuras de guerra, á soldadesca não agradava o acampamento.
Um soldado, amante de aventuras, John O'Hara, resolveu, um dia, violar a vigilancia dos sentinélas e saiu do acampamento para explorar as redondezas. Depois de afastar-se algumas milhas, entrou em espêssa floresta, onde parou para repousar. E estava o soldado O'Hara a descansar quando ouviu gemidos. Apurando bem o ouvido, o soldado pôs-se a procurar o local de onde vinham os gemidos. Dentro de instantes viu-se no meio de muitos zulús, guerreiros gigantescos, que rodeavam um outro, gravemente ferido e a esvair-se em sangue.

na Zululandia
Oswaldo STORNI
O'Hara sentiu que um impulso de humanidade o impelia a socorrer o ferido. Esquecendo-se da condição de inimigo e ante o olhar feroz e desconfiado dos companheiros do ferido, John rasgou um pedaço de sua propria camisa e aplicando-o no logar do ferimento conseguiu deter a forte caudal de sangue do moribundo. Momentos depois, deu de beber ao ferido, que foi pouco a pouco se reanimando e teve a vida salva. Os zulús, sempre desconfiados, mostraram reservada gratidão ao aventureiro soldado.
Dias depois, em pouso diverso, o bravo corpo expedicionario inglés foi atacado pelo exercito "boer". A batalha, então travada, durou varias horas. Os "boers", numericamente mais fortes, estavam levando vantagem na peleja, quando, ao longe, surgiu, entre ruidos de tambôres, uma avalanche negra de homens. Era o exercito dos zulús que corria em salvação em socorro dos inglêses, mostrando gratidão ao gesto de um dêles, que, antes, havia restituido a vida do filho do seu rei.

A PEQUENA VAIDOSA

Maria é muito vaidosa. Gosta de passar horas a fio deante do espelho olhando o rostinho bonito... Mamãi muitas vezes a repreende,...

...pois quer que a filhinha se corrija desse defeito. Mas tudo em vão. Maria continúa a ser a mesma vaidosa de sempre.

Outro dia mamãi foi a cidade, e Maria aproveitou a ocasião...

...para se mirar no espelho... Depois experimentou todos os...

...chapéus da mamãi e até passou *baton* nos labios!...

Encontrando um pote de pomada, passou-o no rosto, pensando ser um crême de belêsa... Mas o certo é que o pote continha uma pomada corrosiva...

...que lhe queimou o lindo rostinho! Nunca mais quiz ser vaidosa. Hoje, em vez dos espelhos e pomadas prefere seus brinquedos de criança.

Coisas de Filosofo...

HAVIA na Persia, antigamente, uma academia de sábios, cujas bases eram as seguintes: — pensar muito, falar pouco e não escrever nada.

Certa vez apresentou-se perante a Academia o filosofo Zeb, que foi solicitar a sua admissão no cenáculo.

Tendo em vista as altas qualidades inteletuais e morais de Zeb, o presidente sentiu-se embaraçado para não aceitar a proposta do filosofo.

Enfim, usou de um expediente: mandou encher um copo de agua, de tal maneira, que uma gôta a mais fa-lo-ia transbordar.

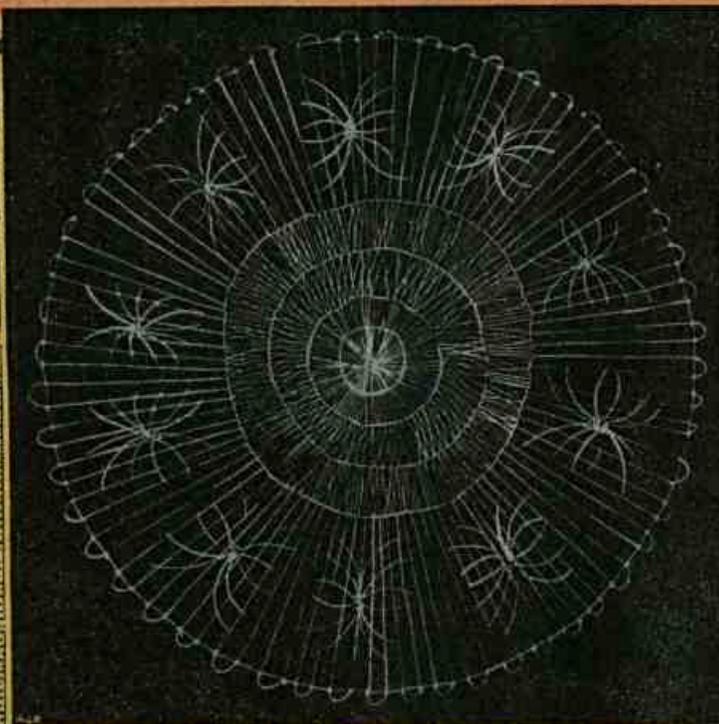
Zeb compreendeu que com isto queriam dizer-lhe que não havia mais lugar na Academia e já se dispunha a retirar-se quando deu com os olhos numa petala de rosa caida ao chão. Uma ideia magistral relampejou, então, pelo cerebro do grande pensador: tomou a petala, que o acaso lhe fizera chegar ás mãos, posou-a deli adamente sobre o copo de agua, porém, sem pronunciar palavra alguma de acôrdo com as leis da Academia a que se candidatára.

Como era de esperar-se, o copo não transbordou e a Academia em pêso corôou aquele notavel gesto com freneticos aplausos.

Zeb, segundo afirma a historia, foi o melhor membro da "ilustre companhia".

A HISTORIA NATURAL DAS MARAVILHAS

Texto e ilustrações de ALOYSIO

As aranhas

Acima vemos tres fases da construção maravilhosa dessa armadilha delicada cuja seda ultrapassa em beleza a tudo que a industria humana tem creado. Das milhares de aranhas conhecidas (atualmente 60 familias) apenas umas dez (Argiopideas) constroem teias regulares.

Desde os antigos gregos as teias de aranha (em grego a palavra ARACNE significava a teia e a propria aranha), têm sido celebradas em versos admiraveis e lendas tão ingenuas como bonitas pelos diferentes povos. Conta-se no Paraguai que foram as aranhas que ensinaram as paraguaias sua renda tipica—o nhanduti—que póde ser vista na ilustração acima. A lenda do nhanduti, delicadamente imaginada pela alma romantica do indio paraguaio merecerá uma pagina isolada no «Tico-Tico».

Ao alto vemos uma grande Migale sul-americana atacando ferózmente um pequeno passaro. A ferocidade dêsses curiosos animais tem sido muito exagerada pela maioria dos autores sendo mesmo relatados varios fatos como autenticamente cientificos e que hoje fazem parte da historia lendaria dos animais.

Ao lado vemos dois detalhes da anatomia das aranhas: mais a esquerda vê-se uma extremidade de pata e a outra ilustração representa um abdomen muito aumentado com os tres pares de fiandeiras.

Embora não muito apreciados pelos leigos esses animais prodigiosos recompensam fartamente aos naturalistas o trabalho penoso de observa-los com carinho: - As manobras mais inteligentes na elaboração de suas teias, ninhos e casas colocam as aranhas numa posição destacada entre os arquitetos ditos irracionais. Ha mesmo uma aranha - a ARGYRONETA - que constroe um ninho submerso cuidadosamente munido de reservas de ar que lhe permitem a respiração aerea debaixo d'agua. Revelam as aranhas sociais curiosos instintos de assistencia reciproca e desvelam-se em cuidados pela numerosa prole que em certas especies, ao atingir a idade adulta, abandona a teia materna lançando-se em vôo aventuroso, pelo espaço afóra, em pequenos balões de seda que elas descobriram muito antes de Bartholomeu de Gusmão. Outras utilizam-se de insétos como meio de transporte rapido como verdadeiros turistas do seculo trepidante do avião.

O PREMIO DO ATÚM

Bonifacio é um garoto fóra do comum. Singularisa-o uma sagacidade prematura e uma inteligencia aguçadissima.

Curioso ao extremo! Sua curiosidade, porém, não tem o sentido banal que caraterisa esse sentimento da maioria dos guris da sua idade. O que o interessa vivamente são as cousas do saber. Para os seus escassos doze anos já é bem pesada a soma dos conhecimentos que forma a base da sua incipiente cultura.

Certa vez Bonifacio ouvira do professor, em aula, em rapida passagem, uma alusão aos "assyrios".

A' noite, em casa, logo após o jantar, o petiz resolveu inquirir o pae. Queria saber que cousa eram os "assyrios".

O velho pai, repimpado numa confortavel cadeira de balanço, dobrou sobre os joelhos a ultima edição de um vespertino, assim resumiu ao filho a civilisação remotissima desse notavel povo asiático:

— A primitiva Assyria, meu filho, era o territorio compreendido entre os rios Zab Inferior, o Tigre e as montanhas do Kurdistão, na Asia.

E fez um parentesis:

— Olha, Bonifacio, vê o teu Atlas e acompanha, no mapa referente a essa antiga nação, o que te estou dizendo.

E continuou:

— Depois, em virtude de conquistas, estendeu-se até á Armenia, Persia, Média e Babylonia. Ao atingir ao mais alto podério, chegou a enfeixar, sob o seu governo, parte do Egypto, da Syria, da Phenicia, da Palestina, da America, grande extensão da Asia Menor e da Arábia. Atualmente, meu filho, a Assyria compreende o Kurdistão turco e grande parte da Persia. O país, na sua totalidade, era de uma fertilidade assombrosa, produzindo, em abundancia, muitos cereais e vide com que se fabricavam capitosos vinhos. Em compensação, escasseavam as arvores, si exetuarmos os esguios ciprestes e as copadas tamareiras.

A terra era argilosa e calcarea, o que proporcionava bom material para as construções, tornando-se famosos os tijolos assyrios pela resistencia que ofereciam. Além disso, sobejavam nas regiões montanhosas ferro, chumbo, cobre, prata, mármore e alabastro. O clima era agradabilissimo. As principais cidades assyrias foram: Assur (depois Ninive); Cale ou Kelach, á margem do Tigre; Arbela e Cogamela. De acôrdo com a tradição e as Sagradas Escrituras o fundador de Ninive chamava-se **Asur**, o qual deu o seu nome ao país.

*

* *

*

— Socialmente, existiam na Assyria quatro grandes classes: os **Sacerdotes**, os **guerreiros**, os **agricultores** e os **comerciantes**.

O rei era o unico proprietario de todo o territorio e dono tanto das vidas como das "fazendas". A justiça, embora aparentemente nas mãos dos ministros, dependia exclusivamente do monarcha. A este, as homenagens deviam ser tributadas como a uma divindade. Todos deviam ajoelhar-se ao passar em frente á uma estatua. Ao falecer, ficava o rei automaticamente incluido no numero dos deuses. O país estava dividido em provincias, governadas por um **sátrapa**, quasi sempre um despota, um tirano, perante o qual todos tremiam . . . Os assyrios possuiam um numeroso exercito, ao qual dispensavam toda a atenção. Destemidos guerreiros, eram invenciveis no assalto a uma cidade e no manejo das maquinas de guerra. Si as tropas marchavam á conquista de

um país, seguiam-nos velhos, mulheres e crianças destinados a povoar os territorios invadidos.

* * * *

— A vida na Assyria, para todas as classes sociaes, era comoda e até mesmo luxuosa. Seus habitantes vestiam túnicas de ricos tecidos e se adornavam com joias de ouro e prata. Os homens usavam os cabelos trançados e, todos, vasta barba crespa, especialmente os sacerdotes. Em todas as pinturas assyrias êles figuram dessa maneira. Só os escravos não tinham barba. Para prender os cabelos utilisavam uma cinta com fechos de metais preciosos. Da mesma forma que os egypcios, muitos dos objetos de uso familiar eram de marfim, ouro, prata e lapislázuli, adornados de pedras de turqueza, agátas, etc. As mulheres ostentavam vestidos largos e o cabelo trançado. Enfeitavam-se de colares, diademas, pulseiras, brincos, etc.

* * * *

— Para os assyrios, as tradições da creação do mundo e do diluvio universal eram fielmente aceitas. Adoravam, em primeiro lugar, a **Asur,** o fundador, cujo emblema era o disco alado que, erroneamente, muitos crém um simbolo egypcio. Adoravam tambem o deus **Samas** (o Sol); **Sin** (a Lua); e **Vul** (a Atmosfera). A deusa babilónica **Dankina** era veneradissima.

* * * *

— Graças á fertilidade do sólo a agricultura se achava em pleno florescimento. O cultivo da vida se espalhava por todo o país e nos banquetes se serviam, á vontade, vinhos fabricados pelos naturais. A industria alcançára notavel desenvolvimento e os assyrios destacavam-se, sobretudo, na ceramica, no preparo do vidro, moveis, tapetes e tecidos em geral, produtos estes que levavam a outros paízes da Asia e da Európa.

Eram, tambem, perítos joalheiros e as joias apresentavam um trabalho realmente admiravel. Pódem-se vêr ainda em diversos museus do mundo coleções destes adornos finamente lavrados como os egypcios. O comercio não era tão importante como o de outros paízes, si bem se exportassem diversas mercadorias.

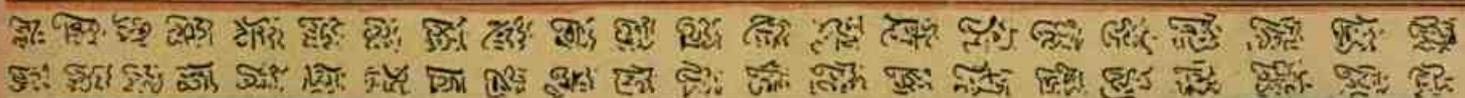
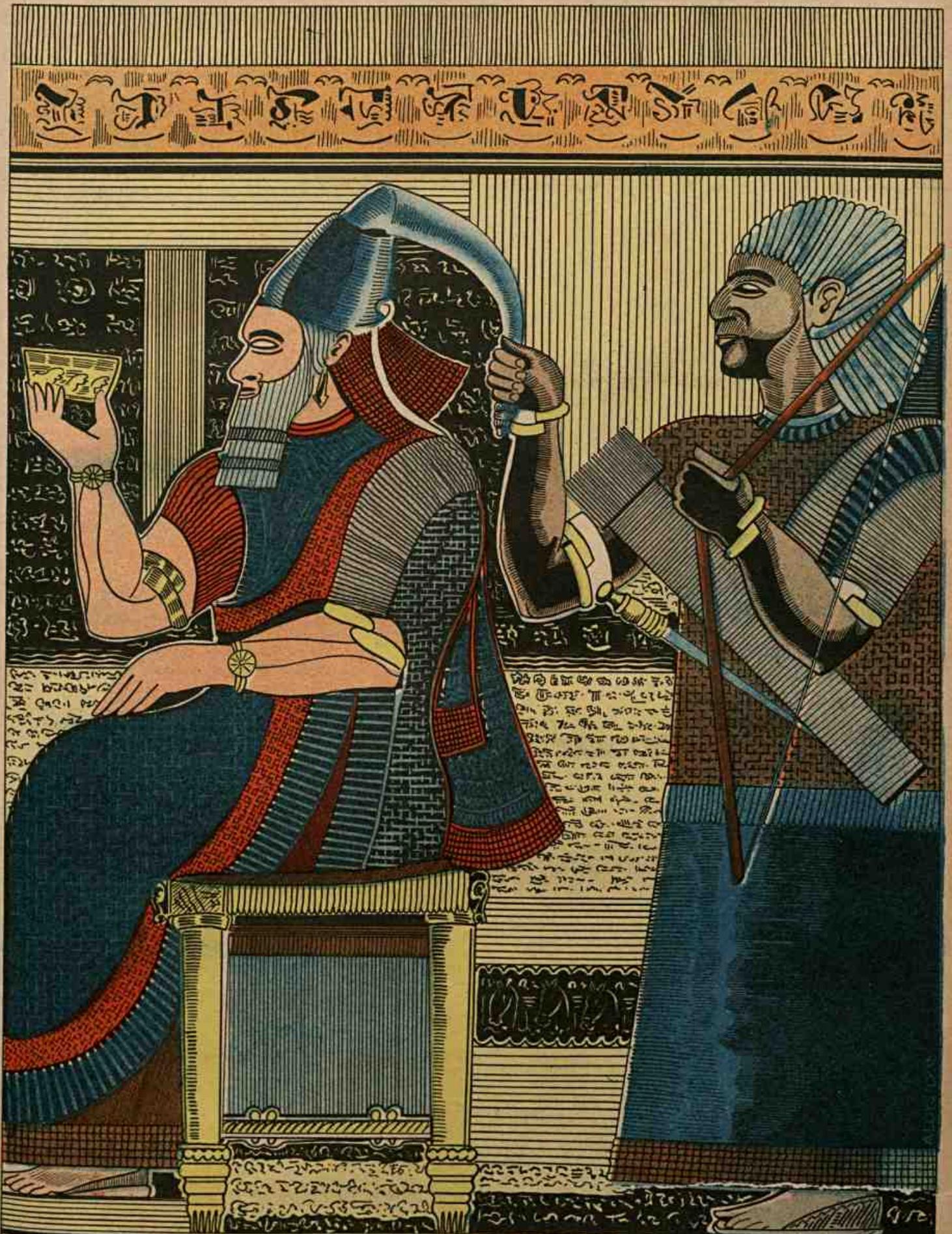
* * * *

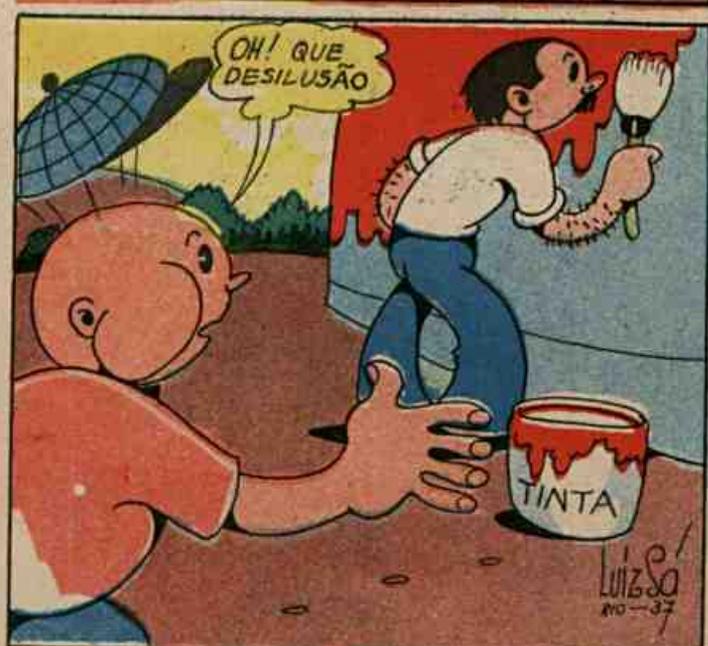
— Das questões referentes ás ciencias e ás artes, os assyrios foram ilustres cultores, particularmente os sacerdotes.

Distinguiram-se na historia, na matematica, na astronomia, nas ciencias naturais. A medicina, praticavam-na raramente : conduziam os doentes pelas ruas ou estradas para que a primeira pessoa que passasse lhes receitasse o remedio considerado mais viavel. Em arquitetura serviam-se, como material de construção, de tijolos cozidos e esmaltados. Mediam estes, ás vezes, 45 centimetros de comprimento e outro tanto de largura e 10 centimetros de espessura. Uniam-nos com barro ou, então, com betume. Os palacios-fortalezas e os templos eram quasi todos de forma quadrangular, com uma torre para o sacerdote astrologo, que dela observava o movimento dos astros.

Os assyrios se distinguiram, relativamente á escultura, em representar animais, de modo especial touros, leões, etc. Entre estes, a famosa "Leôa ferida" é uma verdadeira obra-prima.

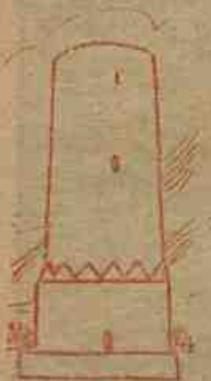
* * * *

— A escrita de que se valiam os antigos assyrios era a cuneiforme e o idioma, muito semelhante ao dos chaldeos, dos hebreus e dos fenicios. Escrevia-se geralmente em tábulas ou em cilindros de pedras, ou ainda em barro cozido, com uma especie de estilete de marfim, de osso ou de metal.

Sardanápalo I (Assurnasirpal ou Assurbanipal) bebendo acompanhado de um palaciano. Estilização de um baixo relevo atualmente no Museu Britanico, feita por ALOYSIO especialmente para o Almanaque do "O TICO-TICO".

BOLÃO BANCA O DETETIVE
FORMIDAVEIS ESTAS HISTORIAS POLICIAIS!
JÁ RESOLVI A CARREIRA QUE VOU SEGUIR. SEREI UM GRANDE DETETIVE, AMIGO AZEITONA. SHERLOCK HOLMES É "CAFÉ PEQUENO" PARA MIM!
ISSO É ALGUMA COISA QUE SE COMA?
SANGUE! PARECE TRATAR-SE DE UM GRANDE CRIME. VOU INVESTIGAR!...
ESSE FIO DE CABELO DEVE SER DO ASSASSINO!
OS PINGOS DE SANGUE TERMINAM AQUI. JÁ DEVO ESTAR PERTO DO LOCAL ONDE ESCONDERAM O CADAVER!...
OH! QUE DESILUSÃO
TINTA
Luiz Sá
RIO — 37

A INDIA DE NOSSOS DIAS

A misteriosa peninsula asiatica, que se estende além do Ganges, separada do Thibet pela cordilheira do Himalaia, não é o brumoso país da fantasia que alguns escritores imaginaram. A patria de R. Kipling, o grande escritor, do Mahatma Gandhi e dos párias paupérrimos, é a mais produtiva possessão inglêsa, com uma extensão de cincoenta milhões de quilometros quadrados e uma população de tresentos milhões de almas. A capital é Delhi, á margem do rio Jumna. Tem cidades populosas que passam de um milhão de habitantes, como Bombaim e Calcutá, e outras de meio milhão, como Madras e Ranggoon.

A India divide-se em quinze provincias e dezoito estados semi-independentes. Mais de dois terços da população pertencem á raça ariana, que deu ao país a lingua principal. Povo, dividido em castas e côres, que tem como base de sua organisação sua religião, que é o Bramanismo.

Na India existem incontaveis templos, alguns assombrosos, como o de Madura. No país são falados cento e quarenta e sete idiomas, mas o principal é o Indostanico. De fauna e flora assombrosas, suas florestas e montanhas, em muitas das quais o homem ainda não palmilhou, ha misterios, talvez de civilisações passadas, de crenças, de magias que tecem a trama do desconhecido para a humanidade.

A.V.
D.S.M.
E.C.
V.M.M.
I.D.F.
F.R.H.
M.J.
M.G.D.
F.O.
G.R.
Monogramas Originais

O ultimo encontro amigavel

Semblante sereno, passo firme e despreocupado, percorria uma mulher um estreito caminho, cujos cruzamentos conduziam a varias regiões da Palestina.

Logo após, seguia outra de olhar atento, parecendo desconfiar dos proprios passos, cujo ruído por vezes a fazia estremecer.

Em dado momento a primeira parou e dando ocasião a que a ultima dela se aproximasse inquiriu:

— Para onde vaes, amiga?

— Para Jerusalém, disse a interrogada.

— Como tambem me dirijo para a capital da Judéa, caso fosse da tua vontade, iriamos conversando e assim não pensariamos tanto nos quilometros que necessitamos vencer antes do pôr do sol.

— Para mim isso seria um prazer, respondeu a dama suspeita. E para iniciarmos já a palestra: podes dizer-me quem és?

— Sou a companheira dos pobres, a conselheira daqueles que esquecem os bons principios, a amiguinha inseparavel dos sofredores; todos me chamam para junto de si e eu procuro sempre agradar-lhes, esquecendo as injurias e desfeitas dos paupérrimos de espírito. Causam-me estes inumeros males morais, mas... a vida não pode ser só de sorrisos e se uns me entristecem com seu incorreto proceder, outros tornam-me feliz, estimando-me, praticando ações benignas, abrindo-me a qualquer hora a porta das respectivas moradas. Chamam-me Bondade... — e tu quem és?

— Oh! comparada a minha existencia á tua, sou a mais desgraçada criatura!

E' certo que muitos me recebem, porém máo grado esse bom acolhimento ando sempre atormentada; angustia-me o bem alheio desperdiçando por isso dias inteiros, pensando no meio mais rápido, embora vil, de igualar-me aos meus superiores, rebaixando os semelhantes e inferiores. Não raro consigo-o, porém mesmo assim não sou venturosa, pois ao passo que a minha vida transcorre no meio de uma incerteza afflitiva, aqueles vivem tranquilos sem desejarem ao menos conhecer-me, pois sou a Inveja. Auxiliada pelas tuas ótimas qualidades, bem podias indicar-me um meio que me permitisse uns instantes calmos.

— E' facil, retrucou a outra. Fecha os olhos ante o poder dos outros e procura sempre elevar-te honestamente; verás que em breve terás galgado todos os degraus da felicidade e passarás a estar constantemente satisfeita contigo mesmo e com tudo que te cerca.

— Sim... dizes bem... vou fazer o possivel.

Continuaram a caminhar e quando o astro rei lançava sobre a terra os seus ultimos raios, chegaram ao local desejado, separando-se depois de um amistoso aperto de mão.

. . . .

Desde então, as duas encontram-se em toda a parte porém nunca mais trocaram impressões amigavelmente, porque a Inveja, envergonhada em virtude de não ter tido forças suficientes para se regenerar, tornou-se cubiçosa do bem estar da outra, seguindo-a oculta pelo veu da hipocrisia, convencida de que a sua presença não será notada.

Perspicaz no entanto, a Bondade sente-a logo que ela chega, mas com seu natural sempre tolerante, finge não a perceber.

E assim continuarão eternamente...

OLINDA DO N. MADEIRA

O bôlo desapareceu

Papá e Pupá fazem 4 anos hoje e, por isso, o bôlo de aniversario tem 4 velas, enfeitando-o. As pequenas convidaram...

...a Jujú e Giroinha, assim como o Manézinho, amigo do Juquinha, para comerem o doce, que está muito cheiroso.

Ao apagarem as velas ficou tudo no escuro, pois já era noite, e o bôlo, assim como os dois garotos desapareceram!...

Sêlos raros

O sêlo mais raro do mundo é o de 1 cent. da Guayana Inglêsa, de 1865, do qual só se sonhece um exemplar. Esta estampilha postal, pela sua raridade não tem preço. Outros sêlos de aquisição menos difícil, alcançaram preços elevadissimos. Os de 1847, de 1 penny, e de 2 pence das ilhas Mauricias valem 215 contos de réis De cada uma dessas emissões são conhecidos sómente 110 exemplares. Os sêlos de 3 pence dessa colonia inglêsa, de 1848-1858 foram editados com uma letra errada, valendo por isso hoje 175 contos de réis. O mesmo valor é atribuido aos sêlos de 2 cent. da Guayana Inglêsa da emissão de 1859.

TIPOS DE RUA

Entre os tipos populares que mais aguçam a curiosidade das crianças, e vamos mesmo dizer a estima do mundo infantil, está o do tocador de realejo, que sobre a caixa de musica, quasi sempre monotona, repetida, ha a vivacidade de um macaquinho, constante a saltar e a dar guinchos. Quando o homem do realejo aponta na esquina da rua e começa a mover a manivéla do seu realejo de onde saem as notas fanhosas de velhas árias, todas as janelas de residencias particulares se abrem para emoldurar cabecinhas louras e morenas de crianças, a sorrir, esperando ver o macaquinho que, em troca de niqueis atirados na bandejinha de folha de Flandres, dá saltos que parecem passos de valsas e tangos.

O macaquinho do tocador de realejo é distração para as crianças e estas, na sua generosidade esmoler, a razão de viver desse tipo popular das ruas, quasi sempre velho, quasi sempre a agradecer as dadivas que lhe atiram com um sorriso imperceptivel.

O anãosinho e a prata

Para contar ao garoto

Pimpão, o anão de roupa verde, achou á sua porta uma moeda de prata reluzente, e perguntou:

— Estarei sonhando?

Abriu bem os olhos e exclamou:

— Estou rico. Não precisarei trabalhar.

Nunca em sua vida vira tanto dinheiro.

Contemplou a moeda, repetidas vezes, arregalou os olhos, admirado por ve-la brilhar tanto. Perguntou:

— Que fazer com este dinheiro?

Pimpão pensou, pensou e, quanto mais pensava, meneava á cabecinha, e com o indicador fazia "não" até que ouviu um tlim, tlim, tlim. Disse:

— Vou comprar uns guizos, uns arreios para collocar os guizos e um cavalo para levar os arreios, e uma carruagem para o cavalo puxar, e uma casa pintada de vermelho para guardar a carruagem, e um jardim em volta da casa e um arroio para regar o jardim... E assim tilintarão os guizos presos aos arreios quando correr o cavalo atrelado á carruagem que saírá da casa que tem um jardim regado por um arroio.

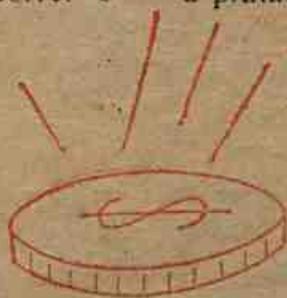
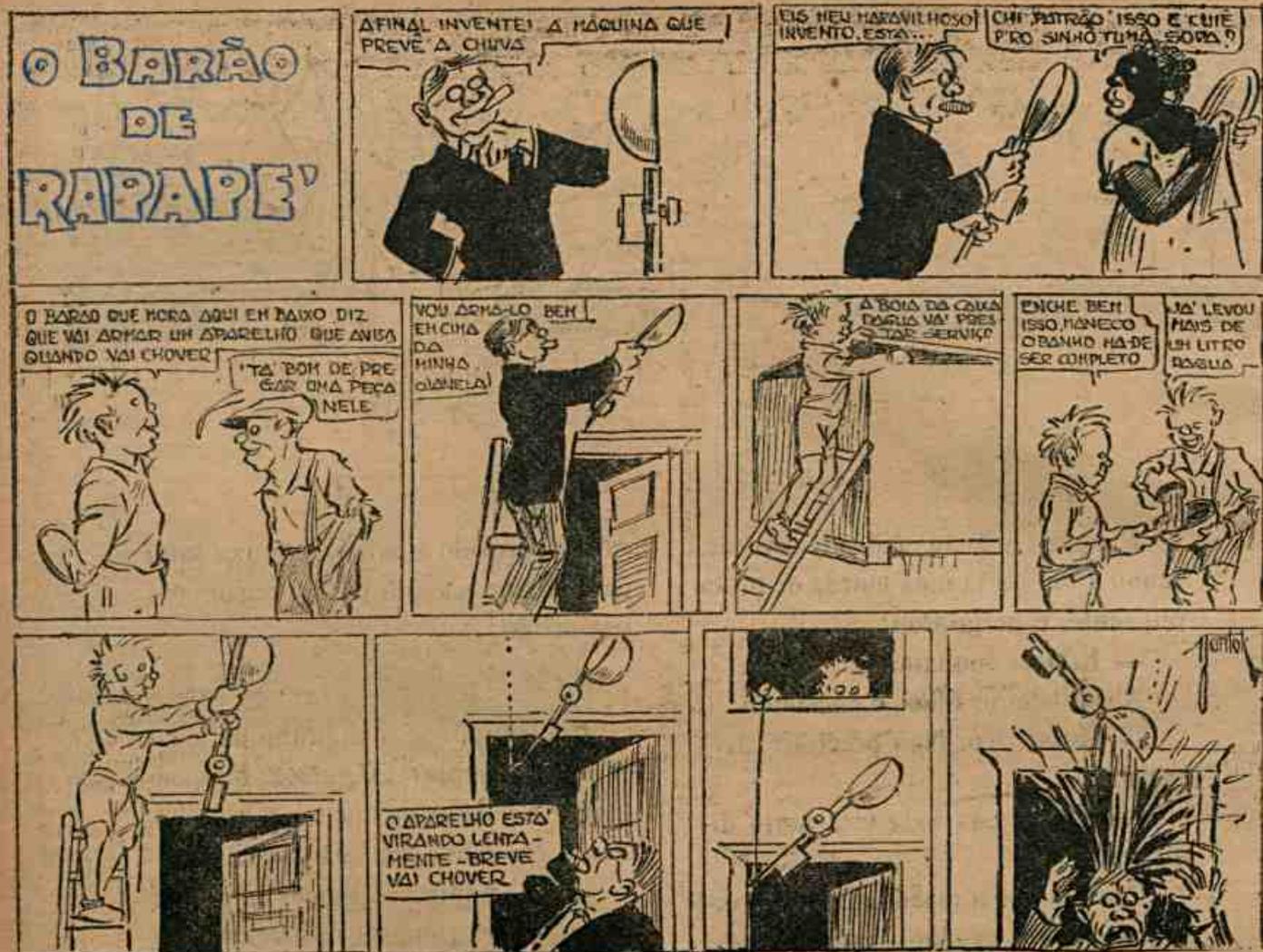
x x x

Pimpão poz-se a caminho da cidade, para comprar os guizos. Mas, ao chegar á cidade, menoeu a cabecinha, com o indicador fez "não" e disse:

— Si comprar os guizos não terei dinheiro para comprar os arreios, nem o cavalo, nem a carruagem, nem a casa, nem o jardim, nem o arroio. E sem arroio, sem jardim, sem casa, sem carruagem, sem cavalo, sem arreios, como tilintarão os guizos? E si os guizos não tilintarem, para que os comprar?

Pimpão pensou, pensou e, depois, com sua moeda reluzente, comprou outra moeda egual.

x x x

E foi assim que Pimpão, o anão de roupa verde, comprou e ficou com a prata.

Por que, papai?

— "Nossos homens do passado, meu filho, trabalhavam muito, estudando sempre.

Não tinham vaidade, essa vaidade que veste a maioria da mocidade hodierna. Essa vaidade futil, sem nenhuma promessa para um futuro, sem nenhuma utilidade para o presente!

A nossa vaidade deve ser a ciência porque quando essa ciência se reveste de nobreza, deixa de ser vaidade para ser o mais valoroso patrimonio — não só pessoal, mas tambem coletivo.

E' porisso meu filho, que comemoramos as datas que dizem respeito aos nossos homens do passado. E um exemplo vivo, belo, mais nobre, tivémos em Castro Alves!

Esse moço, meu filho, jovem ainda, trabalhou muito em beneficio da Patria, essa Patria que ele amou e dignificou! E' o orgulho da brasilidade! A gloria da nacionalidade.

E por que?

— Ele estudou muito e sempre. Não tinha vaidades... Ele constitue um exemplo vivo de civismo: a bussola com que cada brasileiro deve guiar-se ao rumo certo".

LEONIDAS BASTOS

O Campeão

(Letra da cançoneta de Eustorgio Wanderley)

I

O Brasil foi convidado
Para jogar lá na Europa,
Disputando o campeonato
Para conquistar a "copa".
Mesmo tendo contra si
Dois juizes a marcar,
O Brasil teve um terceiro
Que é um primeiro lugar.
Aleguá! Aleguá!
Quer a *Fifa* queira ou não,
Aleguá, guá, guá guá guá
O Brasil é o campeão.

II

Fui tambem fazer um jogo
Baratinho, numa rifa,
A cem réis cada bilhete,
Quem ganhar tirava a *Fifa*...
Não achei quem os quizesse,
Não vendi um a ninguem,
Recusaram-me os bilhetes,
Nem comprados a vintem!

Aleguá! Aleguá!, etc.

III

Frente ao nosso foot-ball
Qualquer *fifa* hoje se cale,
Si pensou tirar vantagem,
Goal de *penalty* não vale.
Conheceu, papuda, agora,
Nossa força varonil?
A Europa ainda uma vez
"Se curvou ante o Brasil."

Aleguá! Aleguá!..., etc.

E. WANDERLEY

Pedacinhos

As meninas nascidas entre 22 de Janeiro e 19 de Fevereiro são amaveis, alegres, sinceras. São calmas e energicas, constantes em suas afeições.

Os rapazes nascidos nêsse mesmo periodo do ano são espirituosos e amaveis, aptos a julgar, sabem apreciar e cultivar as ciencias. Têm, além disso, muita confiança em si mesmos.

Homens notaveis que nasceram entre 22 de Janeiro e 19 de Fevereiro: Almeida Garret, Varnhagem, Luis Guimarães, o poeta brasileiro.

Na antiguidade os Astrologos deduziam o carater de um individuo segundo o estado do céo e a posição dos planetas e estrelas na ocasião do seu nascimento.

QUEBRA CABEÇAS

Num recanto isolado, esse casal de groenlandêses está entregue ao trabalho. Ela téce o manto de cores e êle pinta uns pratos e umas anforas. Mas bem junto dêles estão o cavalo e tres ovelhinhas. Procurem os animais, que estão claramente figurando na gravura.

Curiosidades

Não ha dois faróis que sejam iguais, no mundo. Todos êles são feitos com carateristicas distintas, afim de que possam ser rapidamente reconhecidos pelos navegantes, tanto de dia, como de noite. Para que isso aconteça, os lampejos são sempre diferentes, diferente a côr da luz, etc.

A planta do sassafraz tem tres qualidades de folhas. E' a unica especie vegetal que oferece esta particularidade. A's vezes as tres qualidades nascem num mesmo galho.

A maior mina de sal do mundo está nos Estados Unidos.

Os meninos bem educados não devem fazer algazarra nos bondes, nos cinemas ou em lugares publicos.

O homem que matou o diabo

Marcos, um bom homem do campo, concebeu um dia a idéia de matar o diabo.

— Maluco! diria quem soubesse do seu extranho plano. Mas tal não se deu, porque Marcos a ninguem confiou tão perigosa intenção.

Estando um dia sentado em baixo de uma arvore, a descansar do trabalho, resolveu chamar o diabo.

— Satanaz! gritou. Preciso falar comtigo!

Imediatamente ouviu-se um estrondo, que lembrava a explosão de uma pedreira, e o diabo apareceu medonho, a lamber os beiços com sua enorme lingua de fogo.

— Que queres!? indagou o demo.

— Não é verdade que tu fazes o mal, que és o carrasco da humanidade, que és inimigo de Deus e do bem?

— Sim, é isso mesmo.

— Que após seduzires os homens para a pratica do mal, faze-os sofrer, faze-os pecar, leva-os para o inferno, onde o sofrimento é eterno? continuou Marcos.

—E', confirmou o diabo.

— Pois eu resolvi privar a humanidade de um tão abominavel malfeitor, e vou matar-te.

— Matar-me?! e o demo ria, ria, e ria tanto, que as arvores próximas tremeram em suas raizes, e tombaram ao sólo com fragor.

— E como vais matar-te?

— Como quizeres. Concedo-te o direito de escolheres o teu meio de morte. Que preferes, o fogo ou a agua?

— O fogo, respondeu imediatamente o demonio.

— Pois bem, vou preparar a fogueira.

Calmo antevendo o espanto do bom homem, quando o visse sair ileso dentre as chamas, ficou esperando que Marcos o viesse buscar para a morte.

Mas Marcos não era bobo como êle pensava! Êle sabia que no inferno só ha fogo e fumo, e que o diabo já estava acostumado áquele calor excessivo.

Foi á casa, apanhou um rolo de cordas bem fortes, voltou ao sitio onde deixara o diabo, e depois de amarra-lo bem amarrado, sem que êle com isso se importasse, pô-lo dentro de uma carroça, e levou-o á praia. Chegando lá, meteu-se num bote, e remando apressado, conduziu o condenado para o mar alto.

— Onde está a fogueira? perguntou o diabo.

— Já vais vêr! E isso dizendo, e com um remo Marcos deitou o diabo ao mar, que não sabendo nadar, afundou imediatamente.

....

Nem por isso a humanidade deixou de sofrer, e o mal deixou de existir, mas com certeza é obra dos outros diabos, que continuam a profissão do seu chefe, morto ha muitos seculos por um bom homem do campo.

Agenôra de Carvoliva

O Peixe que não foi pescado

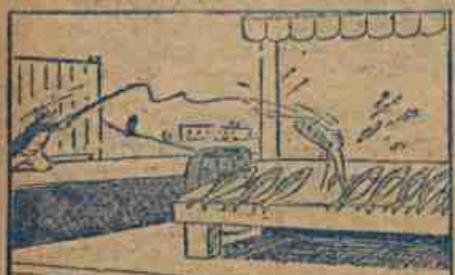
— Vamos ficar aquí até apanharmos um peixe para o almoço!

— Ha duas horas que o anzol espera na agua a chegada do peixe!

— E o peixe não vem! Será que o peixe não vive mais no mar?

— Já estou com sôno. Vou me retirar para outro ponto da praia!

— Vamos andando que iremos encontrar um mar com peixes!

— Que vejo, Santo Deus?! Ha peixes na frente dos meus olhos!

— Atiremos o anzol! E "pesquemos" o desejado petisco num *mar*...

...original! — Corramos, porque o dono do *mar* pode nos dar uma...

...lição! — E' a primeira vez que pesco uma tainha fóra da praia!

Conselhos e pensamentos

Sê valoroso na adversidade.

✣

Procura descobrir tua vocação.

✣

Os máos pensamentos envilecem.

✣

A paciencia cura todos os males.

✣

O premio da virtude é a própria virtude.

✣

Teu pai é o teu melhor amigo

✣

O bom nome vale mais do que a riquesa.

✣

A cultura fortalece o animo.

✣

A honradez é o melhor patrimonio.

CLAMOR

São Francisco de Assis: as aves pequeninas
que escondem na garganta estancias primorosas,
e pousadas outr'ora em vossas mãos divinas
gostavam de cantar, livres e descuidosas,

precisam proteção. Ao raiar das matinas
escutai como em côro, em preces fervorosas
suplicam que as livreis dessas mãos assassinas
que as desejam prender injustas e maldosas.

Pudesseis transformar-me em uma arvore forte
resistente ao tufão, que é resistir a morte,
tão alta que atingisse o azul da imensidade

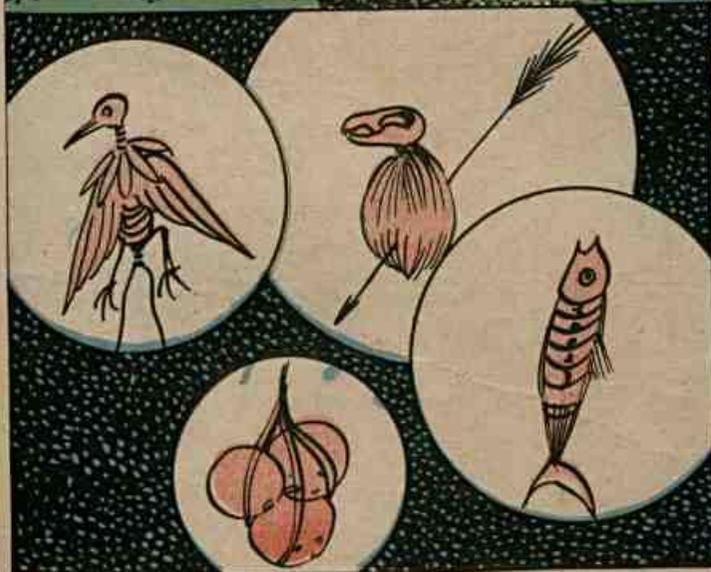
e alegre, eu dar-lhes-ia abrigo no meu seio!
E elas, perto do ceu, felizes, sem receio,
cantariam melhor, á luz da liberdade!

LILINHA FERNANDES

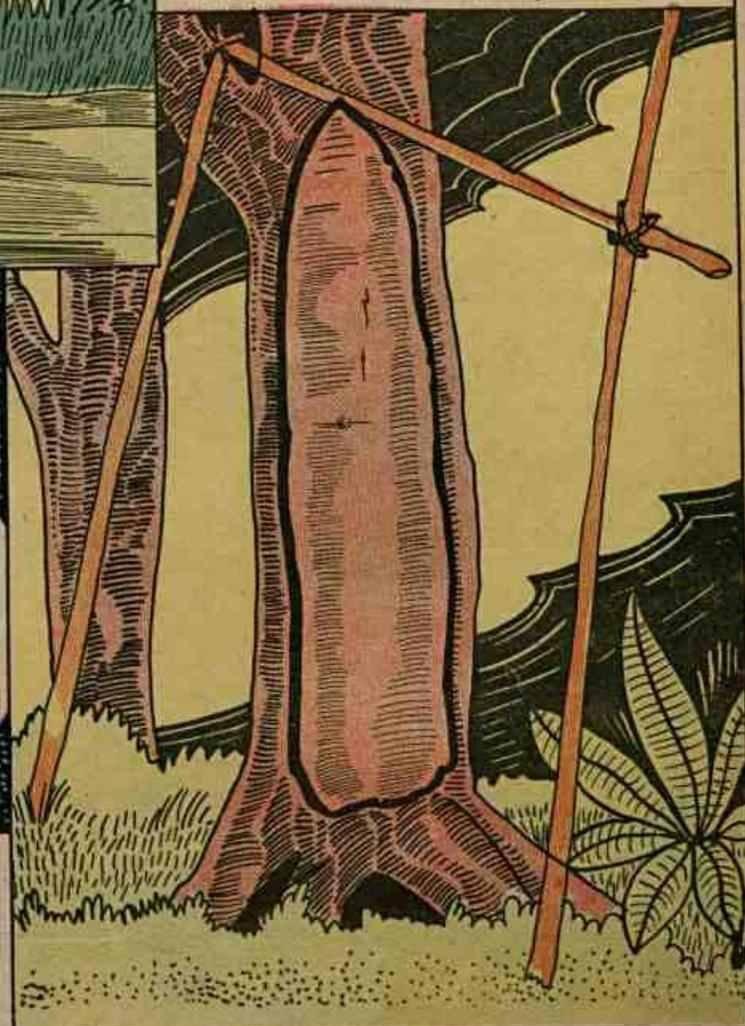
Curiosidades indigenas

Acima, vemos o MENBI curiosa flauta usada entre nossos indios, fabricada com um femur (osso da côxa) humano.

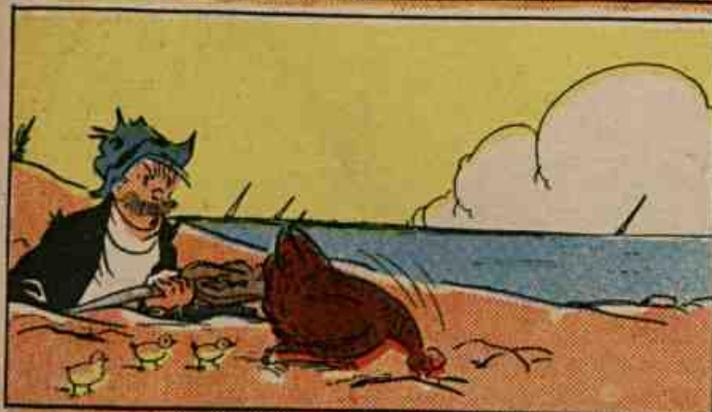
—o—

A' esquerda vemos um boneco recortado na cortiça de um velho tronco, com o fito de assustar os espiritos malignos da selva, (costume dos selvicolas brasileiros).

Acima, vemos varios feitiços que os nossos indigenas dedicam a UYARA para os proteger das ciladas dos rios caudalosos.

—o—

A' direita vemos um tronco de onde foi recortada a grossa cortiça para fabrico de uma canôa indigena.

As aventuras de João de Malempeor

Desenho de C. D. RUSSELL

A PROCURA DE ISCAS PARA A PESCA

A roca e os viajores...

Um homem, viajando pela montanha, chegou a um logar em que uma enorme pedra solta das rochas impedia completamente a passagem.

Vendo que não podia continuar sua viagem, o pobre homem tentou afastar o obstaculo, mas todo o esforço foi em vão.

Então, aflito, pensou: "que será de mim quando chegar a noite, sem provisões, sem um capote para proteger-me do frio, sem uma arma que me defenda das féras ?" . . .

Absorto em suas reflexões não viu que se tinha aproximado um outro viajante, e que, convencido de sua impotencia para empurrar a pedra, sentou-se desanimado e de cabeça baixa.

E pouco a pouco outros viajores foram chegando sem que nenhum deles conseguisse desimpedir a estrada.

Afinal um deles disse aos outros: "Irmãos, roguemos a Deus, talvez Ele se compadeça de nós".

E todos de acordo, elevaram suas suplicas ao céu.

Quando terminaram a prece, o viajante que tivera a ideia de implorar o auxilio divino, tornou a falar: "Irmãos, o que não conseguimos isolados, será que conseguiremos, unindo nossas forças ?

E todos de acordo, empurraram ao mesmo tempo a volumosa pedra que despencou, rolando pelo despenhadeiro...

E os viajores, felizes, puderam continuar a sua jornada...

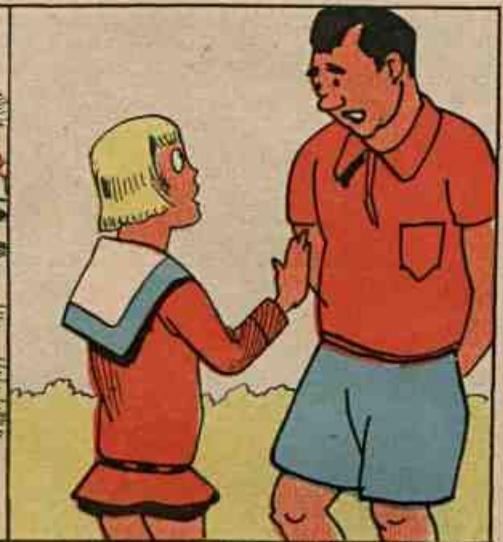
. . . .

O fraco viajor é o Homem. A viagem é a Vida. A rocha, são as miserias, os obstaculos que sempre deparamos . . .

Nenhum homem sózinho póde mover esta rocha, mas Deus calculou seu peso de tal modo que póde ser facilmente removida pelos que caminham juntos pela vida . . .

LAMENNAIS

Chiquinho footballer

Chiquinho, entusiasmado com a atuação dos jogadores brasileiros no campeonato do mundo, entrou como sócio de um club esportivo. Ele tambem iria jogar foot-ball, seria um "crack" !

Falou ao "captain" do team : — Quero jogar ! Sou veterano em foot-ball e lá em casa faço "goals" a . . .

. . . todo momento ! O "captain" fingiu acreditar na bravura de Chiquinho e submeteu-o a um treino forte...

. . . no gramado do club. Logo á primeira bola, Chiquinho, num esforço grande, "shootou" mas ficou com a...

. . . perna doída. O "captain" do club, aparando com a cabeça o "shoot" de Chiquinho, devolveu,...

. . . a bola gritando : — Apára com a cabeça ! A bola trazia forte impulso e Chiquinho meteu a cabeça para apara-la.

Com o golpe violento recebido viu o nosso heroi todas as estrelas possiveis. Tonteou, caiu. Abatido, . . .

. . . machucado, Chiquinho viu que o foot-ball ainda não era para a sua idade e se esqueceu da mania de fazer "goals" !

O CHAFARIZ MILAGROSO

(1) O Arraial dos Capivaras era um logarejo atrazado e que, na opinião de seus proprios moradores, não tinha nenhum futuro.

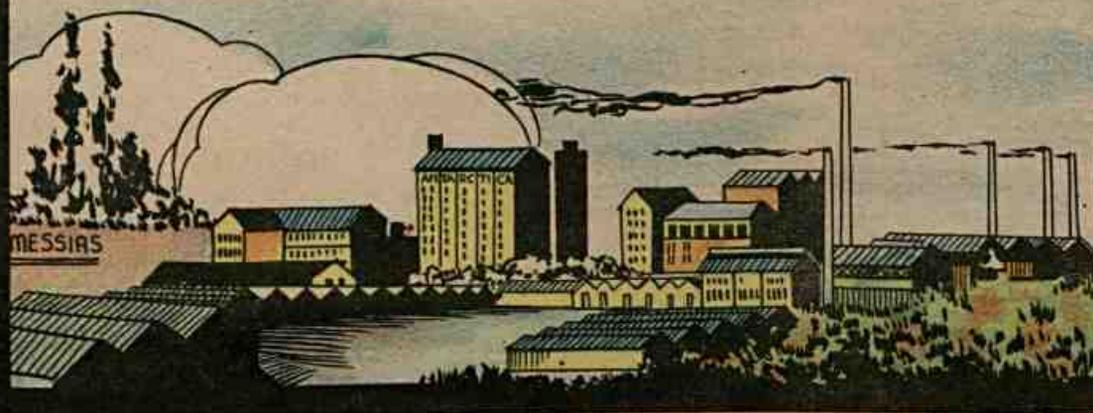
Como porém a quem Deus promette não falha, succedeu que certo dia Antoninho Laranjeira, filho da localidade, se lembrasse de visital-a.

(2) Antoninho, graças a sua actividade, conseguio um lugar de propagandista de importante empreza.

(3) Moço esperto Laranjeira teve uma idéa estupenda e sem perder tempo metteu-se, immediatamente, a executal-a. Tratava-se de construir no Arraial dos Capivaras, um chafariz.

(4) Com espanto de toda gente no dia da inauguração, em vez de jorrar agua, o chafariz jorrou um liquido côr de ouro que se tornou verdadeiro maná celestial.

Afinal, não tardou a saber-se que aquelle liquido era o afamado Guaraná Champagne, da Cia. Antarctica Paulista. Como todos sabem, o Guaraná Champagne é fabricado com o fructo genuino do Guaraná amazonense, e por isso é uma bebida popular que, pelas suas qualidades tonicas e refrigerantes, se tornou a preferida das crianças brasileiras.

Assim, graças a uma brincadeira innocente, o Arraial dos Capivaras prosperou, tornando-se rico e feliz.

As proezas de Gato Felix — Desenho de Pat-Sullivan

— Por que anda você aborrecido? — perguntava Gato Felix ao gorducho Porcalhão. — O meu aborrecimento tem toda razão de ser! Preocupa-me seriamente as condições do tempo! O estado do tempo, agora, tira-me a calma! — Mas por que? — indagou Gato Felix. — O tempo...

...está firme e o dia é dos mais bonitos que tenho visto! — E' justamente isto. O dia está lindo! E eu preciso trabalhar neste fim de semana; na proxima semana quando eu...

...tiver folga, certamente choverá! — Diga-me, amigo Felix, você acha que vai chover no dia em que eu estiver de folga? — Só poderei dizer quando chegar o dia.

— Bem, meus amigos, que horas são? — perguntou Gato Felix. — Faltam cinco minutos para ás nove! — informou o Cão.

— Então, adeus — exclamou Gato Felix. Tenho que encontrar meu primo na estação ás nove horas. Vou correndo!

— Não chegarei a tempo á estação! Tenho que tomar já um automovel. Mas onde encontra-lo?

— Lá está um automovel, mas ha uma pessoa dentro. Preciso resolver depressa o problema!

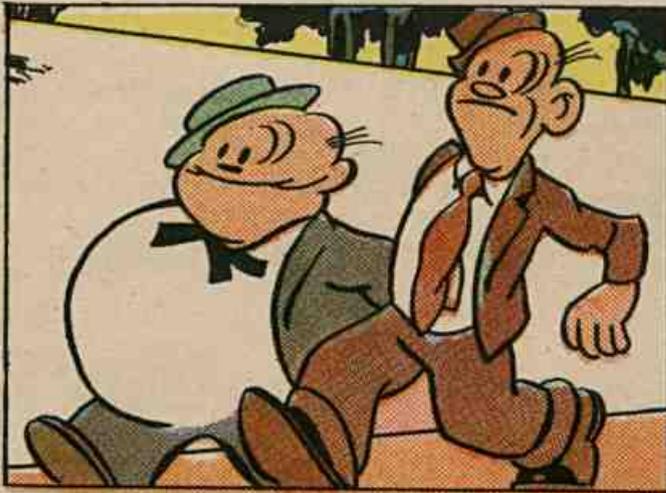
— Vou quebrar esta lampada e o estrondo parecerá o estouro do pneumatico! Que béla idéa!

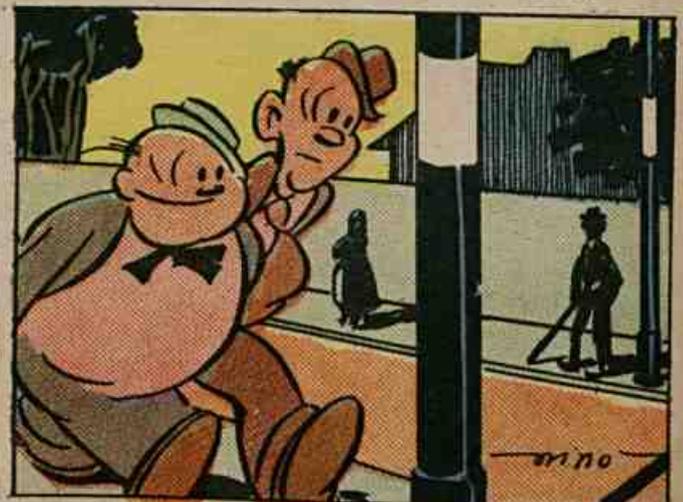
— Oh! Que contratempo! Tenho de descer e mudar o pneumatico. Isso é uma cousa desagradavel!

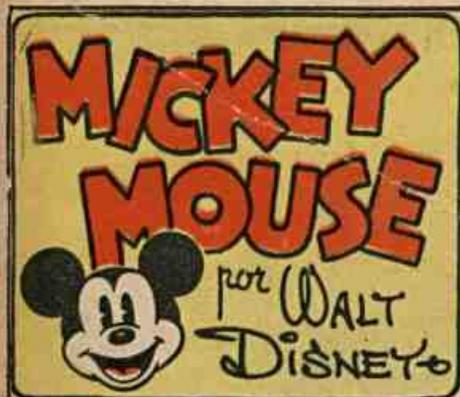
— Não é nada, amigo! Eu só queria utilisar-me do seu carro por pouco tempo! Não se preocupe, eu o trarei d'aqui á alguns minutos!

FALTOU O ESPINAFRE

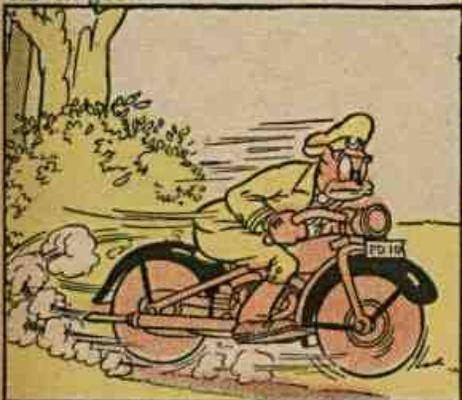
Bolinha e Bolonha ficaram fortemente impressionados com aquela fita do Popeye. Não sabiam que espinafre dava tanta força.

Foram para casa e comeram todo o espinafre que haviam comprado na quitanda da esquina. E sairam para a rua com ares de...

..."bambas", dispostos a dar murros em todo o mundo... Na primeira esquina deram de cara com o conhecido...

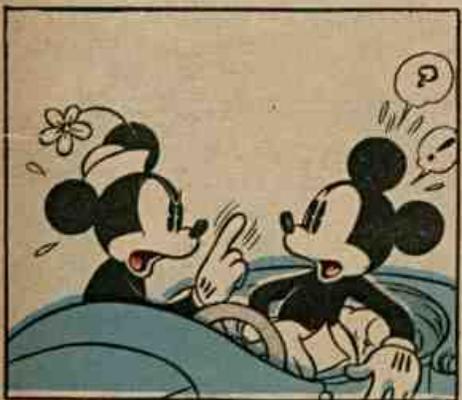
...desordeiro, "Pé de fogo", que com modos pouco gentis lhes pediu um cigarro. Bolinha sentiu que as pernas lhe tremiam e os...

...musculos não se estufavam como os do Popeye... Bolonha, muito pálido, deu todos os cigarros que tinha, e ambos voltaram para...

...casa muito desapontados com os efeitos cinematograficos do espinafre, que não servira nem para dar coragem...

Mickey e Minnie saíram a passeio no seu automovel. E um passeio dêsses dois camaradas acaba sempre em tragédia.

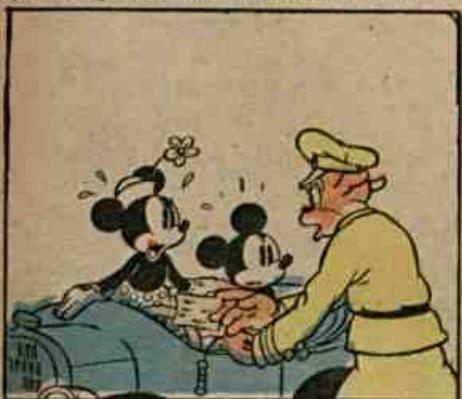
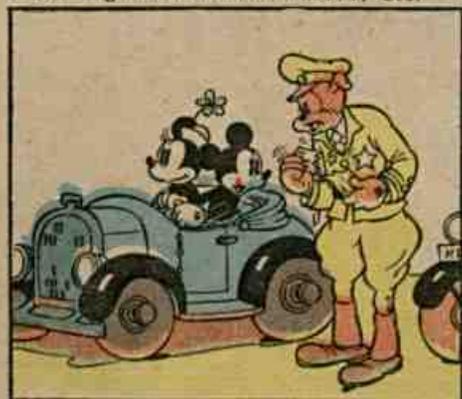
— Anda mais depressa, Mickey! Estás andando a passo de lesma! — Eu não quero ser multado, porque estou "pronto"! — Não se...

...incomode com o guarda. Eu sei lidar com essa gente. Sei até embrulha-los! — Aquêle casal vai com excesso de velocidade. Vou pega-lo...

...e multa-lo! — Mas deixe-me explicar, "seu" guarda! — Nada de explicações — estou farto de ver...

...vocês nestas correrias doidas, comendo as estradas! Não pense que vai me fazer mudar de idéia — tome...

...: êste bilhete! — Tem muita razão, "seu" guarda! Isto vai servir-lhe de lição!

— Devia ter um pouco mais de vergonha! Então acha que eu não tenho mais sentimentos! Então acha que é pouco ser multado? Vai...

...estragar a minha reputação! — Nunca fui tão humilhada na minha vida! Tudo sua culpa! Como se eu fosse algum ladrão-criminoso, etc.

— Êle é criminoso, sim senhor! Qualquer um que quebra a lei é criminoso! — E deve ser tratado como um criminoso. Êle deve ser preso!

— Escuta, minha senhora, êle só correu um pouco, êle não é exatamente um criminoso! — Está tudo acabado entre nós! Se tivesse lugar...

...aí na sua motocicleta eu ia com o senhor. Não quero mais saber dêle. Nunca mais! — Deixa disso, minha senhora. Dê cá o bilhete!

— Póde ir rapaz! Esta pequena assim brigada já lhe dará o bastante que fazer! — Não lhe disse que eu é que sei lidar com êstes guardas!

A História dos Almanaques

Os prim••iros almanaques executados foram de pedra e ornavam as fachadas das igrejas, sendo sua principal finalidade lembrar aos fiéis os diversos trabalhos que se deviam efetuar em cada época do ano, bem como as festas liturgicas e as préces.

A interpretação dos calendarios, assim, era feita de maneiras diversas. Curioso, entretanto, é saber-se que, embora em tais éras longinquas da Idade Média, o ano não começasse ao mesmo tempo, isto é, na mesma data para todas as regiões, nos primeiros almanaques êle era consignado como tendo inicio em Janeiro, porque os signos do zodiaco recordam a marcha do sol e estes "se elevam conjuntamente com o sol de Janeiro a Junho e descem de Junho a Dezembro".

Embora haja controversias, o certo é que em 1564, em pleno reinado de Carlos IV, esse inicio do ano em Janeiro, consignado pelos almanaques, foi generalizado e adotado definitivamente.

Começaram, depois de Gutemberg ter inventado a imprensa, a ser didvulgados calendarios que eram cópia daqueles que se afixavam nas portas das igrejas. Antes, apenas manuscritos, ou miniaturas, apareciam, e individualidades de destaque, na publicação de seus trabalhos literarios faziam incluir almanaques, com o intuito, talvez, de lhes dar um cunho de maior interesse.

Assim, o "Breviario de Belleville", os livros de Jean Pucelle, o dos irmãos Linbaurg, — todos feitos para o Duque de Berry.

A imprensa, como foi dito, auxiliou de modo notavel a divulgação dos calendarios, e com ela a de conhecimentos uteis á lavoura e á criação de animais.

Os raros livros existentes pertenciam aos grandes senhores, os privilegiados, e só os almanaques eram veiculos de idéias uteis e de conhecimentos novos, pondo-os ao alcance de todos. Eram vendidos a preços modicos, mas vendidos. Em geral, decorados com a efigie do rei, isso lhes dava ainda maior valor. E para não ficar assim muito monotono, o almanaque de então trazia sempre uma resenha dos acontecimentos mais importantes do ano anterior. Os melhores gravadores da época eram chamados a colaborar nos almanaques.

Foram popularissimos, então, até os meiados do século XVII, o famoso "Compost" e o "Almanaque dos Pastores", que desde o século XV prodigalizava fartamente conselhos sobre higiene, moral, etc., sendo considerado assim como que um breviario leigo.

Rabelais, em 1533, compoz um almanaque "calculado sobre o meridiano da nobre cidade de Lyon". Nostradamus rivalizou com Matheus Laensberg, autor do popularissimo "Almanaque de Liege", mas suas previsões abracadabrantes o impediram de conquistar a credulidade do povo.

Tambem os que não eram letrados, nem mesmo sabiam ler, tinham os seus calendarios, os seus almanaques. Apareceram êles no século XVII, na França, Inglaterra e no norte da Europa. Eram feitos de madeira, em fórma de cubos e as faces laterais representavam, cada uma, o periodo de tres mêses. Alguns signos simbolicos eram gravados nessas faces, simbolos todos de facil interpretação, e indicavam-no geral, as festas: uma estrela significava a Epifania; um coração, o dia dedicado á N. Senhora; umas chaves, a festa de S. Pedro; a harpa, o dia de Sto. David.

Eram esses almanaques dependurados perto das chaminés, para uso de toda a familia e havia tambem os de algibeira, ou os finamente talhados para bastão de bengala. No século seguinte, popularizou-se o almanaque cheio de passatempos e variedades, e nos nomes com que então os batisavam seus aditores, eram, por exemplo: "A riqueza das Damas", "O passatempo das mulheres formosas", "A diversão das *coquettes*", "O amigo das formosas", "O Almanaque das Musas", etc.

O "Pequeno Almanaque dos grandes homens", foi editado por Champcenetz e Rivarol, e fez época, pelo seu feitio combativo e carater demolidor, em 1788.

Foi um dos meios usados para propaganda de principios politicos e educacionais. São exemplos disso o "Almanaque das Pessoas Honradas", o "Almanaque dos Sant-Cullotes", o do "Padre Gérard", etc.

As capas, então, eram ornadas caprichosamente, de acordo com a época, e embora os almanaques não fossem como os anuarios luxuosos que temos hoje, eram recebidos com geral entusiasmo.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.
E o sol da Liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céo da patria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Se em teu formoso céo, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela propria naturesa,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha esta grandeza,

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céo profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Illuminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja simbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flamula
— Paz no futuro e gloria no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á luta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte,

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

OSORIO DUQUE ESTRADA

O DESOBEDIENTE

Todas as manhãs, um pastor levava o seu rebanho ao campo, para pastar.

Perto havia uma floresta, na qual viviam muitos animais ferozes.

Um dia, quando o pastor voltava para casa com as ovelhas, já ao anoitecer, um lindo cordeirinho teve desejos de abandonar seus companheiros e correr pela floresta.

A mãe tentou detê-lo, pois sabia como era perigosa aquela floresta. Mas, foram inuteis os seus esforços. O cordeirinho fugiu e foi correr pelo bosque.

Avistando um regato, apressou-se a ir beber agua, pois já sentia muita sêde.

Foi então que ouviu o rugido de um lobo feroz. Muito assustado, êle ainda quer voltar. Mas, é tarde. O lobo o persegue e o devora.

Foi êsse o preço de sua desobediencia. Si tivesse atendido á sua mãe não teria morrido de modo tão triste. Assim, todo menino deve atender aos bons conselhos.

Emir de Oliveira Silva
(12 anos)

Noite de Natal

(FIM)

O pequeno olhava-o docemente. Depois, desviou os olhos para a criancinha que chorava e se encolhia entre os pobres farrapos:

— E' sua filha?

O homem respondeu:

— E' minha filha. Tão pequenina e tão desgraçadinha! Ninguem nos deu uma esmola; e iremos morrer de fome esta noite!

O menino sorria, estendia-lhe piedosamente o embrulho de papel:

— Oh! Não! Não hão de morrer. Eu o vi pedindo de porta em porta. Tive pena da criança e segui-os até aqui...

O pobre homem interrompeu-o supplicando de joelhos:

— Salve a minha filha pelo amor de Deus! Eu não quero nada; não tenho fome. Pedi para ela sómente.

O menino proseguiu comovido.

— Tome isto. São doces da festa de Natal. Roubei-os de casa agora mesmo!

E desapareceu, correndo pela varzea escura...

Aurelio Pinheiro

Os feriados nacionais

De acordo com o recente decreto do governo, são feriados nacionais os seguintes dias: 1.º de Janeiro, dedicado á comemoração da fraternidade universal; 21 de Abril, dedicado á memoria dos precursores da Independencia do Brasil, simbolisados em Tiradentes; 1.º de Maio, dedicado á exaltação do dever e dignidade do Trabalho; 7 de Setembro, dedicado á comemoração da Independencia e considerado como o dia da festa nacional brasileira; 2 de Novembro, dedicado á comemoração dos mortos; 15 de Novembro, dedicado á comemoração do advento da Republica; 25 de Dezembro, dedicado á comemoração da unidade espiritual dos povos cristãos.

ILUSÃO DE ÓTICA

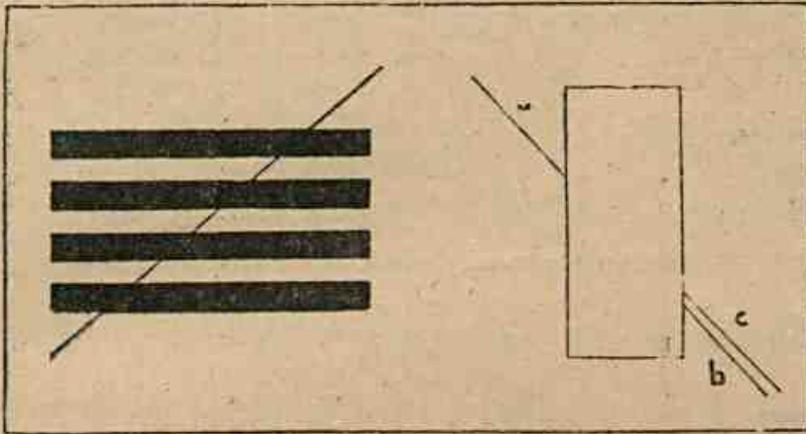



Fig. 1

Fig 2

Os traços pretos paralelos são da mesma grossura. A linha ac é rêta e a ab não o é.

A figura em negro é perfeitamente igual á figura em branco.

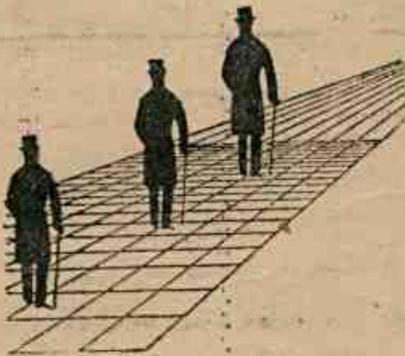
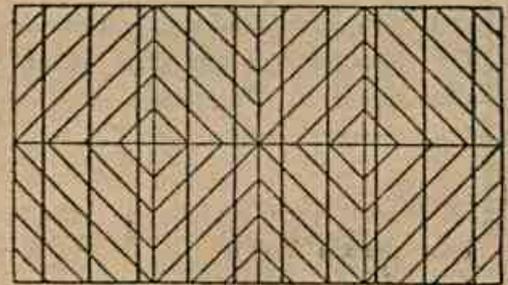
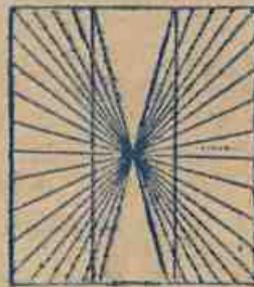



Fig. 3

Fig. 4

Os tres homens da gravura são da mesma altura.

As linhas verticais desta gravura são rêtas e não curvas, como parecem.

A não ser a linha que passa pelo centro do desenho, as demais, verticais, são equidistantes.

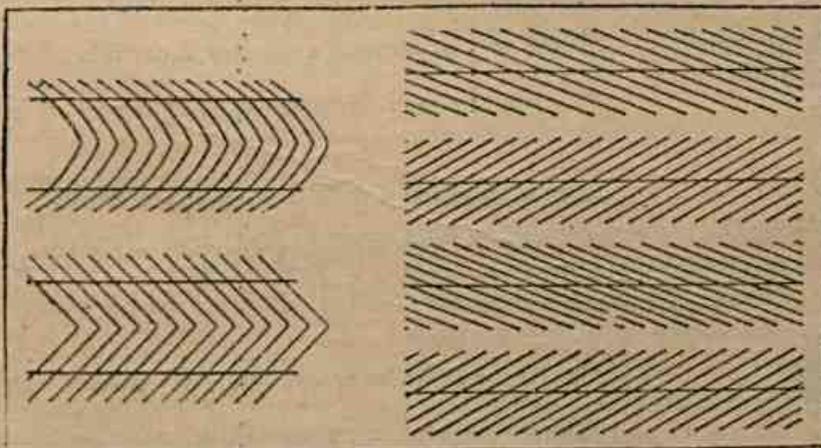



Fig. 5

Fig. 6

As linhas horizontais das gravuras acima são paralélas.

Girando o desenho parecerá que os circulos giram tambem.

Sinfonia celeste

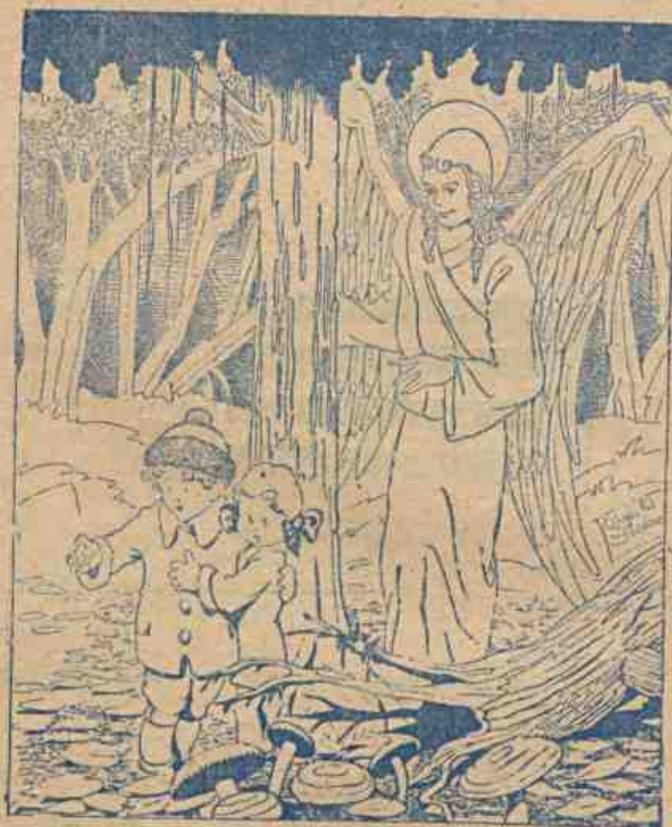
Filho meu, junta as mãosinhas: óra:
Dize: "O' Senhor que estais
Nos céos! qual da noite sái a aurora,
Da minha boca sái a prece ardente
Para pedir-vos, ó meu Deus clemente:
Abençoai e protegei meus pais!

Que eu tenha, ó Deus piedoso, a bôa sorte
A ventura sem par
De ser um homem generoso e forte,
Justo e simples, magnanimo e sizudo,
Da honra fazendo o meu formoso escudo
E do dever o meu sagrado altar.

Ao meu proximo amar, como se fôra
A mim mesmo. A alma erguei
Até Vós, a alma humilde e pecadora
Do vosso servo e protegido ingrato
Que Vos quer, Vos deseja como ornato
Para cumprir vossa divina Lei.

O' Deus! Alma Perfeita do Infinito!
Não olvideis jámais
A suplica — farol de uma alma crente
De ouvir a prece, ó meu Senhor bendito,
Que Vos pede e Vos róga, ó Deus clemente:
Abençoai e protegei meus pais!"

"Que o bom Deus satisfaça os teus desejos,
Filho, que me sorrís",
A mãi exclama, enchendo-o de almos beijos,
Murmurando depois, muito baixinho,
Com uma voz repassada de carinho:
"E a ti te faça, filho meu, feliz!"

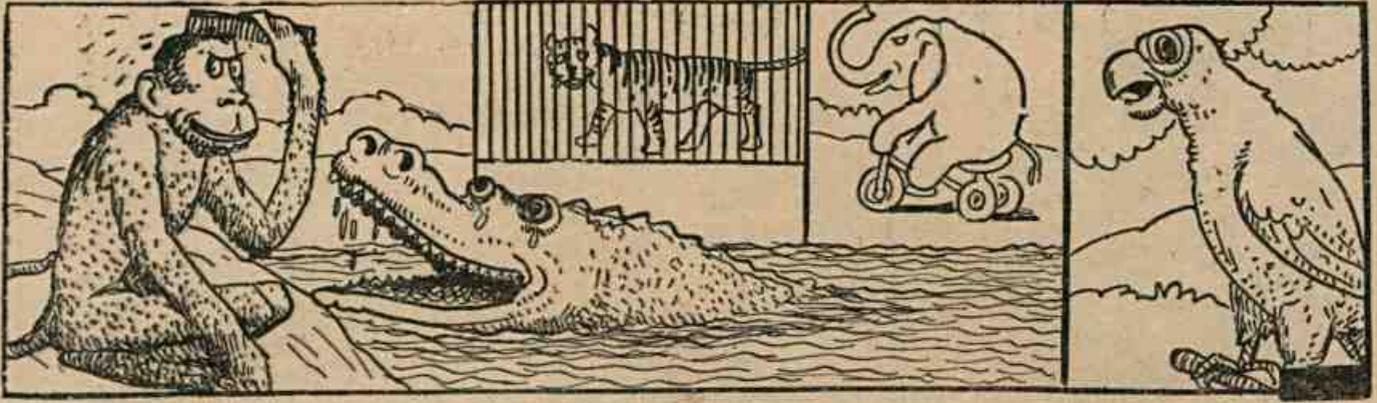
LEONCIO CORREIA

PRECE

Jesus: eu tambem amo as trefegas crianças!
— Alvoradas em flor no horisonte da vida —
E vejo em cada uma náu que anda perdida
num mar onde nem sempre as aguas correm [mansas.

E em genuflexão, a desfazer as tranças
das minhas ilusões, vos peço comovida:
Delas seja a ventura a me ser concedida!
Não deixeis sem florir as suas esperanças!

Seja só para mim toda a magua que existe!
A tarde, ao pôr do sól, tudo pode ser triste...
Mas a aurora, Senhor, deve ser só bonança!

Dai-me, pois, todo o mal que pelo mundo erra.
Que eu seja o unico ser infeliz, sobre a terra,
contanto que não sofra, um instante, uma [criança!

LILINHA FERNANDES

Os bichos que ele não conhecia

Rubião nunca tinha visto tanto bicho na vida dele. Nem pintado no seu caderno de desenho lá da escola havia tantos assim.

Aqueles cheios de penas de mil côres, feito porta de tinturaria, dava gosto de ficar espiando.

Foi no domingo que o pae levou-o ao Jardim Zoologico. O nome era dificil de dizer, mas, lá dentro, valia o tempo.

Muito melhor que assistir ás fitas páus dos mocinhos que andam de casaco e fazem pôse de gente muito importante.

Então a girafa, que animal gozado. Prá que, Nossa Senhora, havia de usar este animal um pescoço assim comprido?

A dôr de garganta nela havia de ser daquelas "brabas". Não podia fazer gargarejo, nem nada. Toda pintadinha de preto, um fundo amarélo de canario da terra.

No ano passado, a fantasia do Rubião tinha aquelas cores e aquelas bolinhas.

Que boca a do senhor Jacaré com muito mais dentes que a nossa boca! Parecia o teclado do piano de cauda da D. Justina, vizinha dele. Mastigava de boca fechada feito menino educado.

E a onça? Menino, que baita de onça passeiava na jaula. Os olhos dela só faiscando feito vagalume no quarto escuro. Cheirava os cantos das grades parece que procurando mãozinha de criança prá comer. Socéga, onça. Na placa estava escripto: JAGUAR DO BRASIL.

Rubião sentia uma frieza nos dedos. Vá lamber sabão, Sinhá Onça, que sabão não tem osso.

Gostou da macaca Sofia que se dependurava no balanço, lambia as mãos e gostava de banana como gente.

Não parava a bicha. Duvidou que o King-Kong soubesse fazer tanta cousa engraçada.

— Papae, dizem que o homem já foi macaco. Não acredito. Vê lá se eu pareço com a Sofia.

Mas, o certo é que o Rubião estava de boca aberta. A criançada fazia berreiro, quando ela vestia a roupa nova que o homem lhe dava. Imagina si ela tivesse cabelo. Penteava-o e fazia côque como a velha Arminda. Talvez, usasse uma boina encarnada. Duvidava que ela fosse tão inteligente que fizesse conta de dividir por dois numeros. Até por um numero só.

— Vá pentear macacos, macaca Sofia.

Estava-se abanando com um leque de papel. Fez cabriolas de todo o geito pra alegria do pessoal. Saiu aos pinotes.

Mas, prá que tanta cobra? Tinha medo que a cobra grande se desenrolasse e viesse mordel-o. O gorducho Rubião arrepiou-se. Metiam-se nagua e silvavam. Davam botes quando o homem mexia nelas com um gancho. Veneno de cobra mata gente em dois tempos. Palavra, que não valia a pena ser cobra prá morar naquele cercado de arame. Diziam que os olhos das cobras atraíam passarinho, que nem iman.

Os ursos brancos estavam tão sujinhos e sentindo muito calor com certeza. O pae do Rubião disse que eles viviam no pólo. Estavam sentindo falta do gelo de lá. Quiz comprar um sorvete de crême para dar ao urso que devia ter sêde. Seria que o urso tinha tambem tosse como a gente, quando apanha chuviscos na rua?

A fóca, bicho lesmento, metia-se no tanque, mergulhava e tinha bigode, que nem o condutor de bonde. Andava exquisito e não tinha pernas. Arrastava-se no chão. Apanhava sardinha no ar. Todo o pessoal olhava a fóca, que nem se incomodava.

A aranha — que — fála dava raiva de tão mole que era.

— Aranha, quantos anos você tem?

— Tenho dez anos.

— De que você gosta mais, aranha?

— De cho-co-la-te.

Tinha cabeça de moça bonita. Bem penteada que nem artista de cinema.

Ninguem enganava o Rubião, aquilo era aranha cousa nenhuma. Aquilo era gente que se metia por trás daquela teia de barbante. Gastára dez tostões a

O Jardim Zoologico era muito bom. Rubião passou lá a tarde inteira. Andou no balanço e viu o elefante que se senta no banco e guia automovel. Contou prosa quando chegou em casa aos irmãozinhos que não quizeram ir.

No domingo próximo iriam todos lá.

Os dentes

Os dentes, cuja utilidade na mastigação dos alimentos não é preciso destacar, estão colocados em cavidades das gengivas denominadas alvéolos. A parte do dente que entra no alvéolo chama-se raiz e a que está fóra dêle tem o nome de corôa. Os dentes são pequenas massas de marfim, em cujo interior existe a polpa dentaria, que é a parte viva do dente. O marfim, na parte chamada corôa, está recoberto por uma substancia branca e brilhante chamada esmalte.

Os dentes, por sua formação e funções na mastigação, se dividem em incisivos, caninos e molares.

Os incisivos têm uma só raiz e terminam em lamina; os caninos, tambem de uma só raiz, terminam em ponta, que serve para dilacerar os alimentos; os molares são grandes, alguns com várias raizes e servem para mastigar os alimentos.

A dentadura do homem é composta de 32 dentes : 8 incisivos, 4 caninos e 20 molares.

A primeira dentadura é chamada de leite. Os dentes aparecem dos seis aos oito mêses e cáem aos seis anos. A primeira dentadura tem apenas vinte dentes.

O TESOURO ENCANTADO

Lilita fôra chamar o irmão. Encontrára, dizia éla, sob uma arvore, um tesouro, uma caixa que devia conter joias e pedrarías.

O irmão de Lilita, sem suspeitar de que êla pretendia apenas pregar-lhe uma peça, foi correndo ver o "tesouro".

E abrindo a caixa, despreocupadamente, assustou-se devéras, pois de dentro déla saltára um boneco de móla. Lilita arrependeu-se do logro que pregara ao irmãozinho, mas não deixou de dar boas risadinhas pelo sucésso que alcançara sua idéa.

Proteção aos animais

Nunca se esqueçam, queridos leitores, de que os animais pequeninos, inofensivos e, na sua maioria, uteis á humanidade, merecem proteção. Maltratalos é ação indigna da criança que possue bons sentimentos.

Aos animais chamados domesticos, o gato, o cão, as aves, os carneirinhos, os patos — todos aquêles que vivem na casa, devem as crianças assistir com todo carinho e proteção. Afaga-los, dar-lhes de comer e de beber, protege-los contra o frio ou o calor, são átos de benemerencia que todas as crianças devem praticar.

Assim mostrarão ter um coração digno e cheio de terna bondade.

A mãe de João, D. Maria pediu ao filho que fosse ao açougue comprar um pouco de sangue de boi para remedio...

João saiu, foi a todos os açougues e não encontrando sangue voltou para casa. Mas a mãe dêle, zangada, disse-lhe que só voltasse...

...à casa com o sangue... João saiu pela rua, triste, falando alto: — "Tomara que haja sangue! Tomara que haja sangue!"

Na rua estavam dois homens brigando, e quando João passou por êles, distraído, dizendo: —...

..."Tomara que haja sangue"... Um bom homem repreendeu-o, dizendo-lhe: "Não, meu filho!...

...Não diga isso. Diga "tomara que se desaparte". João se esqueceu do sangue e foi dizendo pela...

...rua: "Tomara que se desaparte; tomara que se desaparte"... Nisso, vinha saindo um...

...casamento de uma igreja; e ouvindo o pequeno dizer aquilo, um homem chamou-o à parte....

...reprovando-o: Não diga isso menino! E' feio! Diga antes: Tomara que saia outro"...

E João foi dizendo pela rua: "Tomara que venha outro; tomara que venha outro".

Mas ao passar por uma casa ia saindo um enterro; e no meio dos parentes do morto, João ia...

...repetindo: "Tomara que saia outro; tomara que saia outro". Mas um dêles lhe disse: "Não fale assim, pequeno. Diga antes "tomara que...

...não saia nenhum". João seguiu seu caminho, dizendo distraído: "tomara que não saia nenhum: "tomara que não saia nenhum...

Ia passando junto ao rio onde dois homens estavam se afogando, mas um dêles poude se salvar... João parou dizendo: "tomara que...

...não saia nenhum: tomara que não saia nenhum". Ouvindo isso, um homem repreendeu-o: "Oh pequeno! Não seja máu! Diga:...

"Já que saiu um, saia o outro". E João foi dizendo alto pela rua: "Já que saiu um, saia o outro; já que saiu um, saia o outro..."

Mas pela rua vinha um homem ferido e com um dos olhos já de fóra, estufado e sangrando... Outro homem...

...que vinha com o ferido, ao ouvir aquilo, censurou-o: "Não diga isso menino. Diga antes: "que fique como nasceu..."

João seguiu repetindo alto: "que fique como nasceu; que fique como nasceu". Nisso, vinha um aleijado de nascença mas...

...que já ia melhorando com o tratamento que estava fazendo: e ouvindo aquilo ficou indignado e disse:

"Pequeno ruim! "Tomara que quebres o nariz e que haja sangue para te servir de lição". Só nesse momento foi...

...que João se lembrou do que a mãe lhe dissera. E voltou para casa, calado, pensando nas tolices que tinha feito.

Uma prova de coragem

Dois homens atravessavam uma densa floresta.

"Eu tenho medo", disse um dêles, de encontrar alguma féra; tenho notado pegádas suspeitas no solo !"

"Nada tema, amigo Pedro" — disse o outro que se chamava Paulo. "Em caso de perigo nós nos auxiliaremos como verdadeiros amigos. Meus braços são fortes e meu coração não conhece o medo; além disso . . ."

"Olha" — interrompeu Pedro alarmado, apontando uma touceira de onde partira um forte urro. Num momento, Paulo que era magrinho e muito agil, galgou como um esquilo o galho mais alto de uma arvore proxima, deixando só o amigo que era idoso e meio pesadão !

Mas Pedro não perdeu sua presença de espirito. Não podendo enfrentar uma féra desarmado, deitou-se rapidamente no solo e prendeu a respiração como se estivesse morto. Logo depois, um enorme urso surgiu da touceira e encaminhou-se desconfiado para o "morto" emquanto seu companheiro tremia de medo lá em cima.

Os leitores bem podem imaginar a angustia de Pedro ao sentir o bafio quente do animal que o examinava com toda a minucia. Mas o pobre homem não dava sinal de vida e o urso desconcertado abandonou-o em poucos minutos !

Quando o medroso Paulo viu que o perigo passara, desceu do seu esconderijo e envergonhado de sua covardia, procurou disfarçar, gracejando :

"Muito bem, caro Pedro, que disse o urso tão baixinho ao seu ouvido ?"

— "Ele me disse" — replicou promtamente Pedro — que nunca mais confiasse em fanfarrões como você !"

. . . .

No momento do perigo é que se distinguem os verdadeiros valentes, dos poltrões, e é na adversidade que se conhecem os amigos.

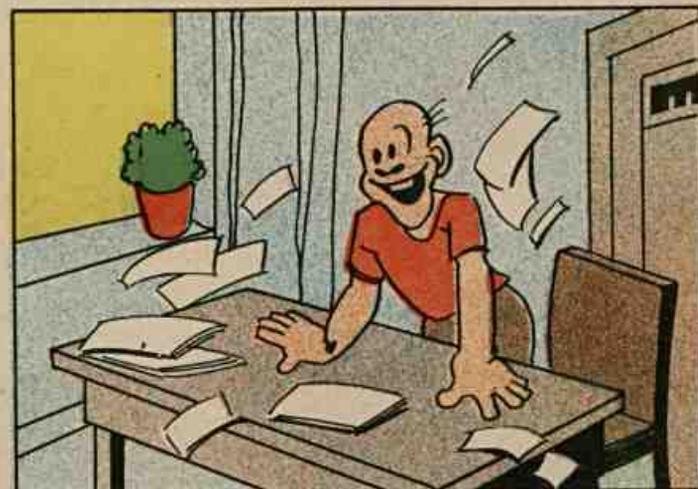
B O B S T E W A R D

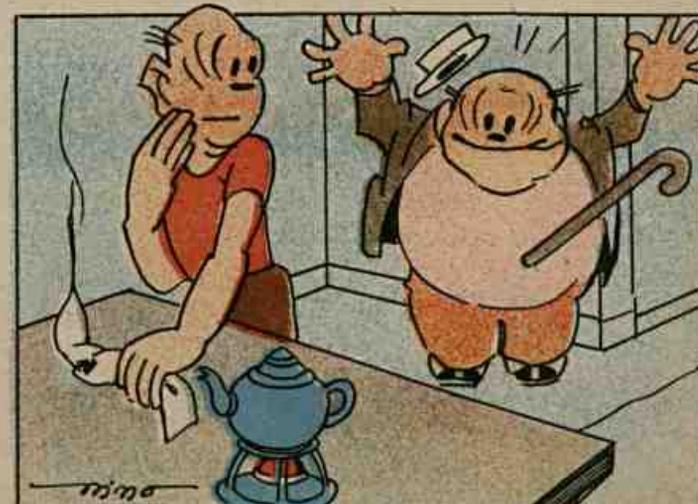
Aventuras da galinha carijó

SONHO VÃO

Bolinha com muito custo,
E com grande economia,
Comprou um belo bilhete
Para a grande loteria.

Nessa noite nem dormiu
A fazer castelos de ouro;
E via-se até em sonhos,
Dono de um grande tesouro!

Pela manhã lá foi êle
Trabalhar alegremente.
Já pensava que era rico
E ria até de contente...

O Bolonha fica em casa
Para fazer a limpeza
E joga fora os papeis
Que estão em cima da mesa.

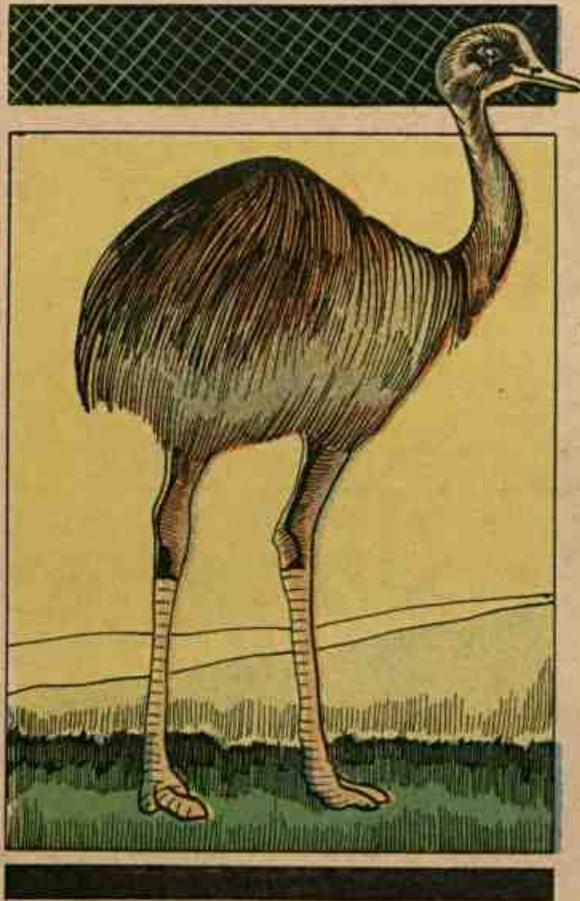
Vae o Bolinha de tarde
Para ver o resultado
E num grito de alegria
Vê que é êle o premiado.

Pobre Bolinha! O teu sonho,
Foi breve, e foi passageiro
O Bolonha c'o bilhete
Acendeu o fogareiro!

O AVESTRUZ

O avestruz e o beija-flôr ocupam os extremos de tamanho no mundo das aves.

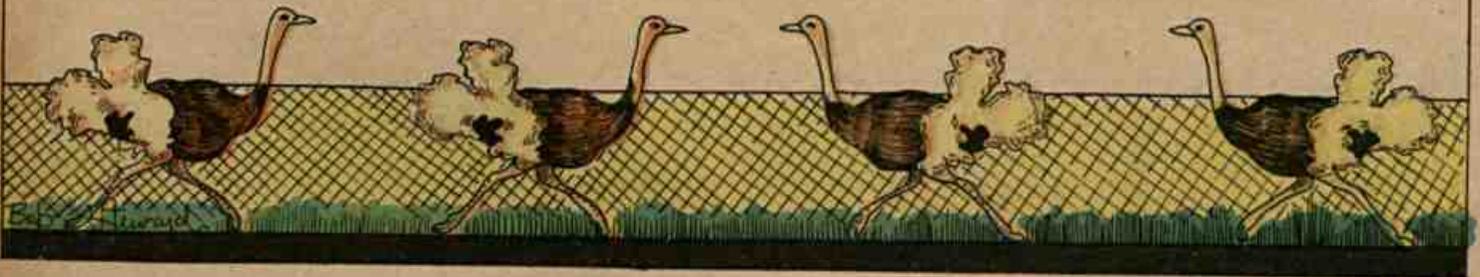
Ha beija-flôres africanos do tamanho de abelhas e ha certos avestruzes que quasi atingem o porte de uma girafa. O avestruz habita os desertos arenosos da Africa e Arabia. Entre os arabes é conhecido como o passaro camelo, pela forma de seu corpo e pescoço. O avestruz vive como o camelo no deserto, e póde passar muito tempo sem beber agua.

Embora o avestruz tenha asas, elas são tão pequenas que não o deixam voar; mas êle as utiliza como flutuadores para facilitar a corrida; agitando-as no ar consegue adquirir mais velocidade que qualquer cavalo de corrida. O ninho do avestruz é apenas um buraco cavado na areia onde a femea deposita cerca de dez ovos que são muito grandes e muito nutritivos, constituindo mesmo a base da alimentação de muitos arabes e africanos. Durante o dia, quando o sol é muito quente êle mesmo se encarrega de "chocar" os ovos, emquanto o casal de aves que construiu o ninho tão primitivo observa atentamente os arredores, garantido-se contra a aproximação de qualquer inimigo. Durante a noite o avestruz macho deita-se sobre os ovos aquecendo-os emquanto a femea dorme num logar proximo. As cascas dos ovos são industrialmente utilizados pelos asiaticos na feitura de curiosos objetos de arte como vasos, etc. Os avestruzes muitas vezes são caçados por pessoas montadas a cavalo, mas este processo de caça é bem deficiente pois os avestruzes além de muito mais velozes que os cavalos correm em zig-zag, dificultando muito a mira dos cavaleiros. Sabendo disso os caçadores não se esforçam por atingir as rapidissimas aves com seus rifles pois sabem que o avestruz não resiste muitas horas de corrida forçada e acabam impossibilitados de proseguir; mesmo assim esgotados pelo esforço excessivo, muita vez, ainda ousam enfrentar os perseguidores derrubando-os não raras vezes de suas montarias. No livro do Dr. Moffat — "A ação dos missionarios na Africa do Sul", ha uma descrição curiosa do processo usado pelos bochimanos na caça da preciosa ave;" — Um natural do logar disfarça-se com a pele convenientemente preparada de um avestruz e pouco a pouco vai se aproximando de um bando de aves imitando grotescamente os seus costumes. Quando se encontra bem proximo com relativa facilidade atinge uma bela presa com uma certeira seta envenenada."

O avestruz póde ser domesticado com bons tratos e muita paciencia, mas dificilmente deposita confiança integral em

seu dono, que muitas vezes vê todo um longo trabalho perdido, de um momento para outro, por um simples ruido estranho percebido pela ave desconfiadissima, como o tilintar de uma espora, um tiro de revolver, etc. Conta-se que um avestruz domesticado pertencente a um rico proprietario africano costumava diariamente transportar um pequeno escravo á sua costa a distancias enormes, a serviço de seu patrão; num certo dia como ventasse um pouco forte a ave pareceu assustada e recusou-se obedecer o seu guia. O joven escravo tendo que levar um reçado urgente chicoteou a energicamente e a ave enfurecida disparou numa corrida louca, completamente descontrolada com o violento castigo, e sem obedecer aos berros do menino, que perdeu completamente a calma. A ventania aumentava sempre e o avestruz cêgo a tudo, corria sempre levando para uma região desconhecida o pobre pequeno que, desesperado, agarrou-se ao pescoço da ave, sem poder perceber para onde era conduzido. Ao fim de alguns angustiosos minutos conseguiu o escravo ouvir um ruido estranho que surgia no meio da escuridão, pois a noite começava a invadir o deserto com as suas pesadas trevas. Pouco depois, com um desespero indescritivel teve conhecimento de toda sua desgraça; o avestruz o havia conduzido para um bando enorme de companheiros selvagens, que cairam impiedosamente sobre êle, maltratando-o com coices e bicadas, como si procurasse concientemente vingar seu companheiro maltratado que arquejava esfalfado pela longa carreira.

Ninguem soube noticias do joven escravó estraviado e muitos mezes depois uma caravana encontrava um esqueleto no meio do deserto, sem dar maior importancia ao funebre achado, tão comum para os desbravadores daqueles traiçoeiros mares de areia escaldante!

O maior valor dos avestruzes está nas longas e macias plumas brancas que enfeitam em certos periodos do ano a cauda das aves do sexo masculino. E é interessante notar que além do grande emprego que já tiveram na moda feminina, essas plumas ornam simbolicamente o capacete do principe de Gales que apresenta tipicamente tres plumas de avestruz.

BOB STEWARD

O CAMPEONATO DA BALADEIRA

Conto infantil de NELIO REIS

Aquela rixa já era antiga como diabo.

O Camaleão e o macaco Suï ha muito vinham discutindo, querendo ambos ter a supremacia no tiro á baladeira.

A bicharada já andava amolada com aquele bate-boca. Foi por isto que Tamanduá resolveu organizar a luta que decidiria, entre os dois rivais, qual o campeão.

Camaleão, entrevistado, declarou que venceria na batata.

— Tambem, para vencer um Suï esmirrado daqueles, não preciso nem que Deus me ajude!...

Pato Branco, "menager" do macaco Suï, explicava aos "fans":

— E' proza do zinho: no intimo o coração dele está assim de mêdo!

E ilustrava a frase, fechando o pé bem apertado.

Assim ou assado, o certo é que o Camaleão ia crentinho na sua vitória. A ultima vez que se exercitara com a baladeira, atirara a pedra tão longe que fôra um custo para chegar até onde ela pa-

rara. Rato branco, aluno dele, abria o bocão:

— Puxa, que nem David seria capaz de fazer outro tanto, quanto mais aquele Suï esmirrado!...

Tambem a baladeira dele era bôa de verdade. A forquilha fôra tirada de uma goiabera forte, e as borrachas eram das melhores que Rato Pardo roubava de uma garage.

Só Suï estava calado no meio dessa barulheira toda. Os amigos já andavam até desanimados com aquela moleza dèle, ali calado, manjando, tipo do sujeito que está se roendo de mêdo por dentro. Ele sorria, dava um nó no rabo, desenrolava, tornava a enrolar e deixava cair, displicente, um — "No dia verá", que era agua na fervura do entusiasmo dos amigos.

Tamanduá levou o apito á boca e chamou os contendores.

Camaleão foi o primeiro a entrar. Vinha todo proza cheio de enfeites por todos os lados, trazendo a sua celebre baladeira.

O povo todo bateu palmas.

Depois entrou macaco Suï, todo desanimado, com um ar de boi que vai para o matadouro. O povo não gostou do geito dele.

— Molengó!

E ninguem bateu palmas.

— Meus senhores e minhas senhoras — gritou Tamanduá, todo pôsudo, com as unhas enfiadas no colête — vamos dar inicio ao maior embate do ano. Lutarão os celebres atiradores Camalеão Valente e macaco Suï. Quem puzer a pedra mais longe será considerado o campeão de baladeira das matas de Marajó.

Fez-se um silencio profundo. Camaleão levantou-se, tufou o peito, escolheu uma pedra no chão, meteu na baladeira e atirou. A pedra saiu zunindo, passou por cima do taparebazeiro grande e desapareceu.

Dois urubús sairam voando atraz, para ver onde ela tinha caido. Quando voltaram, anunciaram entusiasmados que ela havia chegado juntinho do pé de fruta pão, lá do outro lado do rio.

Todos saudaram o Camaleão e afirmaram que era impossivel que Suï pudesse atirar tão longe.

Mas Suï nem ligou. Levantou-se vagarosamente. Tirou uma pedra do bolso, meteu-a na baladeira e atirou. A pedra passou, tambem, por cima do taparebazeiro e desapareceu.

Os urubús sairam atraz, e quando voltaram não podiam nem falar de tão espantados que estavam. Depois afirmaram que a pedra do Suï havia caido cincoenta metros adiante da do Camaleão

O pessoal a principio ficou desapontado, mas depois palmeou o vencedor.

Tamanduá proclamou-o o campeão de baladeira de todas as matas da Ilha de Marajó. E fez-lhe a entrega dos duzentos mil réis de premio.

Camaleão ficou com uma cara deste tamanho.

Suï aprumou-se todo e posou para os fotografos. Depois começou a dar entrevistas, para os jornais, contando como fazia para atirar tão bem.

Sómente, o que ele não contou foi o contrato que havia feito com o compadre Sabiá, que ficou esperando a pedra dele passar pelo taparebazeiro e a levou no bico mais longe que a do Camaleão. Em compensação, Suï deu-lhe metade do premio e gosaram juntos o castigo que haviam dado no Camaleão orgulhoso.

Tradução de ALBERTUS DE CARVALHO

Era uma vez um rei e uma rainha que muito sofriam por não terem filhos.

Certa vez em que a rainha passeiava á margem do rio mais bonito dos seus imensos dominios, viu um pequeno peixe sobre a herva. A rainha ficou com tanta pena de ve-lo correr assim que o apanhou carinhosamente e o depositou novamente nas aguas do rio. Antes, porém, de se afastar, o peixinho botou a cabeça fóra dagua e disse:

— Eu conheço a causa dos teus sofrimentos e, em pagamento á tua bondade sem par, farei com que tenhas uma filha.

E foi verdade.

Pouco tempo depois a rainha era mãe de uma menina tão béla que o rei não cessava de olha-la. Organizou em sua homenagem uma festa magnifica para que todo o reino admirasse a princesinha. Para tão alta recepção foram convidados todos os cavalheiros, os nobres, os amigos e os visinhos. A rainha, com o coração transbordante de felicidade, disse:

— Convidaremos tambem as fadas, as carinhosas fadas.

Treze era o numero de fadas que havia no reino, mas como o rei e a rainha tinham para a festa sómente doze peixes dourados, viram-se na contingencia de não convidar uma delas. Doze vieram, cada uma vestida com uma deslumbrante capa vermelha e uma varinha longa e branca. Ao terminar a festa, todas ofereceram á encantadora princesinha seus melhores presentes.

Uma deu-lhe Bondade, outra Riqueza e assim sucessivamente até que a menina teve tudo o que faz falta no mundo para se ser feliz Mas, no momento em que a fada numero doze acabava de benze-la, ouviu-se um grande barulho dando entrada a fada treze toda vestida luxuosamente, tendo aos hombros uma enorme capa negra. Estava muito aborrecida por não haver sido convidada e pôs-se a gritar contra o rei e a rainha, dizendo-lhes que se vingaria. E sentenciou:

"No dia em que a princesa completar treze anos, será ferida por uma róca e morrerá instantaneamente."

Então a fada numero doze, que não havia dado ainda o seu presente, avançou um passo á frente e interrompeu: "que o desejo daquela criatura maligna se cumpra mas suavisado; quando a róca ferir a princesa, esta não falecerá, mas ficará adormecida por cem anos."

Apesar de tudo, o rei estava esperançado em salvar sua filha e ordenou que todas as rócas existentes no reino fossem destruidas.

Entretanto, os dons das doze primeiras fadas eram já realidade, pois, a princesa era tão formosa, rica e boa que todos a amavam. No dia em que completou os treze anos, os reis não estavam em palacio e a princesinha estava só. Pôz-se a passeiar até que chegou a uma ve-

lha torre em cujo centro havia uma porta. Dando uma volta a uma chave dourada, viu uma velhinha que parecia estar muito ocupada, fiando.

— Boa velha — disse — Que fazes?

— Estou fiando — respondeu, fazendo girar a roda.

— Oh! — exclamou — Como é bonito êsse serviço!

E assim dizendo, segurou na róca, pretendendo fiar. Mas apenas tocou-lhe, a profecia da fada se cumpriu e a princesinha caiu ferida. Não estava morta, mas adormecida profundamente; os reis, que nêsse instante regressavam juntos com toda a côrte, dormiram tambem; os cavalos, os passaros e até mesmo as moscas adormeceram.

A cosinheira, que nêsse momento apressava a ceia e o mordomo que provava o vinho, êste, ainda com o jarrão nos labios, ficaram imoveis.

De repente, uma grande cerca de espinhos cresceu rodeando o palacio.

Uma época veiu em que se começou a falar de Rosa Silvestre (assim se chamava a princesinha) o que deu lugar a que de vez em quando alguns filhos de reis se atrevessem a penetrar, furando o emaranhado das ramagens, no interior do palacio. Ninguem, entretanto, podia faze-lo, pois a mata e os espinhos os aprisionavam e os principes morriam alí.

Passaram-se, assim, muitos anos até que chegou um principe a quem um ancião lhe contou a historia da princesa Rosa Silvestre. Contou tambem o que aconteceu a muitos principes que haviam pretendido chegar até o palacio e morrido antes de consegui-lo.

O jovem respondeu:

— Nada disso me assusta. Irei e despertarei a princesa.

A casualidade, porém, favoreceu o moço: o praso dos cem anos expirava nesse dia, de maneira que quando o principe começou a caminhar, não viu outra coisa senão formosissimas plantas, especimens raros na floricultura, através das quais era muito facil caminhar. Chegou, finalmente, ao palacio e a primeira coisa que viu foram os cães e os passarinhos inocentes, adormecidos. Ao entrar deparou tambem com as moscas imoveis; o mordomo com o jarrão colado aos labios e a cosinheira com a mão levantada como se quizesse castigar o atrevido. O principe continuou avançando, até que por fim chegou à velha torre e abriu a porta: alí jazia Rosa Silvestre completamente adormecida. Estava tão formosa que o principe não podia deixar de olha-la e, parado a seu lado, beijou-a longamente.

Nesse mesmo instante a princesa despertou e lhe sorriu docemente. Saíram juntos e despertaram toda a côrte.

Depois... ora, depois; depois o principe e Rosa Silvestre casaram-se com grande pompa e viveram felizes por toda a vida.

A pescaría dos gatinhos

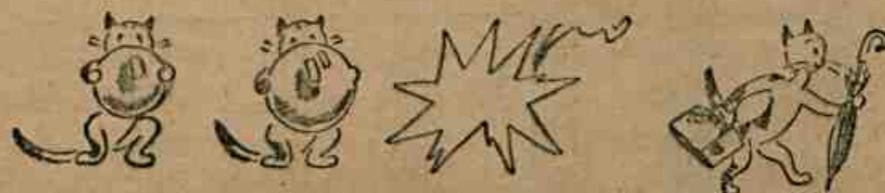
— Lembre você, papagaio, uma diversão para nós!

— Deixem-me livre e lhes digo que é bom ir ao mar pescar!

— Que béla idéia nos deu o nosso amigo Ratinho!

— Vem, tambem, tartaruga, á pescaria no mar!

— Vamos p'ra casa levar esse gostoso pescado!

— Isso é que é peixe gostoso!

— E vamos lambendo os pratos, que o Papai vai trabalhar!

Santos Dumont

A 20 de Julho de 1873, nascia no Brasil, um grande brasileiro: Santos Dumont.

Foi notavel pela paciencia e persistencia, ao fazer as suas primeiras e longas experiencias sobre a aviação. Não houve amigo que não quizesse dissuadi-lo de tão loucos propositos. Alcançar a dirigibilidade dos balões! Que não fosse louco em gastar as economias nesse invento!

Mas Dumont não desanimou. Trabalhou noite e dia sem descanso, até que um dia anunciou que descobrira a dirigibilidade dos balões. Portanto, numa linda manhã de Julho, em 1901, em Paris, o povo francês veiu á rua afim de assistir ao importantissimo acontecimento.

No campo do Aero-Club, o povo delirante de entusiasmo, aplaudiu-o ao ve-lo contornar a Torre Eiffel.

O seu exito constituiu, pois, uma gloria para a sua patria, ganhando, com isto, o premio Deustch, de 129 mil francos, que distribuiu a maior parte entre os seus operarios e os necessitados de Paris.

Porém, o que mais o alegrou, foi receber do Dr. Campos Salles, então presidente do Brasil, cem contos oferecidos pelo Congresso Brasileiro e as medalhas do Instituto de França, Aero-Club, pois com esta descoberta Dumont abria aos olhos do mundo maravilhado, uma nova éra, formando a esquadrilha, facilitando um meio de transporte de correspondencia e de passageiros...

S. Olga Janiszewska

O CAMPEÃO

CANÇONETA-MARCHA

Musica e versos de EUSTORGIO WANDERLEY

Mes-mo ten-do con-tra si .... Dois ju-

i-zes a mar-car O Bra-sil te-

ve um ter-cei-ro Que é um pri-mei-ro lu-

gar A-le-guá A-le-guá Que a Fi-fa queira ou não A-le-

guá guá guá guá guá O Bra-sil é o cam-pe-ão. D.C. 2 vezes até f Fim.

Vejam a letra da cançoneta noutro local deste Almanaque

JARDINS DA INFANCIA

Foi em Burgdorf, em 1836, diz Briston, que Froebel concebeu o projeto de uma reforma de educação, tendo por ponto de partida o desenvolvimento natural e harmonioso das faculdades da criança, e por fim o progresso e a ventura da humanidade. Deixando a Suissa foi se estabelecer em Blankerbarg, perto de Keilbrei; aí, auxiliado por sua esposa, reuniu diariamente, durante um determinado numero de horas, a criançada da visinhança, e empreendeu a publicação de um jornal hebdomadario destinado a tornar conhecidos os principios sobre os quais fundava o seu sistema de educação. Em 1840 deu ao seu estabelecimento o nome de "Jardim da Infancia", e escolheu para sua inauguração o dia em que a Alemanha festejava o tricentenario da descoberta da imprensa.

A obra de Froebel atraíra, desde o seu inicio, a atenção publica; professores, jornalistas, grandes damas foram visitar sua escola e testemunhar-lhe simpatías pelos esforços de tão benemerito e carinhoso amigo da infancia, e sua admiração pelos resultados que obtivera.

Noventa e oito anos decorridos após a fundação do primeiro estabelecimento de educação e de ensino sob este interessante feitio — que tantos são os que do primitivo "Jardim" nos distanciamos — ainda a essencia e a alma creadora se conservam as mesmas nos congeneres que se derramam pela superficie do mundo.

Não póde existir gabo mais caloroso á harmoniosa obra de amor e de suave e terna preocupação do imortal pedagogo do que esta — de resistir, em suas linhas gerais, aos embates precipitados por que vem passando, de ha muito, em tumulto, o complexo problema do ensino, em suas multiplas modalidades, mercê das sucessivas reformas, vulneraveis, em sua maioria, sob o ponto de vista estreito de sectarismo em que são elaboradas.

Froebel deixou um exemplo a seguir, e não um credo a se repetir e processos para se imitar, servilmente. Tambem pensaram os seus discipulos que a melhor maneira de continuar a sua obra era de se inspirar do seu espirito, procurando aperfeiçoar-lhe o método. O ideal dos "Jardins da Infancia" não está no passado mas no futuro; e para atingi-lo, é preciso não copiar docilmente um modelo, o que conduziria á rotina, mas trabalhar, para realisar de fórma cada vez mais perfeita a idéa fecunda que Froebel tomou por base do seu sistema de educação. Disse, com beleza e precisão, Wichard Lorge, no centenario do grande e imortal educador: "As grandes linhas estão traçadas; cumpre á pedagogia edificar sobre elas".

O "Jardim da Infancia", pelo seu espirito, pelas disciplinas do seu curso, pela propria casa em que deve funcionar — risonha, alegre, cercada de canteiros floridos, inundada de ar e luz, é a ponte cristalina entre o lar e a escola, dando e esta atrativos e encantos que a façam visinha daquele.

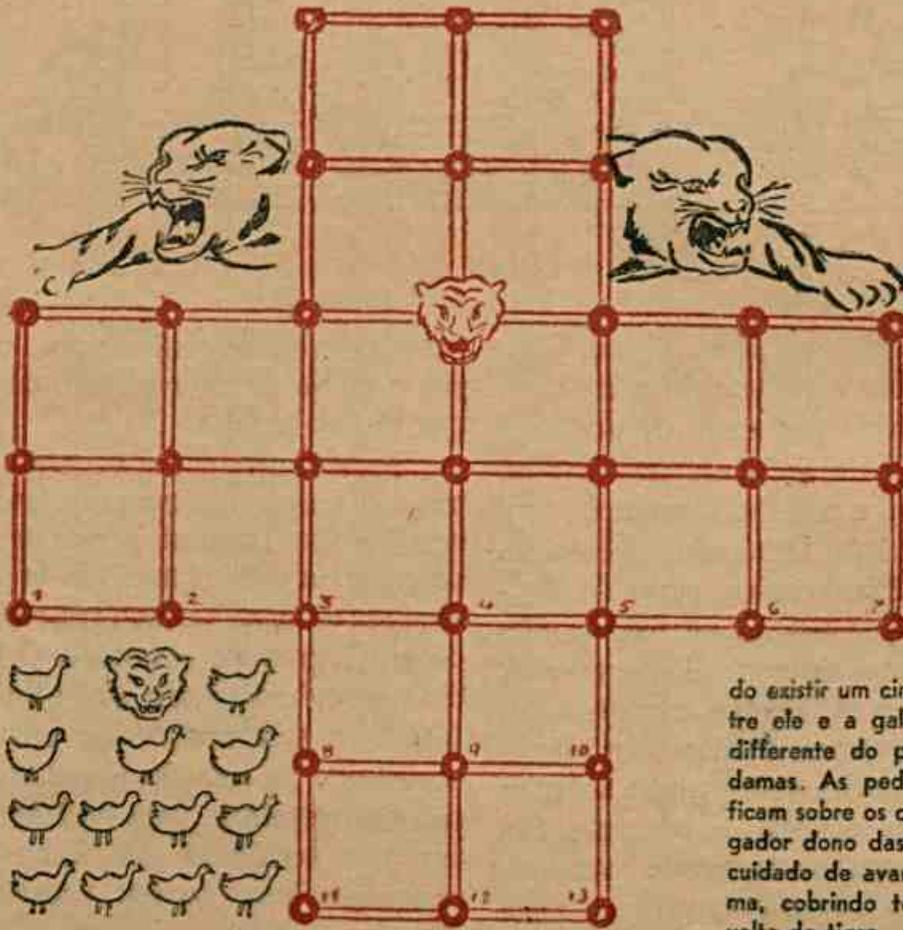
A entrada e a saida das aulas, desses arremedos de aves tagarelas, enchendo o ar de risadas sonoras e gorgeios limpidos, devem guardar sempre e harmoniosamente a mesma comovedora beleza de alegria e de encanto.

"No "Jardim da Infancia" o oleiro, quasi divino, plasma a feição espiritual do pequenino ser confiado ás suas virtudes de carinhosa bondade e de inteligente solicitude; o mestre é, nesse passo, o verdadeiro artificie do futuro da patria.

LEONCIO CORREIA

O JOGO DO TIGRE

INSTRUÇÕES:

Colocam-se as 13 galinhas sobre as casas numeradas de 1 a 13, e o tigre em cima da figura do mesmo. O jogo é para duas pessôas. O tigre póde mover-se em todas as direções. As galinhas, não: apenas se movem para cima, para direita e para a esquerda, mas sem retroceder. Andam sempre para diante. O jogo se decide comendo o tigre todas as galinhas ou estas cercando o tigre completamente, impedindo-o de movimentar-se. O tigre só come quando existir um circulo negro vasio, entre ele e a galinha. Note-se que é differente do processo do jogo de damas. As pedras (galinhas e tigre) ficam sobre os circulos negros. O jogador dono das galinhas deve ter o cuidado de avançar sempre para cima, cobrindo todos os circulos em volta do tigre.

O MEIO MAIS SEGURO

Quando o grande pintor Rubens, mestre em sua arte, alcançou o apogêo da gloria, passou a viver suntuosamente.

Um alquimista chamado Brendel, que invejava sua riqueza e queria explorar o artista, foi certa vez á sua casa e lhe confiou que tinha descoberto um meio magnifico e seguro de fabricar ouro, propondo a Rubens associar-se no negocio.

Ao pintor caberia instalar o laboratorio, comprar todos os instrumentos e utensilios e demais materiais de que necessitasse o alquimista. Quanto a este, traria para a sociedade apenas o segredo, prontificando-se a dar ao socio metade dos lucros que se conseguisse.

Rubens ouviu o homem e respondeu, sorrindo:

— Para que iria eu associar-me com alguem, si ha tanto tempo descobri, sózinho, o segredo para obter ouro? Meu processo é infalivel e tem já dado otimos resultados!

— Devéras?! — perguntou o outro. E como consegues isso?

— Simplesmente: com os meus pincéis e com o meu trabalho.

Figuram nesta pagina duas folhas do primoroso livro *Nosso mundo*, uma excelente geografia elementar em desenhos, trabalho do conhecido artista e educador Seth. *Nosso mundo* faz parte da série "Coleção Seth".

Os principais produtos agricolas brasileiros

Coraçãosinho de ouro

Mez de Dezembro. As casas comerciais, principalmente as de brinquedos, estão todas ostentando lindos presentes para as festas do fim do ano. Numa das mais destacadas casas da rua do Ouvidor, admirando suas vitrines, estão mãe e filha, duas pessoas distintas da alta sociedade carioca, moradoras de um rico palacete em Copacabana.

A menina admira os ricos presentes que vê na loja expostos e pede á sua mamãe que os compre; mas na sua imaginação formam-se castelos de luz. A mamãe rica promete dar-lhe tudo quanto pediu.

....

8 horas. Noite de Natal.

Celita está toda vestida de branco. Uma linda fita da côr do vestido enfeita os seus formosos cabelos negros. Ninguem está mais alegre e mais feliz do que ela. Seu palacete está todo cheio de luz e flores. Num canto do vasto jardim, no canteiro dos lirios, está ela mais linda do que nunca, rodeada de formosos brinquedos que irá distribuir entre as crianças como ela, mas que não tiveram a felicidade de nascer em berço de ouro.

Aos poucos abrem-se os portões e um bando de meninos e meninas entram e vão receber das pequeninas mãos de Celita os seus presentes de Natal. E cada um vai chegando e saindo com uma boneca, ou com um carrinho, um automovel ou um trensinho; mas ninguem sai sem o seu presente.

E o relogio bate dez horas e retiram-se as ultimas crianças levando os brinquedos restantes na mesa.

Celita retira-se dali.

Olha para todos os lados e vê os lirios sorrindo para ela. Lá em cima, no primeiro degráo da escadaria, estão seus pais que a esperam com um sorriso nos labios e de braços abertos.

Ela sóbe as escadas sorrindo e chegando lá recebe de seus pais o beijo da gratidão. Nada melhor do que um beijo poderia receber este coraçãosinho de ouro.

JUDAIBA ROCHA

As aventuras da Tilinha

Desenho de Russ Westover

— Hoje sou eu que vou levar a Tilinha para dansar! — dizia Chico Naris. — Você, não! Quem a leva sou eu! — retrucou Bambú. — Pois, eu irei com...

...aquêle que jogar a bóla mais longe! — Vou jogar em primeiro logar! — exclamou Bambú, que, tomando posição....

...fez mira várias vezes, com os olhos muito arregalados. Depois desferiu um golpe violento na bóla que saiu a varar o espaço. Esse golpe no entanto não...

...creou desanimo no Chico Naris, que empunhou a bengala de golf. — Vá, "seu" Chico, falou Bambú, caminhar uns tresentos metros, no minimo para achar a minha bóla! Eu sou...

...campeão! — Sáia da frente! — falou Chico Naris, que deu várias voltas e, por sua vez, acertou na bóla um golpe forte, levando-a aos ares.

AS AVENTURAS DA TILINHA (CONCLUSÃO)

— A minha bóla já achei — disse Bambú, — mas a sua, Chico, não se encontra e, por isso, sou eu quem leva a Tilinha para dansar! Nada mais claro!

— Hei de encontrar a minha bóla! — exclamava Chico Naris. Tenho certesa de que a mandei muito mais longe que a do...

...Bambú! Eu levarei Tilinha a dansar! — Olhem um avião que vem aterrar no nosso campo! Que quererá o aviador em nossas terras! Vamos nos aproximar dêle! — falou, tremula a jovem Tilinha. E todos se encaminharam para junto do avião, que acabava de pousar.

— Desci para entregar esta bóla de golf que caiu dentro do meu avião! — disse o aviador, entregando a bóla do Chico Naris.

— Vamos nos vestir para ir á dansa, Tilinha! O Bambú ficará aqui no campo fazendo exercicio para aprender a jogar a bóla como eu.

CAMOMILLINA

PARA A DENTIÇÃO DAS CREANÇAS

PODE SER TOMADA DESDE 3 A 4 MEZES DE IDADE

Era a noite festiva de Natal. Numa cazinha de roça, no interior do país, morava uma familia humilde, agora reunida à mesa, para a ceia.

Terminada a ceia, dois filhinhos do casal humilde foram deitar-se, para dormir, deixando à janela os sapatos para receber os presentes do Papai Noél.

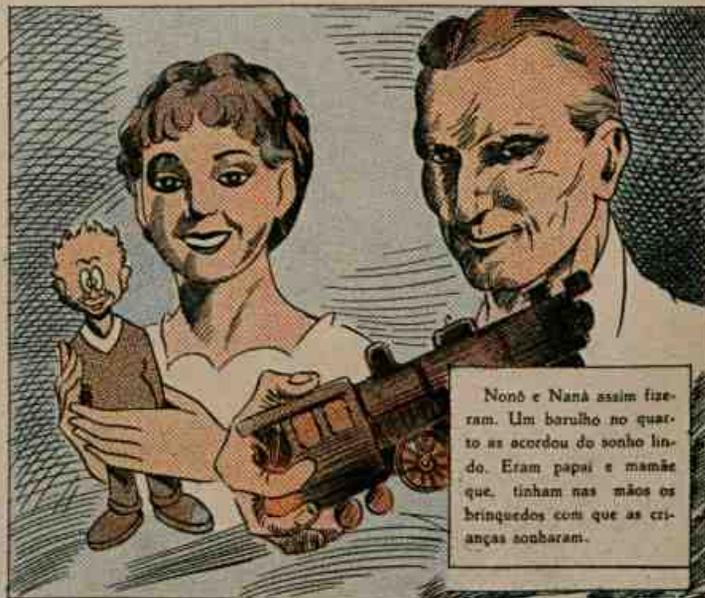
Eis que de repente surge no quarto a figura risonha do Papai Noel. Não trazia, porém, o saco de brinquedos. Com voz meiga, o velhinho convidou as duas crianças para darem, com ele, um passeio encantador.

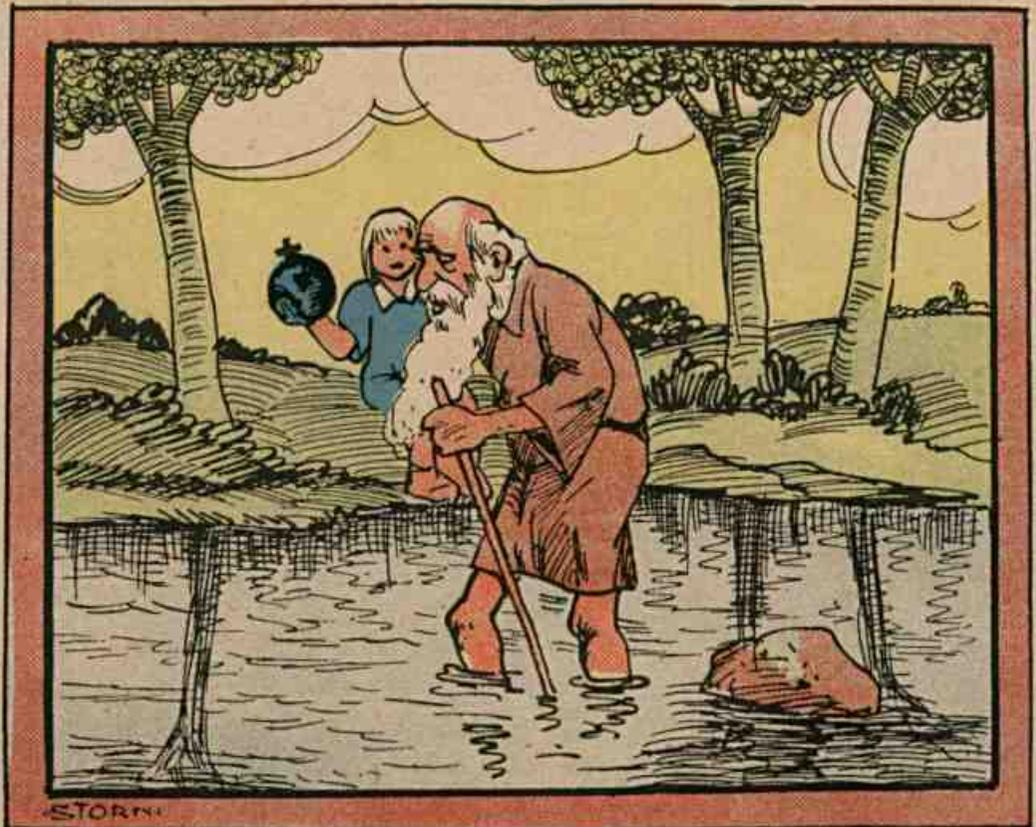
Convido vocês — disse o velhinho, para esse passeio porque sei que vocês são crianças doceis, meigas, bondosas.

Quando a carruagem de Papai Noel se aproximou, abriu-se um grande portão para lhe dar passagem. O velhinho e as duas crianças saltaram.

Entram no palacio por um longo, corredor entre alas de anjos vestidos de branco. O chão era de nuvens côr de nácar.

No fim do corredor estava a sala maravilhosa dos brinquedos. Todos os brinquedos imaginaveis ali se encontravam.

O proprio Papai sentou-se ao chão para brincar com seus jovens e educados convidados cada vez mis exultantes de alegria.

ELE sempre parava naquela porta. A sua calça e a blusa eram desenhadas de remendos. Parava e ficava olhando pra dentro do açougue do "seu" Manoel. Um cachorro muito grande, branco e todo manchado de preto, dormia logo na entrada. Do telhado pendiam gaiolas com canarios amarelos, que faziam a musica do logar. Gente ficava pedindo meio-quilo disso e daquilo. Ninguem queria osso na carne. Queriam um bocado de carne bonita, boa para fazer bife. Nos suportes de aço, muito brilhantes, grandes pedaços de boi estavam dependurados.

Porém, nada disso impressionava aquele menino cheio de remendos. Ele ficava na porta espantado. Pensava, pensava e nada de resolver. Na parede,

S. CRISTOVÃO E O MENINO

pintado a oleo, por baixo do nome de "Acouque de S. Cristovão", havia a figura de um homem seguro a um bastão e de grandes barbas, carregando nos hombros um menino muito loiro, e atravessando o rio com agua pelas canelas. Na mão do menino havia um globo : — O mundo.

Quem seriam eles ?

Atormentava-o aquela idéa.

Por isso, logo que chegou a casa naquele dia, foi perguntar pra mãe dele :

— Mamãe, quem são aqueles dois, que estão na parede do açougue de "seu" Manoel ?

A mãe sorriu, sentou-se e contou :

— Você não os conhece, meu filho ? Pois bem vou dizer-lhe. Aquele ó S. Cristovão, um homem que foi muito bom, muito santo. Um dia ele vinha bastante cansado de retorno á casa, passo a passo pelas estradas poeirentas, cabeça baixa, ao se aproximar daquele riacho alí encontrou aquele menino tão lindo. O menino, então, pedindo-lhe que o transportasse para a outra margem, pois a maré enchera demais e ele não podia atravessar o rio sem risco da vida.

S. Cristovão, apesar de cansado, pol-o ao hombro e entrou pelo rio a dentro. Mais ou menos ao meio do percurso o velho S. Cristovão não resistiu e perguntou :

— "Menino, como é que você sendo tão pequenino pesa tanto ? E' de admirar. Nunca senti tanto peso sobre os meus hombros.

Ao colocal-o no chão, já em terra seca, na outra margem, olhou-o bem e viu-lhe na mão o globo do mundo e nos olhos o brilho divino. Era Jesus, o menino que acabára de carregar."

A mãe acabou a narrativa beijando o seu filhinho que sorria contente.

— Ahn, mamãe, por isso é que eu gosto tanto daquele menino. Pois, si ele é Jesus . . .

JUB.

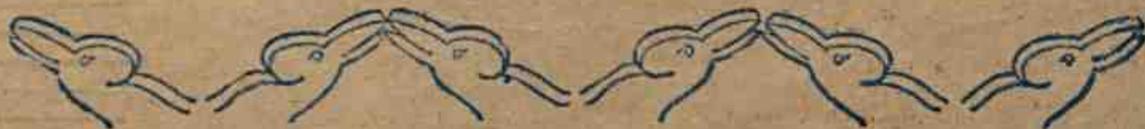
Os Gansos do Capitólio

Carlinhos, detendo-se uma tarde, ao regressar do colégio, na vitrine de uma livraria do centro da cidade, leu na capa de um dos livros expostos o seguinte titulo: "Gansos do Capitolio". O titulo intrigou-o profundamente. Conhecia, na verdade, varias especies de gansos, mas êsses "do Capitólio" êle os ignorava perfeitamente. Por isso, no outro dia, ao chegar ao externato, resolveu perguntar ao seu professor que especie de aves eram essas.

O velho Cirino, com os oculos na testa, repoltreado na sua cadeira giratoria, as mãos sobre o ventre, assim desvendou a natural curiosidade do Carlinhos:

— Partindo das margens do Sena, do Marne e do Yone, os gaulezes comandados pelo famoso Brenno se atiravam, como uma torrente impetuosa, através da Italia, pilhando e depredando tudo quanto encontravam á sua passagem. Um exercito de quarenta mil romanos avança contra êles. Êste exercito, porém, é vencido. Jámais se vira uma derrota tão completa! Os fugitivos se dispersavam por todos os lados: poucos conseguiram chegar a Roma como testemunhas da tremenda desolação. Tal era o pavor, que nem se pensou, mesmo, em fechar as portas da cidade: elas ficaram abertas diante do avanço de Brenno, o qual, pensando se tratasse de uma emboscada, não quís entrar. Êste retardo deu tempo a que os romanos arrebatassem suas mulheres, seus filhos, assim como tudo quanto de mais precioso possuiam e os remetessem ás cidades visinhas. Feito isto, recolheram ao Capitolio a nata da mocidade romana, deram-lhe armas e víveres, não admitindo, entre ela, senão homens capazes de oferecer uma vigorosa resistencia.

Afinal, Brenno resolveu entrar ás portas da cidade. Seus soldados, contudo, vendo a "urbs" completamente deserta, marchavam, mas com muita cautela. Quarenta dos mais veneraveis patricios, entretanto, não quizeram fugir: resolveram sacrificar-se. Achavam-se revestidos das insignias inerentes á sua dignidade. E, sentados, ao redor da praça, nas suas cadeiras de marfim, esperavam tranquilamente o inimigo.

Brenno, impressionado com êste espétaculo, fixava aquêles velhos com um espanto mixto de admiração. O aspéto veneravel que apresentavam, a intrepidez de que deram provas, a magnificencia dos costumes que

adótavam, faziam com que os Barbaros os olhassem como a verdadeiros deuses. Por muito tempo não ousaram nem se aproximar dêles, nem tocar-lhes. Finalmente, um dêles se aventurou a passar a mão na barba de Marco Pompilio. Êste, indignado, bateu no soldado com a sua bengala de marfim. Foi o sinal do massacre: os quarenta patricios foram logo degolados!

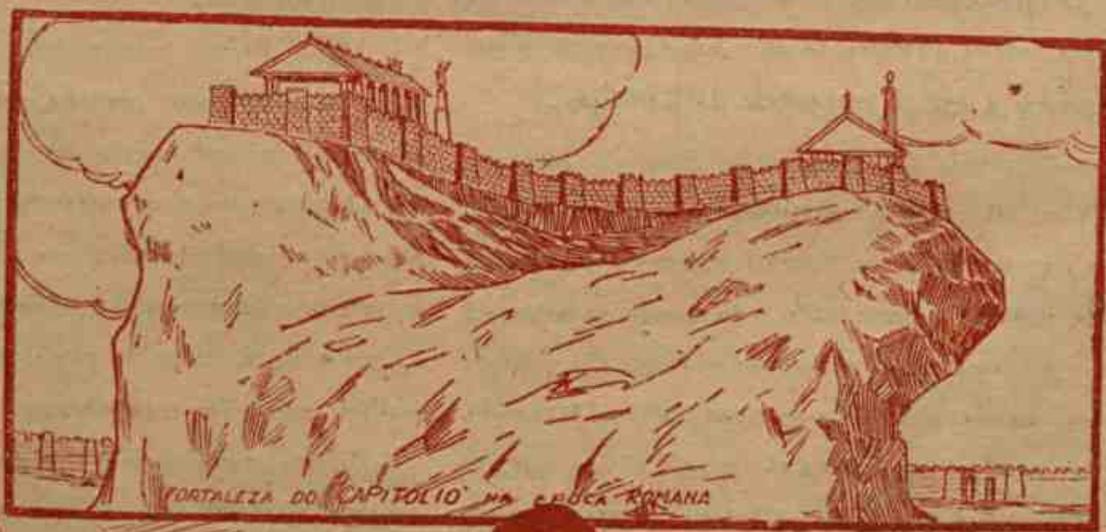
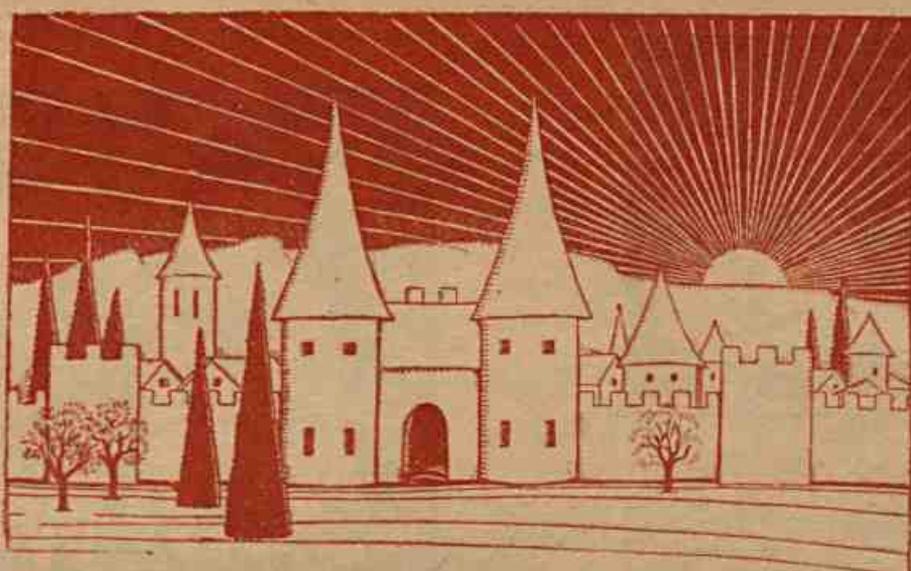
Todos os esforços de Brenno tenderam então a se apossar da fortaleza, que, sózinha, resistia ainda. Empreendeu diversos assaltos contra ela, mas todos fracassaram redondamente. Uma noite, porém, enquanto todo mundo dormia, o capitão avançou até aos pés dos muros do Capitolio. Os preparativos para a escalada se faziam no mais profundo silencio. O exito parecia mostrar-se favoravel, quando gritos angustiosos, partidos do templo ocupado pelos gansos consagrados a Juno, atraíram a atenção das sentinelas. Manlio, que foi o primeiro a despertar, correu para as muralhas e surpreendeu um gaulez agarrado á parede que pretendia escalar. Atirou-se violentamente contra êle e derrubou-o. O Barbaro, na quéda, arrastou os que o seguiam e Brenno, de novo, se viu forçado a levantar o sitio.

Os gansos tinham, desta maneira, salvo o imperio!

Quando o ditador Camillo, de volta do seu exilio, anistiado, derrotou os gaulezes e destruiu o seu exercito, foram recompensados e punidos todos aquêles que agiram dignamente e os que se portaram como covardes á época da tomada de Roma. Manlio, que foi o primeiro a dar sinal ao grito dos gansos e o primeiro tambem a se precipitar contra os gaulezes, recebeu uma casa na fortaleza e o titulo de "Capitolio".

Os gansos, êsses, passaram a ser tidos como sagrados. Passeiaram-nos, durante três dias, numa liteira ricamente decorada. Numa palavra: partilharam do triunfo conferido a Camillo e a Manlio. Não foi tudo ainda: combinou-se que, como lembrança da sua vigilancia, se conservasse, sempre, certo numero de gansos no Capitolio a espensas do publico. O primeiro cuidado dos censores, ao serem encarregados dessa tarefa, foi o de prover-lhes a nutrição.

A superstição chegou ao ponto de serem oferecidos sacrificios a estas aves tutelares.

Todos os anos eram elas conduzidas em procissão, pela cidade, numa liteira magnificamente decorada. Esta cerimonia praticava-se ainda ao tempo dos imperadores Nerva e Trajano.

Tiburcio, acorda...

Os meninos estavam na porta da casa do Jucà, falando na fita em série da semana, quando Tiburcio passou com a mãe pela mão.

— Té logo.

— Té logo...

Tiburcio estava com roupa limpa, de sapatos pretos, gravata e chapéu. Na antevespera tinha tirado o apparelho de gesso do braço quebrado. Todos os meninos ficaram intrigados. Onde iria aquelle moleque todo de fatiota?

No dia seguinte, á noite elle mesmo explicou:

— Vou trabalhar na cidade. Minha mãe me arranjou um lugar batuta. Vou andar fardado de vermelho.

Os olhos dos meninos ficaram accesos, arregalados, como vagalumes no escuro.

Puxa, o Tiburcio fardado!

— E' onde tem os arranha-céus. Já aprendi o caminho. Todos os dias tomo dois bondes para ir e outros dois pra voltar.

Aí, as bocas foram-se entreabrindo e a bába correu na blusa do Manuel, que enxugou com a manga da camisa. Nossa Senhora, o Tiburcio andando sózinho em tanto bonde. Pagando o condutor, batendo o tímpano... Que bonito!

— Meninos, a casa é cheiinha de balas, bonécos e *bonbons*. Fiquei maluco de vêr tanta cousa gostosa. Cada chocolate que é isso de tamanho...

Depois os meninos viram que era verdade. Tiburcio todas as manhãs, saía bem cedinho fardado de vermelho com enfeites dourados. No gôrro estava escrito: "Ao bombom de ouro".

Nunca ele tinha visto tanta beleza. No bairro em que ele morava não havia daquilo. Tanta casa alta. Não compreendia como é que os homens tinham conseguido levantar aqueles arranha-céus tão grandes. Lá em casa, punha uma carta em cima da outra e num instante tudo caía no chão. Seu pescoço chegava a ficar doendo de tanto olhar para cima. Janelas. Só janelas. Umas em cima das outras, feito grandes casas de pombos. Ruas estreitas, tão estreitas que os arranha-céus pareciam se reunir em cima, pelos telhados. Ficava olhando aquelas grandezas de cimento armado. De noite, os anuncios se movendo, de côres muito fortes, verde, vermelho, azul. Tanta claridade pelas calçadas. Gente passando que parecia formiga. Quanto automovel, meu Deus! Ficou pensando que não havia fita de cinema mais bonita que a gente ficar espiando as ruas da cidade. Um dia andou num elevador que era direitinho um avião. Só sentiu um frio na barriga e chegou num segundo lá em cima. Espiou pra baixo. Menino, que vista bonita. Os olhos dele chegaram ficar piscando. Nunca tinha olhado um mundo tão bonito. Chegou a ter tonteiras. Tanto mar, tanta montanha, um bocado de céu azul, cheio de nuvens brancas que parecia pano pintado.

Esqueceu-se das bombas. Da roupa estendida no varal, das casinholas de telhado de zinco, da pobreza que andava no seu lar. Sua cabeça deu uma porção de giros e ele começou a ter vontade de trabalhar muito e de estudar. Havia de ganhar dinheiro, ser homem direito para dar tudo á sua mãe velhinha. No mês proximo, havia de juntar uns niqueis, para comprar um vestido azul da vitrine para Zunquinha usar no seu aniversario.

Um dia êle haveria de saber como se constróe um arranha-céu. Saberia o nome de todas as ruas. Conheceria todos os bondes. Não sentiria frio na barriga quando subisse num elevador.

Por isso, todas as manhãs bem cedinho, pula da cama, quando sua mãe o sacode:

— Tiburcio, acorda, está na hora do trabalho!

Bonequinha adormeceu...

Bonequinha ficou no quarto dos brinquedos bem socegada. O polichinelo estava com a perna quebrada. Pegou na goma-arabica e concertou-a. Riu-se muito porque ficou direitinha.

Aquele visinho que dansava rodando dava-lhe muito trabalho. Toda a hora caía, feito criança mole. Parecia que não tinha educação.

O apache de bonet caído no olho e cachimbo na boca fazia sempre uma briga danada por causa de uma fatia de pão com açucar. Era um esfomeado. Ía mandar comprar o morro do "Pão de Açucar" só p'ra ver se êle podia comê-lo todinho.

Boneco de pano sem graça era esse tal Pimpão. Estava com a cabeça quebrada e os miolos de algodão caindo pelo buraco. Sofrera um desastre horrivel caindo lá de cima do armario.

O cavalo Mossoró gostava muito de capim verdinho do quintal e mexia com a cabeça sempre dizendo:

— Quero... Quero...

Hoje, a D. Vitinha iria visitar a sua filha Tindoca. Lá ia D. Vitinha muito contente tóque-tóque, de salto alto para casa de sua filha.

— Bom dia, como vae mamãi?

— Vou bem e você? Já está pronto o almoço. Estou com fome.

— Tire o chapeu, mamãi.

— Não, estou com pressa, porque tenho que fazer umas compras para os meninos que estão sem roupa de sair.

Bonequinha ía falando. Dava abraço nos bonecos de pano feito gente.

O cuco do relogio metia a cabeça nos gradinhos para dar as horas.

Bonequinha se esquecia das horas e ficava ali falando, falando.

O seu quarto de brinquedos tinha todas as belezas do mundo. Todos os dias o Mossoró ganhava a corrida. O carroussel girando com os meninos de massa tocava musica. Era deste tamanho. Tão bonito.

O trem elétrico e o avião corriam como o vento. Traziam gente da sala de visitas ao quarto de dormir com a rapidez dum raio.

Zum-zum-zum... Lá vinha êle nas mãos de bonequinha. Estava atravessando as montanhas, o oceano.

Quanta nuvem, meu Deus.

Mimi, o gatinho angorá de Bonequinha estragava tudo. Só queria festa e andar pelas cadeiras deitado nas almofadas. Gato preguiçoso, o Mimi. Rosnava feito um motor de barata de corrida. Só queria festa. Por isso ia jogando tudo ao chão. Ás vezes, dormia por cima dos brinquedos. Outro dia mesmo jogou um vaso de plantas no chão. Quando via cachorro ficava de pêlo em pé, todo curvado.

— Miau...

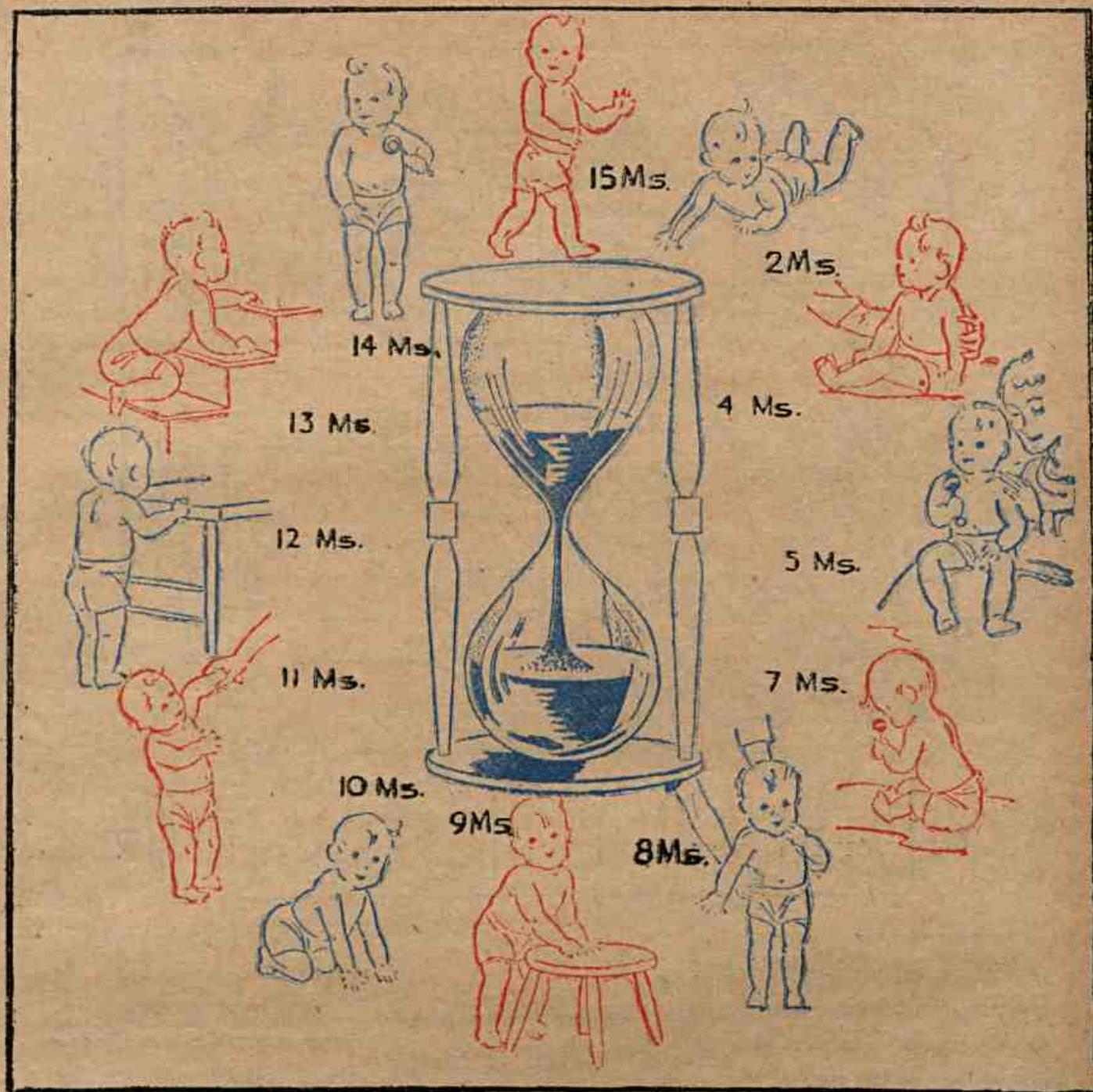
Depois o sono vinha chegando. Tão depressa que não tinha tempo de dar bôa-noite aos bonecos. Dormia ali mesmo junto deles. Neste dia mesmo Bonequinha adormeceu. Da sua mão pendia o polichinelo guloso e o palhaço de pano que viviam sempre brigando.

Procurem os bichinhos

O garôto fotografo está admirado porque, pela objetiva, verifica que irá fotografar, além das pessoas que se vêem no grupo, um caválo, um pato, um cão, um esquilo, uma boneca e um macaco. Vejam os leitores onde se esconderam esses bichos e essa boneca. A tarefa não é das mais dificeis, porque todos se vêem claramente em detalhes do desenho.

O Totó da "Carvãozinho"

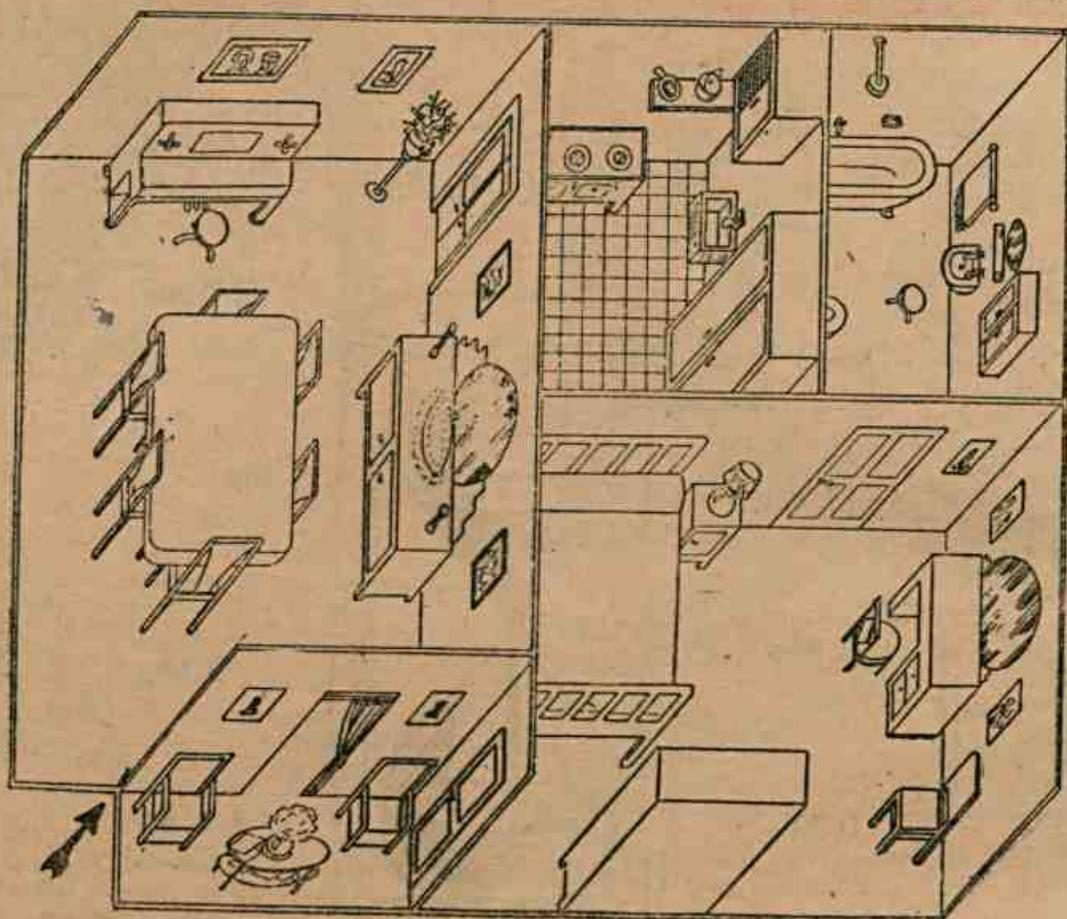
A "Carvãozinho", engatinhando, está numa palestra muito animada com um seu amigo inseparavel, o travesso *Totó*, o cãozinho que a acompanha por toda parte. Querem os nossos leitores encontrar o *Totó*? Tomem um lapis e tracem uma linha partindo do algarismo 1 para o 2, deste para o 3 e assim por diante até o algarismo 38. Verão como desenharão o *Totó*.

15 Ms. 2 Ms. 4 Ms. 5 Ms. 7 Ms. 8 Ms. 9 Ms. 10 Ms. 11 Ms. 12 Ms. 13 Ms. 14 Ms.

O BEBÉ DOS DOZE AOS QUINZE MESES

A inteligencia da criança revela-se desde o instante do nascimento. Um gesto, um chôro, dia a dia, vão se aperfeiçoando na fórma de sua apresentação pelo bébé.

No decorrer do primeiro mês a criança aprende, por instinto a coordenar alguns movimentos. No segundo mês, deitada, faz esforços para se movimentar ou engatinhar. No quarto mês já se senta com auxilio da mamãi ou da ama. No setimo mês não necessita mais desse auxilio. No oitavo, nono e decimo

mes faz esforços para caminhar, o que consegue definitiva e facilmente aos quinze entre a alegria dos pais e a propria satisfação por tão grande vitória.

A gravura que encima estas linhas dá graficamente o desenvolvimento da inteligencia do bébé do segundo ao decimo quinto mês de idade.

EXERCICIO DE OBSERVAÇÃO

Por uma questão de comodidade ou de menos esforço, muitas crianças não sabem observar, não dirigem toda a atenção para determinado objéto, para tal ou qual fáto, tornando-se, dessa maneira, incapaz de referi-lo ou de reconstitui-lo, pouco depois, com todos os detalhes. No entanto podemos dizer que a capacidade de observação é mais ou menos igual em todas as crianças e se algumas não a revelam de pronto é porque permaneceram, na observação de qualquer fáto, quasi indiferentes. Todo individuo deve ser observador, capaz de reconstituir, a qualquer momento, a cena ou o fáto antes presenciado.

A pedagogia moderna incluiu nos seus métodos de ensino a orientação que se deve dar á criança para que nesta se desenvolva e se aprimore a capacidade de observação. Essa orientação, caros leitores, não é cousa que vá espantar, pelo complexo de sua apresentação, a qualquer infante. E' dos mais simples e aqui damos um exemplo, destinado a desenvolver nas crianças a capacidade de observar, de convergir a atenção de modo a gravar na memoria tudo que fôr objéto de observação.

Na gravura que encima estas linhas, e que deve ser olhada no sentido indicado pela sêta colocada na parte inferior esquerda, figura o plano de uma casa mobiliada.

Fixando, por momento, cada um dos cômodos da casa, deve o observador, retirando o olhar da estampa, dizer de cór quais os moveis e objétos de adorno que figuram nesse mesmo cômodo. E' uma maneira simples de disciplinar, de educação a capacidade de observação, bem util dos individuos.

Filatelia

Rowland Hill e o Sêlo Postal

Sir Rowland Hill nasceu na Inglaterra em 3 de Dezembro de 1795 e, filho de pais pobres, desde cedo se entregou ao estudo de problemas que trouxessem o engrandecimento de sua pátria. Aos trinta anos, estabeleceu-se nos arredores de Londres, fundando uma escóla de estudos comerciais e aí fez publicar três trabalhos, frutos do desejo de ser util á humanidade: — um plano para extinção da pobresa, outro para a diminuição do indice criminal e, finalmente uma memória sobre a colonização da Australia Meridional.

Rowland Hill

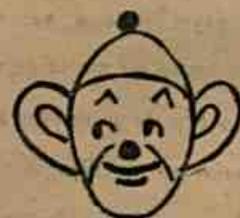
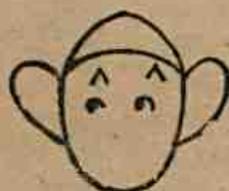
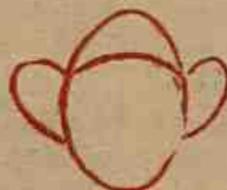
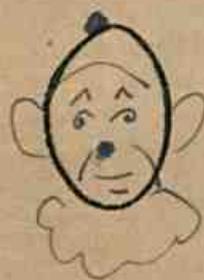
A organização postal da Inglaterra, nêsse tempo, prendeu a atenção de Rowland Hill.

No sêu país, os serviços postais eram deficientes, como no resto do mundo, aliás.

As taxas do correio eram exorbitantes e cada carta pagava de pórte, no destino, uma importancia elevada, que variava de acôrdo não só com a distancia a percorrer como com o numero de folhas que contivesse.

O pêso da correspondencia não era levado em consideração. Isso induziu Rowland Hill a publicar um plano de reforma postal, cuja base era a instituição do — porte unico — para todas as cartas, regulado pelo pêso de cada uma e independente da distancia que tivesse a percorrer.

A idéia do pórte unico determinou o pagamento prévio desse pórte e, como consequencia, a creação do sêlo ou estampilha postal. Os resultados da idéia de Rowland Hill, logo que aplicada, foram imediatos. Dentro de pouco tempo todos os países do mundo adotaram o sêlo postal.

Dizem que a idéia da reforma postal inglêsa proposta por Rowland Hill teve origem no seguinte fato: — Estava Rowland Hill de visita numa casa dos arredores de Londres quando alí chegou um estafêta do correio com uma carta dirigida a uma empregada da casa. A empregada, tomando a carta das mãos do carteiro, mirou-a demoradamente, devolvendo-a, em seguida ao estafêta e dizendo a êste não a querer receber por não possuir a importancia que devia pagar pelo transporte. Rowland Hill, que a tudo assistira, compadecido, fez o pagamento do transporte, embora a destinatária várias vezes lhe dissesse não ser preciso o favor. Quando o estafêta se retirou, a criada explicou a Rowland Hill que a carta só continha um pedaço de papel em branco, pois, dado o preço excessivo do pórte, havia ela combinado préviamente com o irmão que lhe mandara a carta, fizesse sinais convencionais no envelópe, informando-a do seu estado de saude.

O SOL

O Sol é o centro do sistema planetario, a que pertence a Terra. Maior do que o nosso planeta um milhão e quatrocentas mil vezes, é o astro que mais perto está de nós. A distancia que separa o Sol da Terra é calculada em cento e cincoenta milhões de quilometros. A luz e o calor, tão indispensaveis para a vida na Terra, procedem do Sol.

ONDE ESTÃO ÊLES?

Compadre Urso está aflito e diz á velha Raposa que anda a procurar a mulher, D. Ursa, e os seis filhinhos que desapareceram. A raposa, ao ouvir as lamurias do Urso, solta formidavel gargalhada e diz: — Você, compadre, está ficando cego. Sua mulher e seus filhos estão aqui mesmo! Ajudem os leitores o pobre Urso, mostrando-lhe, no desenho, os filhos e a esposa.

A LUA

A Lua é o corpo celeste que mais proximo se encontra da Terra, de que é satelite. A distancia que a separa de nós é aproximadamente de tresentos e oitenta e cinco mil quilometros e seu tamanho é quarenta e nove vezes menor que o da Terra. Considerada um mundo morto, sem vida animal, sem vida vegetal, a Lua gasta vinte e nova dias para dar uma volta completa em redor da Terra.

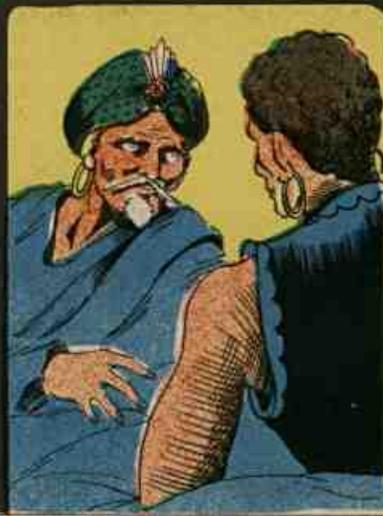
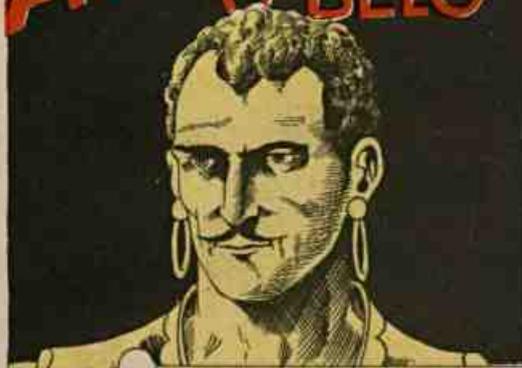
AMPÈRE

Ampère foi um sabio francês.

Nasceu em Lyon, no ano de 1775, e desde cêdo sua inteligencia chamou a atenção de seus mestres e colegas. Era infatigavel leitôr e aos 18 anos ideou a creação de um idioma universal, com o fito de promover a aproximação maior entre todos os povos da Terra. Seu pai foi guilhotinado por ocasião da Revolução e o moço se dedicou, para esquecer essa grande dôr, ao estudo. Estudou a fundo botanica e musica, e em 1801 foi nomeado professor de fisica em Bourg. Desde essa época foi firmando seu renome de estudioso e sabio, ocupando varias cadeiras de professor, e chegando a ser nomeado Membro do Instituto de França.

Toda a sua vida era então entregue aos mais curiosos estudos e experiencias. Encontrou uma formula referente ao electro-magnetismo, que tomou o nome de "Lei de Ampère" e cada vez se aprofundou mais nessa parte da Fisica, idealisando o primeiro telegrafo, assim como deu ao estudo da eletricidade um notavel impulso. Hoje em dia, ha uma conhecida medida de força electrica chamada "Ampère", como vocês sabem, e isso é uma homenagem a esse grande mestre matematico.

Ampère era um homem bom na extensão da palavra, caritativo e justo. Era muito distraído e são contadas muitas anedotas a seu respeito.

O grande marajá San-Khan tinha um filho, rapaz muito bondoso e sobretudo muito bélo. Apesar do poder e da riqueza do pai, o joven — Alud-Khan — vivia isolado da côrte, sempre cheia de muitas princezas de outros paizes, que lhe vinham...
Oswaldo Storni
ALUD-KHAN O BELO
... pedir em casamento. Alud-Khan, apesar da insistencia paterna para que se casasse com uma princeza poderosa e rica, não cedia. Só havia de casar-se quando sentisse afeição...
... por uma joven. De repente o marajá adoeceu e chamou o filho, dizendo-lhe: — Minha hora é chegada e precisas, para me succederes no trôno, escolher já uma esposa. Alud-Khan ...
... partiu então para um país vizinho onde, diziam, vivia uma princeza cuja beleza e bondade empolgavam todos que a vissem. A chegada de Alud-Khan ao país vizinho foi...
... grandemente festejada. As ruas se encheram de povo que vivava, cheio de contentamento, o hospede principesco. E por todos os logares palmilhados por Alud-Khan havia povo dando vivas ao ...

ALUD-KHAN
O BELO
Oswaldo Storni
bélo principe que ia casar-se com a filha do ma-arajá. Quando Alud-Khan foi apresentado á . . .
. . . princeza teve grande decepção. E' que a noiva era altiva e de beleza fria, incapaz de despertar no joven sentimento intenso de afeição. Apesar disso Alud, muito cortezmente . . .
. . . acompanhou a princeza á mesa do banquete que lhe era oferecido. Em meio do banquete, uma . . .
. . . das escravas que serviam a mesa distraidamente deixou caír uma bandeja com uma garrafa de vinho. O vinho, enfornando, caiu no luxuoso vestido da princeza, provocando a ira do ma-arajá, que, de chicote em punho, avançou para a escrava. Nesse instante Alud-Khan levantou-se para defender a . . .
. . . pobre serviçal. A escrava, moça de rara beleza, ficou cheia de gratidão para com o principe que a havia defendido.
E naquéla mesma noite, arrebatado pela beleza e pela humildade da pobre escrava, tirou-a do palacio e com ela fugiu, para casar-se. E aí está a historia de um poderoso . . .
. . . ma-arajá da India que se casou com uma escrava, por ser esta humilde e sem altivez orgulhosa.

A distancia é a mesma

QUANDO Zé Pitanga anunciou, de supetão, que iria fazer uma viagem, foi um Deus nos acuda entre a bicharada da mata.

Zé Pitanga, nascera ali, criara-se ali, sempre amigo dos bichos que lhe queriam um bem louco. Ha muitos anos era quem resolvia as contendas na mata. Justiceiro que só êle. Por isso era querido e respeitado por todos.

Zé Pitanga achava que aquêle logar era o melhor do mundo para se viver. Falava de boca cheia :

— Marajó é maior que a Inglaterra, que a Holanda, maior que tudo. Só não é maior do que o Brasil. Tambem pudera !

Mas, de uns tempos para cá, de tanto ouvir falar bonito sobre outras terras, sobre a Capital, êle andava roxinho para ver se o que diziam era verdade. Agora, em todo navio que passava êle punha uns olhos compridos. Até

que um dia resolveu mesmo fazer a tal viagem.

Houve protestos de todos os lados. Mas Zé Pitanga explicou que não iria demorar muito. Era só um pulinho até á Capital para ver as novidades e vir contar para os amigos. A turma concordou meio desconfiada. No intimo todos tinham medo que Zé Pitanga pegasse gosto pelas belezas que iria conhecer e não voltasse mais.

—:—:—

A ponte já estava cheia quando Zé Pitanga chegou.

Burro cégo vinha na frente trazendo o saco com a roupa. Zé Pitanga, comovido de verdade, vinha atraz ao lado de Tamanduá Bandeira. Não tirava o cigarro da boca para disfarçar a emoção. Tamanduá desconfiou :

— Mano, si você largar o cigarrro você chora.

Zé Pitanga tentou disfarçar.

— Nada cumpadre, eu estou é com medo do seu abraço de despedida.

E soltou uma gargalhada forçada, tipo da chôcha.

O pessoal cercou-o logo e cada um recomendava uma coisa. Cotia Rosa queria que lhe trouxesse um daquêles aparelhos de fazer buracos, usados na cidade. Sabiá queria por força uma flauta, diz que para ver se a zinha era mais afinada que êle. Burro cégo chegou-se desconfiado e pediu um chapeu de abas largas, mas recusou-se logo a explicar porque queria assim. Papagaio pediu-lhe que trouxesse um gramofone para conversar com êle.

Zé Pitanga ia prometendo trazer tudo que lhe pediam. O comandante do navio-gaiola apitou anunciando a partida. Dubruçou-se á murada e gritou para Zé Pitanga :

— Como é, parceiro, embarca ou não embarca ? Só estou á sua espera para largar este bruto . . .

Zé Pitanga deu mais um abraço no pessoal, renovou as promessas sobre os presentes e subiu para o navio.

Mal o "gaiola" largou, quando a ponte onde o pessoal estava desapareceu na curva do Rio, Zé Pitanga sentiu logo uma saudade incrivel cutucar lá dentro do seu coração.

Quiz reagir e procurou alguem para bater um papo. Dirigiu-se ao primeiro marujo que encontrou. Mas, quando chegou perto dele, não achou o que falar. Ai então resolveu perguntar se as helices do navio serviam de ventiladores para os peixes, nos dias de calor. Porém o marujo fez uma cara tão enfezada, abriu cada um olho pra cima dele, que desistiu da conversa.

De repente resolveu voltar. Reconheceu que, decididamente, êle não se podia afastar da terrinha. Pendurou o saco ao pescoço, trepou na murada e — Tipum ! — dentro dagua.

O caboclo Mancio, que ia passando, deu-lhe reboque até á ponte.

Quando o pessoal o viu chegar de volta teve um alegrão dos diabos. Era mais quem gritava, quem pulava de contente. Tambem, mal êle saira, todos começaram a sentir a sua falta. Sapo-boi puzera-se logo a discutir com o Baiacú sobre quem tinha barriga maior. Os dois já estavam brigam não brigam, e ninguem sabia como resolver o caso. Por outro lado, mestre Gafanhoto quebrara uma perna e não tinha geito de encanar direito. Só mesmo êle para fazer aquilo tudo.

—:—:—

Nunca mais Zé Pitanga pensou em sair dali. Explicava para os que passavam nos navios convidando :

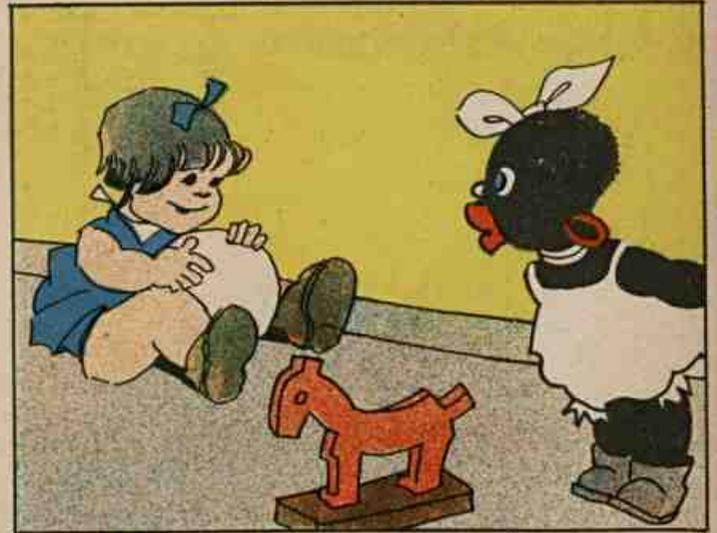
— Vou o que, seu colega. Onde você já viu arvore sair da terra onde nasce ? Não vou não. Tenho muita vontade de ver a cidade. Muita mesmo. Mas se ela quizer conhecer este seu amigo que venha aqui.

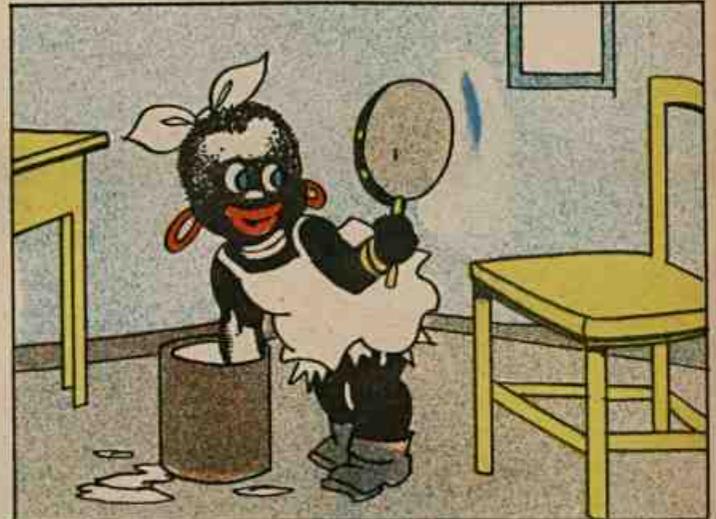
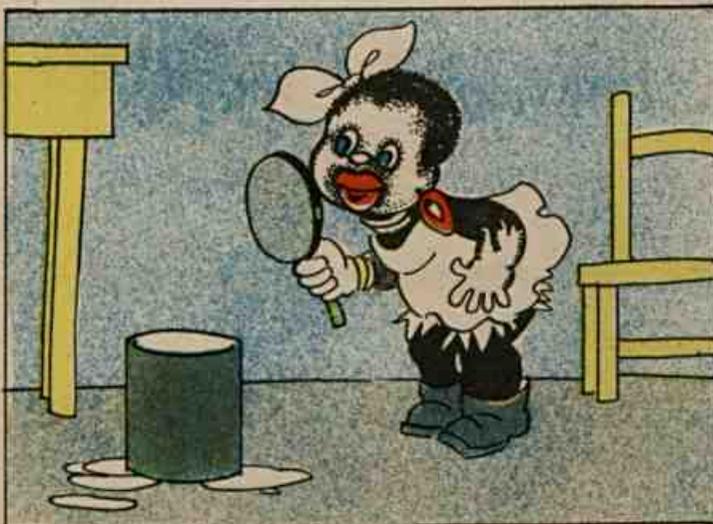
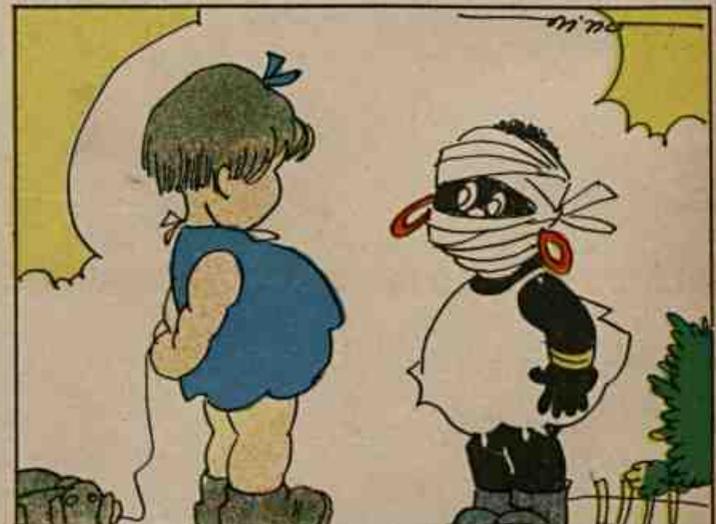
Tirava uma fumaçada e completava :

— A distancia é a mesma.

NELIO REIS

VAIDADE CASTIGADA

Já fazia muito tempo que Branquinha vinha acalentando um sonho, que ela estava para tornar em realidade.

Todas as vezes que ela olhava a Milóca, perguntava consigo mesma. — "Porque hei-de ser eu tão escura, e...

...a Milóca tão branca?" Mas chegou o dia desejado. O pae de Milóca, tinha comprado para uns serviços uma lata...

...de tinta branca. Branquinha, quando viu que estava só, passou o pincel, repetidas vezes nas mãos e no rostos. Evendo-se...

...ao espelho, achou-se tão branca e sentiu-se feliz!... Mas a felicidade não foi duradora. A tinta penetrou, queimando a pele e começou...

...a arder. Branquinha saiu a correr aos gritos. Para castigo de tanta maldade, esteve presa a cama varios dias com a pele toda queimada!

O TESOURO DA ILHA WANKI-KI
A GOLETA "SWAN" VAE PARTIR AMANHÃ, MARTIM. LEMBRAS-TE DO QUE COMBINAMOS?
SEI AINDA MAIS. AQUELE "SUJEITO" QUE EMBARCOU LEVA UM MAPA DA ILHA

NÃO ESTOU PREVENDO COISA BÔA A BORDO - VOU TOMAR MINHAS PRECAUÇÕES

O MAPA DA ILHA WANKI-KI E ESSE, SNR TINGALL. ESTÁ CERTO DE QUE HA UM TESOURO?
ISSO SÓ VENDO!

A POSIÇÃO EXÁTA E' ESTA
TALVEZ SEJA VERDADE O QUE AFIRMA O DOCUMENTO

OUVI TUDO DO FORRO. TRATA-SE MESMO DE UM TESOURO.

VOU GUARDAR AQUI O DOCUMENTO, MAS NÃO ACREDITO NISSO

QUANDO A BOMBA ARROMBAR A PORTA APROVEITAREI A OCASIÃO PARA ROUBAR O PAPEL

PATIFE! BEM QUE EU SUSPEITAVA DE ALGUMA TRAMA. MAS HEI-DE DAR-LHES MUITO FIO A TORCER

AGORA, FOGO À MECHA E SAFEMO-NOS

NÃO LOGRARÁS TEU INTENTO, PATIFE. BREVE DAR-TE-EI UMA LIÇÃO

AGORA, A NÓS, MISERAVEL!
Yantok
CONTINUA

ESTAMOS CHEGANDO A ILHA WANKI-KI, MAS QUANTO AO TESOURO ESTOU DESCONFIAN-DO

ESTA ILHA E' POUCO HOSPITALEIRA. SO' UM PIRATA PODERIA TER VINDO ESCONDER O TESOURO AQUI

A POSIÇÃO EXATA E' LA' EMCIMA DO ROCHEDO. TEMOS QUE SUBIR
ACREDITO MUITO POUCO NISSO

ELES IRÃO CAVAR ATRAZ DESSE ROCHEDO. A BOMBA OS MATARA' E NO MESMO TEMPO REVOLVERA' A TERRA DESCOBRINDO O TESOURO

ESTA' BASTANTE DIFICIL DE ENCONTRAR-SE A POSIÇÃO
AINDA VOLTAREMOS COM UMA MÃO ADIANTE E OUTRA ATRAZ

EU PONHO A BOMBA AQUI, VOCÊ COLOCA A MECHA E ACCENDE E IREMOS ESPERAR LA' EM BAIXO O RESULTADO

TALVEZ SEJA MELHOR VOLTAR-MOS AO NAVIO
COMO QUIZER

PUM!

EIS EM QUE DEU A MANIA DE DESCOBRIR TESOUROS. DUAS VIDAS PERDIDAS E NENHUM PROVEITO

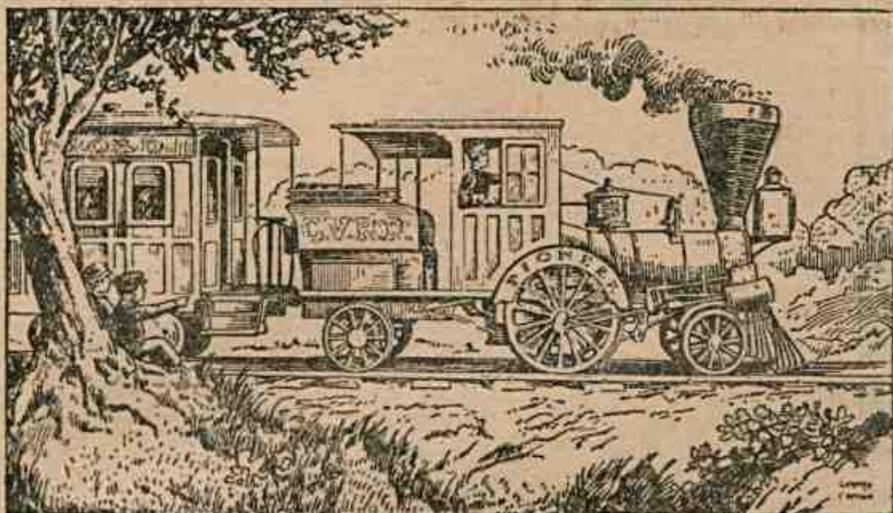
O Filtro da Belêza
Oswaldo Storni
1 Um dia, a Fada dos Jardins reuniu as flores de todo o seu reino para lhes dar uma difícil incumbencia.
2 — Cada uma de vocês — disse a formosa fada — terá de constituir para a humanidade uma razão de grande utilidade.
3 — Não basta que dêem como até agora tem acontecido, ao mundo o encantamento dos perfumes. Isso é pouco!
4 Procurem ser uteis à humanidade, conservando-lhe a saude, despertando-lhe vigor e formosura. Essa é a minha vontade.
5 E as flores todas, logo que a fada acabou de falar, foram procurar a maneira de se tornarem uteis aos homens e às mulheres.
6 Umas, transformadas em essencias divinamente preparadas, constituiram os perfumes, que são de tanto agrado para a humanidade.
7 Outras se transmudaram em balsamos e remedios que deram alivio aos doentes e sofredores.
8 Outras ainda fizeram-se motivos de ornamentação para cólos já formosos e para salões de festas.
LEITE DE COLONIA
Leite de Colonia
LABORATORIOS LEITE DE COLONIA
STUDART & Cia
MANAUS-RIO
9 Ainda outras impuzeram a si mesmas serem simbolos da modestia, da pureza, das virtudes enfim como a violeta e os lirios.
10 Dentre todas, porém, uma alcançou a benemerencia divina e os aplausos da Fada dos Jardins — foi a flôr de Colonia.
11 Ela fizera do perfume que guardava em cada bago colorido um nétar aprimorador da belêza.
12 Esse nétar é o LEITE DE COLONIA DE STUDART, o maravilhoso aformoseador da cutis, o protetor da bêleza, o mago da pele assetinada.

Mancenilheira -- a arvore da morte

Nas Antilhas e na America equatorial cresce uma arvore, de copada folhagem, de cujo tronco se extrãe um suco leitoso e venenoso e acre, e de cuja sombra se diz, sem fundamento certo, aliás que é nociva e mortal. Quando a passarada alacre, castigada pela ardencia do sol dos trópicos, procura os ramos de sombra convidativa da mancenilheira para um repouso, é quasi instantaneamente arrebatada pela morte. Mas não são só as aves, os pássaros cantadores que perdem a vida quando pousam nos ramos da arvore da morte. Outros animais, como as onças, os gatos selvagens, quando sobem á caça ou á procura de repouso nos galhos da mancenilheira são surpreendidos pela morte, quasi instantanea. Dizem que o manto escuro da sombra que a mancenilheira estende pelo chão, como uma renda bonita que convida o viajor ao repouso, outra cousa não é senão as roupagens da morte traçoeira. Quando um caminheiro, exausto da jornada, banhado em suor, queimado pelo sol forte do equador encontra, em meio da trilha que percorre, a mancenilheira, não hesita um instante em parar e repousar á sombra apetecivel que a arvore lhe oferece. E é tão confortador esse repouso que êle adormece, para nunca mais despertar, amortalhado pela renda de sombra que a arvore da morte lhe ofereceu. E' provavel que essa especie vegetal, realisando a função de respiração, atire para o espaço uma quantidade maior de carbono, de envolta com veneno, a qual intoxica o despreocupado, o desprevenido viajante.

O ULTIMO ASSALTO DOS BANDIDOS.

POR JOAQUIM SOUZA

As primeiras locomotivas

A locomotiva que vocês vêem reproduzida no desenho acima foi uma das primeiras construidas. Chamava-se "Pioneer" e foi posta em trafego numa estrada de ferro de Cumberland, nos Estados Unidos da America, no ano de 1851. Ela marcou o inicio da construção de outras, de maior potencia e velocidade, pelos excelentes resultados que apresentou.

Diferença de organisação entre os animais

As diferenças que existem entre os animais podem ser quanto á forma, á estrutura, o carater biogenico. Se compararmos o aspéto exterior de um peixe com o de um passaro achamos logo muitos caracteres diferenciais entre eles. Mas para que esses caracteres diferenciais se manifestem de uma maneira inequivoca não é necessario que os animais ocupem logares distantes, na escala zoologica.

Fig. 1 — Esqueleto de leão

Haja visto as gravuras junto, que são o esqueleto de um leão, o de uma fóca e o de um delfim. A diferença mais flagrante é a dos membros locomotores, mais desenvolvidos no leão do que na fóca e mais nesta do que no delfim.

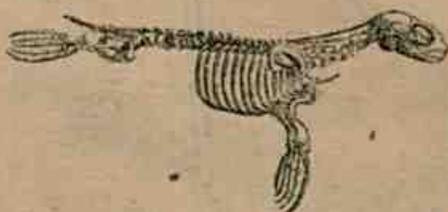



Fig. 2 — Esqueleto de foca

Ha, no entanto, uma profunda semelhança na parte do torax das tres especies acima citadas.

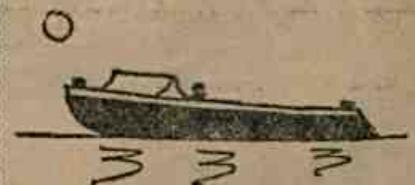
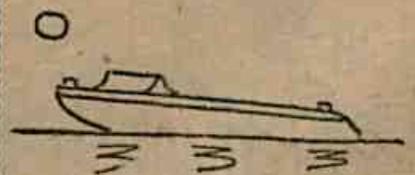
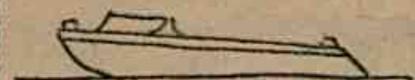
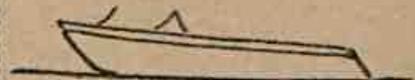
Fig. 3 — Esqueleto de delfim

O torax da fóca é bem semelhante ao do leão, aproximando-se do desta ultima o do delfim.

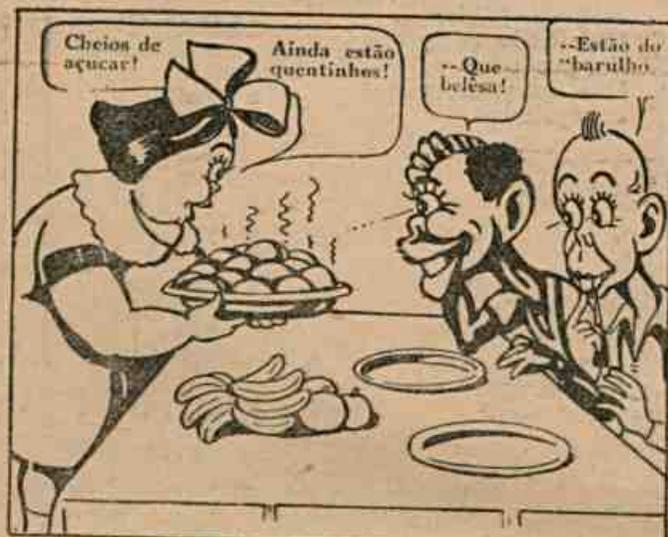
Para aprender a desenhar

O desenho é uma arte a que todos devem se dedicar.

Cultiva-la é enriquecer o patrimonio individual.

Nas gravuras abaixo, de modo muito simples, encontrarão os leitores deste Almanaque um motivo de iniciação no desenho. Esse motivo é um lindo barquinho.

(Continúa na página seguinte)

O VELHO PESCADOR — (Conclusão)

RUBIÁCEA, FARÓFA E OURO BRANCO — Desenhos de Daniel

O anel de casamento

Remonta aos hebreus o uso do anel simbolico do casamento e dêles herdaram o costume os gregos.

Na sua origem era de ferro, tendo a superficie interior imantada, o que significava que, arrancando uma mulher dos braços da familia, o marido devia atrair a esposa tão intimamente como o iman ao ferro.

O anel do casamento, que é comumente conhecido pelo nome de aliança torna-se como que o penhor da união entre o marido e a mulher.

Deve-se usar a aliança na mão esquerda, porque a direita indica autocidade e a esquerda obediência.

A ABELHA E O VAGALUME

Num berço muito macio,
Que era um calice de rosa,
Pousou, certa vez, cansada,
Uma abelhinha orgulhosa.

E ao lado, num jasmineiro,
Que ao vento perfume dava,
Um inquieto vagalume
As azas sempre agitava.

— Bom dia, amigo-lanterna! —
Foi lhe dizendo a abelhinha.
Estás agora descançando
De girar toda a noitinha?

Que vida boa tu levas,
A voar, piscapiscando,
Emquanto eu, pobre abelhinha,
Passo o dia trabalhando

E meu trabalho, tu sabes,
Que é bastante proveitoso: —
Eu encho um milhão de favos
De um mel dourado e gostoso,

As rosas e as flores lindas
Do prado ou do jardim rico
Dão-me o sumo delicado
Para o licor que eu fabrico.

Minha vida, vagalume,
Posso dizer sem vaidade,
E' uma lição bonita
De trabalho e utilidade

— Você bem mostra, abelhinha
Que muito mal me conhece...
Vae ver o encanto que faço
No bosque, quando anoitece

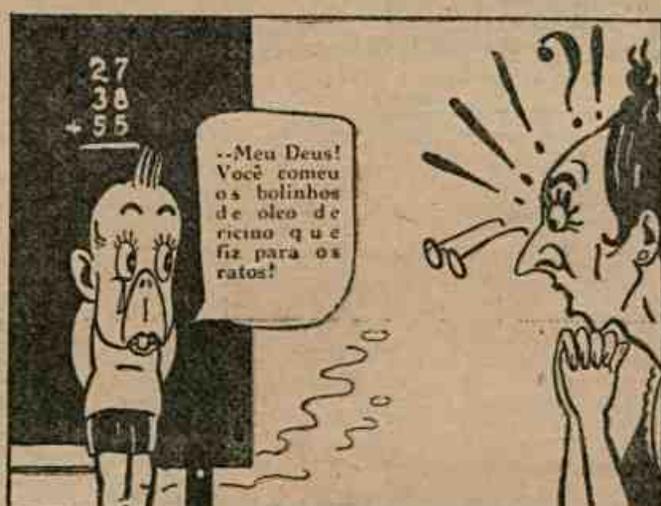
Você, quando a noite chega
Vae depressa descançar,
Eu, eu esvoaço, correndo,
Para o bosque iluminar

Na minha faina noturna
Eu rasgo da noite o véo,
Como se fosse um encanto
De uma estrelinha do céo.

Uma estrelinha que andasse
A correr, piscapiscando
Levando o orvalho á rosa,
A' flor o perfume dando.

A minha vida, abelhinha,
Tambem digo, sem vaidade,
E' lição de encantamento
Aos olhos da humanidade

CARLOS MANHÃES

RUBIACEA, FARÓFA E OURO BRANCO — (Conclusão)

VARIEDADES

Foi descoberto, pelos tecnicos de Sydney, Australia, que os abricots contêm em quantidade a materia-base dos poderosos explosivos. Assim a produção e exportação dos abricots secos comestiveis passou a ser um sub-produto em comparação com o proveitoso negocio de fornecer toneladas de abricots ás industrias belicas das potencias.

—

Foi experimentado com pleno exito, em Nova York, novo bote salva-vidas, cujo aparelho de sondagem permite-o, automaticamente, livrar-se das amarras logo ao tocar a agua. A vantagem desta invenção é evitar as complicações e embaraçamentos que surgem ao soltarem-se as amarras na urgência de naufragio, operação longa e muitas vezes fatal.

A seção executiva, de uma estrada de ferro da Russia, foi entregue ás mãos de pessoal menor de 18 anos. A linha trabalha regularmente e tem estações cada duas milhas.

—

O Mar Morto, depois de ter sido inutil durante o espaço de milenios, pois nada vive ou vegeta em suas aguas, foi reconhecido agora conter mais riquezas que todo o ouro da terra. O rio Jordão, durante seculos ali verteu incalculaveis riquezas em magnesio, potassa e outros sais, dos areais do deserto. Para recolher tais minerios, a agua é despejada em tanque e o precipitado é expelido aos laboratórios quimico-industriais, de onde sáe como materias basicas para produtos de grande consumo mundial.

Os cinco dedos

Disse o polegar, o primo
Dos dedos de certa mão,
Ao segundo : (Sinto fome,
Estou a morrer, meu irmão.)

O segundo, o indicador,
Retruca : — (Como fazer,
Não ha nada na despensa
Para á noite se comer.)

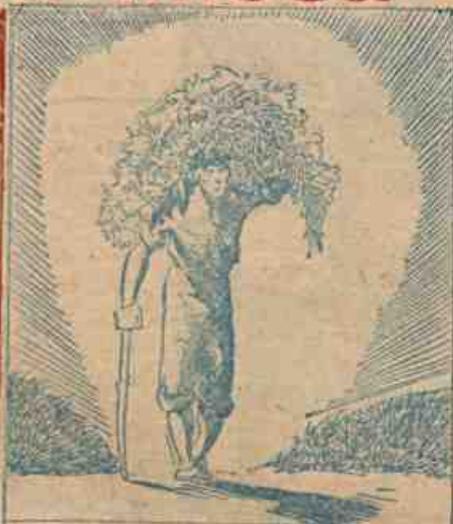
O médio, o maior de todos,
Juntamente com o anular
Lamentam esfaimados :
— (Como havemos de arranjar !)

(Ora, ora) diz o minimo,
Conselheiro de renome :
— (Nêste mundo, meus irmãos,
Quem não trabalha não come !)

ADEMARO PREZIA

A descoberta maravilhosa

Desde muitos séculos que os sábios procuraram descobrir o elixir da vida, o remedio que evitasse as doenças e a morte.

As florestas de todos os continentes forneceram plantas e flores para aprofundados estudos.

Aos albores de todos os dias, feixes de vegetais eram levados para o recinto dos laboratorios, para estudos cuidadosos.

Os sábios, os alquimistas rebuscavam vetustos alfarrabios, ao longo das experiencias que levavam a efeito.

Tantas pesquisas, tantos trabalhos obtiveram êxito! O remedio miraculoso foi descoberto e a vida começou a ser iluminada...

...pela felicidade. Aos infantes, encantamento querido dos pais, começou a ser assegurado o futuro feliz que só a saude dá.

O remedio descoberto põe a salvo a juventude dos males do raquitismo, das debilidades que roubam a saúde.

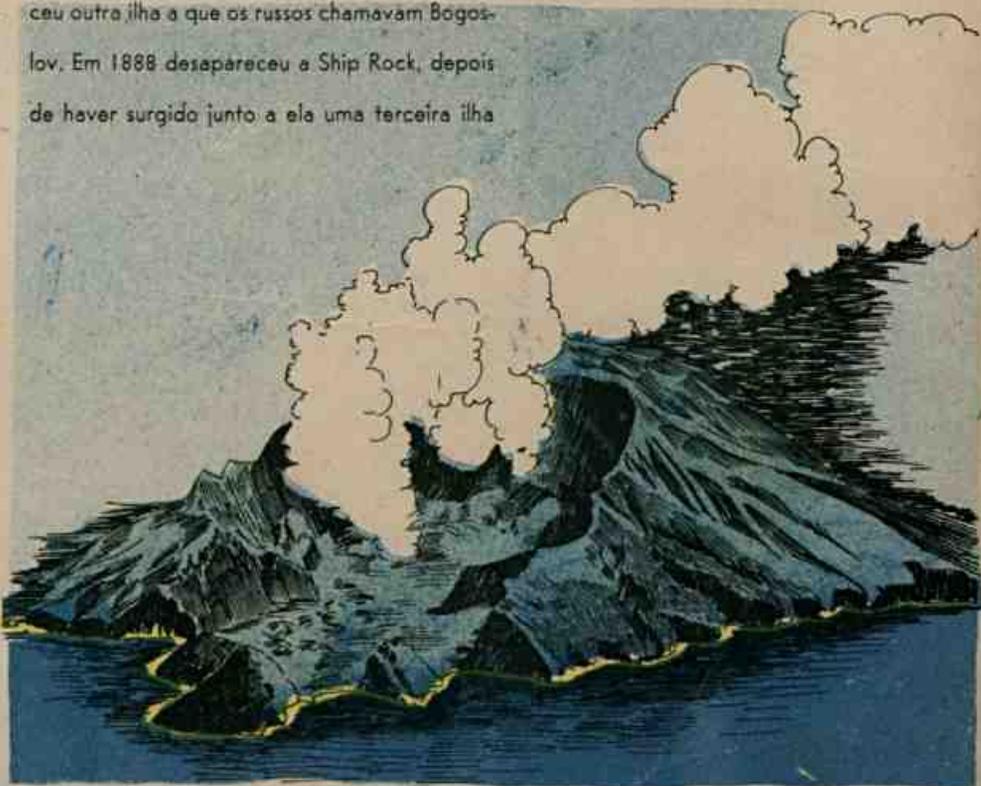
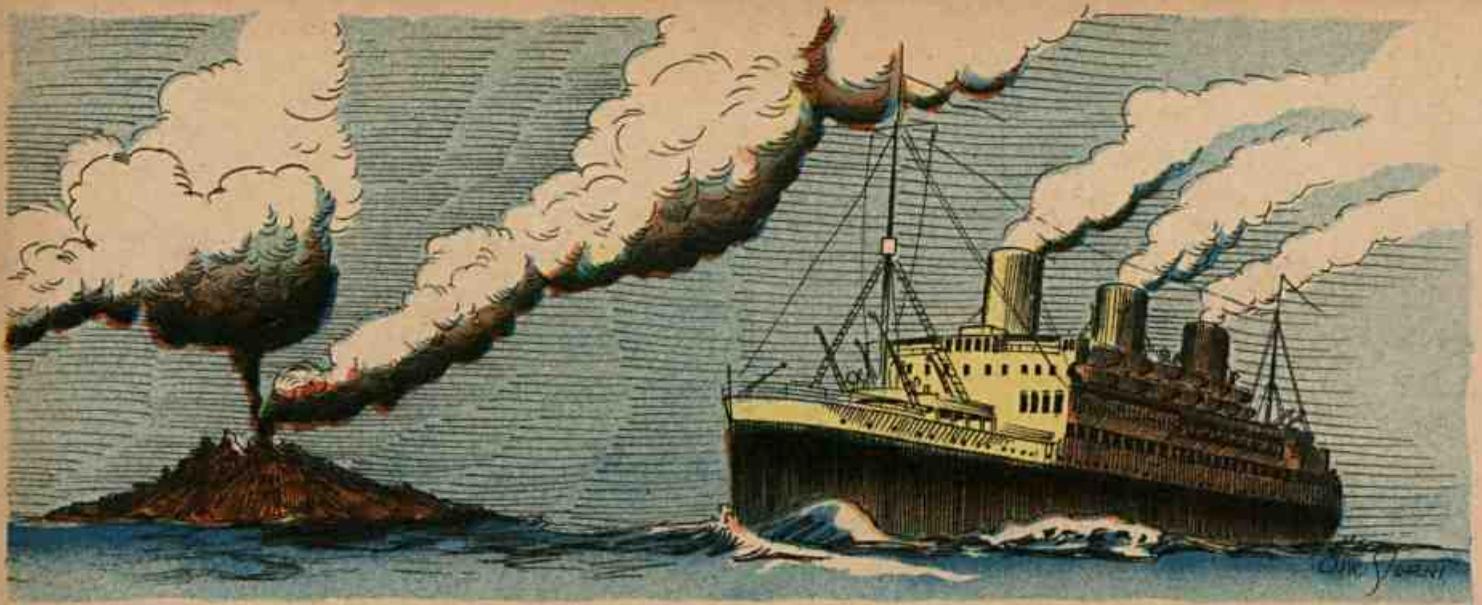
Graças a ele, a juventude, cheia de felicidade, cresce robusta e valorosa para um Brasil maior!

E esse prodigioso preparado, que depara, fortalece e engorda, é o gostoso elixir de inhame, a vida das crianças.

MARAVILHAS DA NATUREZA

ILHAS QUE NASCEM E MORREM

A historia da navegação registra muitos casos de ilhas que, divisadas na viagem de ida de um navio, não mais eram avistadas e, delas, nem sinais se percebiam ao regresso da mesma embarcação. Tambem constata a de outras que apareceram, de improviso, em pontos onde o mar tem sempre uma profundidade de centenas de metros. Um exemplo é a aparição, no ano 1831, da ilha Ferdinandea, ao Sul da Sicilia. Certa vez, de tarde, o mar começou a agitar-se como si estivesse a ferver. De repente se levantou uma coluna de agua de cincoenta metros e outra de cinzas vulcanicas que alcançou a altura de quatro mil metros. Ao dissipar-se a coluna de fumo e cinzas, viu-se a cratera de um vulcão que emergia do mar. Lentamente, a nova terra foi-se elevando e se estendeu. Ao anoitecer do mesmo dia a superficie visivel da cratéra media cinco quilometros. Poucos dias depois, perto desse vulcão, surgiram outros dois cumes de uns duzentos metros de altura. A nova ilha foi chamada Ferdinandea. Em outubro de 1931 começou ela a tremer e a desaparecer visivelmente. Nos primeiros dias de Novembro só o seu tope ainda emergia da superficie do mar. Ao mesmo tempo se projetava uma coluna de agua fervente de trinta metros. Hoje, o unico traço que resta da ilha Ferdinandea é um banco submarino.

No grupo das ilhas Aleutas, no mar de Bhering, comprovou-se, em 1768, a aparição de uma nova ilha de natureza vulcanica, que recebeu o nome de Ship Rock. Em 1796, imediatamente depois de uma formidavel erupção, nasceu outra ilha a que os russos chamavam Bogoslov. Em 1888 desapareceu a Ship Rock, depois de haver surgido junto a ela uma terceira ilha vulcanica, a Nova Bogoslov, com uma altura de 240 metros. Durante vinte anos não se verificou novidade alguma, mas em 1906 o mar de Bhering manifestou violenta agitação e no dia primeiro de Setembro de 1907 uma das proeminencias da ilha Bogoslov, rachou e vôou pelos ares. Tres anos depois ocorreu uma erupção. Em 1927 uma expedição cientifica visitou uns lugares e comprovou que da Nova Bogoslov

não ficaram mais do que alguns bancos de areia e no meio deles um jôrro de lava ardente que irrompia do mar. Entre os bancos de areia se formaram lagos que, não obstante a visinhança do polo Norte, experimentavam, em virtude da lava ardente, uma temperatura de 20 gráus. A' margem destes lagos temperados viviam grandes manadas de fócas e bandos de aves marinhas.

Outro fragmento de terra que, como quem diz, "brinca de esconder", é a ilha Falcão, que faz parte do archipelago de Tonga, na parte meridional do Oceano Pacifico. Foi descoberta em 1865 pelo capitão do navio de guerra "Falcão". Em 1877 passou por essas mesmas paragens outro navio de guerra inglez e não viu a ilha. Havia desaparecido por completo. Em compensação, enxergou uma coluna de fumo que se erguia do mar. Em 1885 constatou-se a presença de um vulcão submarino. Seguiram-se formidaveis erupções e ao fim de um ano a ilha Falcão voltava a aparecer com uma altura de 100 metros. Tres anos após baixava e sumia-se. Em 1927 reapareceu sob a forma de um imponente vulcão que, durante mezes arrojou lava e cinzas. No ano seguinte alguns indigenas arribaram á ilha e içaram nela a bandeira de Tonga. A ilha existe todavia, mas teme-se que de um momento para outro desapareça.

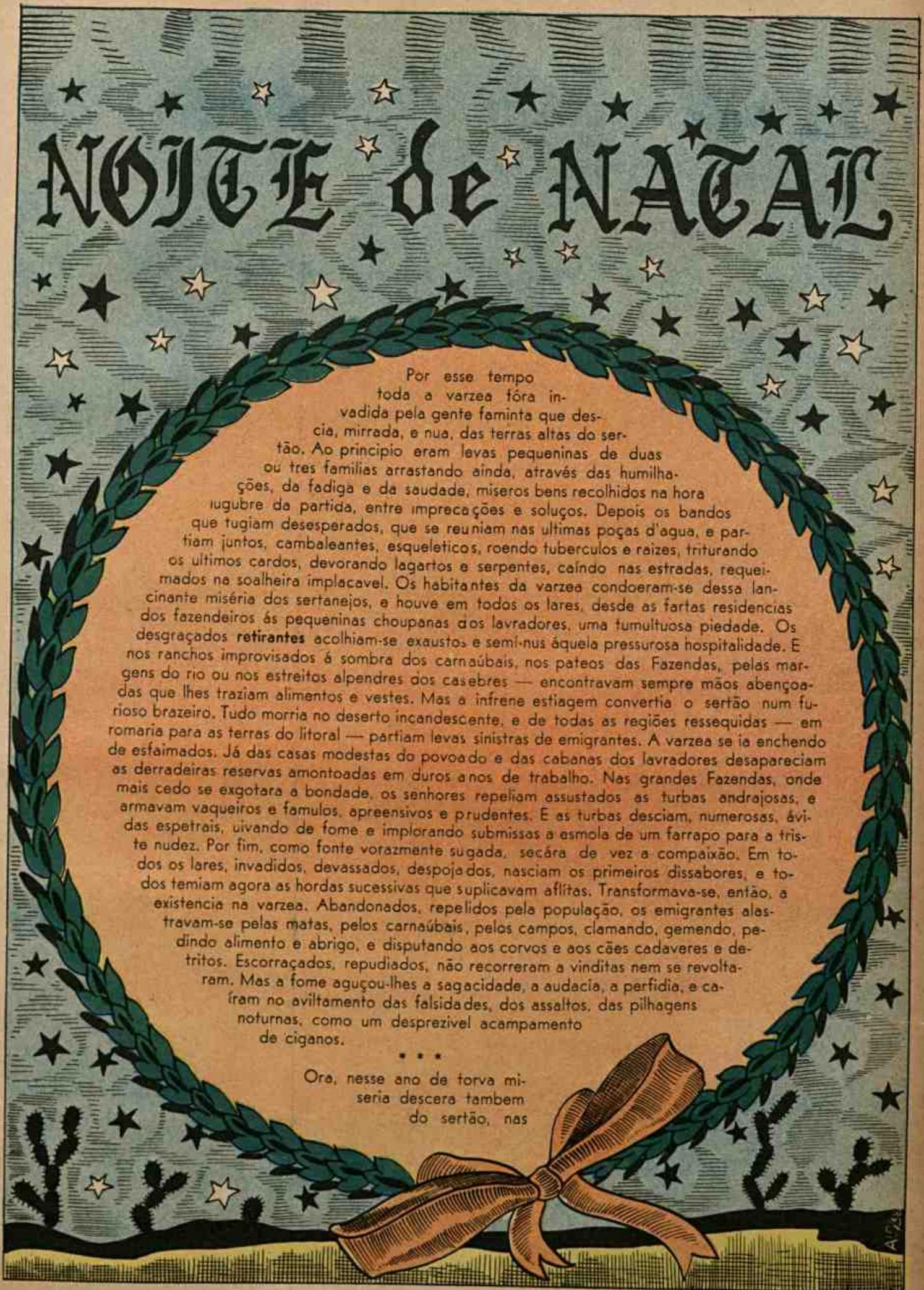
Pela embocadura do Esequibo, na Guyana Ingleza, passou, ha muitos anos um navio de guerra chamado "Dauntless". A tripulação viu-se obrigada a abandonal-o e a natureza se apoderou da nave. Pouco a pouco se foi acumulando areia ao redor do casco. Nessa areia cresceram hervas e arbustos e o resultado não demorou: a formação de uma ilha de 15 quilometros de comprimento,, batizada com o nome de Dauntless.

Nos mapas do mar Asiatico figuram as ilhas Royal Company: — Esmeralda e o archipelago de Nimrod. Foram descobertas no principio do seculo XVIII, mas, exceto seus descobridores, ninguem as viu jámais. Provavelmente os pescadores de baleias daquela época confundiram com ilhas, gigantescos "icebergs", isto é, grandes montanhas de gelo flutuantes. Outro enigma semelhante é o das ilhas Matador, das Carolinas. Um capitão inglês afirmou, com a maior segurança, e oferecendo detalhes, que as havia descoberto e havia comerciado com os seus "timidos indigenas". Nenhum dos muitos marinheiros que atravessaram as paragens indicadas por esse capitão viu, até agora, as ilhas Matador.

NOITE de NATAL

Por esse tempo toda a varzea fôra invadida pela gente faminta que descia, mirrada, e nua, das terras altas do sertão. Ao principio eram levas pequeninas de duas ou tres familias arrastando ainda, através das humilhações, da fadiga e da saudade, miseros bens recolhidos na hora lugubre da partida, entre imprecações e soluços. Depois os bandos que fugiam desesperados, que se reuniam nas ultimas poças d'agua, e partiam juntos, cambaleantes, esqueleticos, roendo tuberculos e raizes, triturando os ultimos cardos, devorando lagartos e serpentes, caindo nas estradas, requeimados na soalheira implacavel. Os habitantes da varzea condoeram-se dessa lancinante miséria dos sertanejos, e houve em todos os lares, desde as fartas residencias dos fazendeiros ás pequeninas choupanas dos lavradores, uma tumultuosa piedade. Os desgraçados **retirantes** acolhiam-se exaustos e semi-nus áquela pressurosa hospitalidade. E nos ranchos improvisados á sombra dos carnaúbais, nos pateos das Fazendas, pelas margens do rio ou nos estreitos alpendres dos casebres — encontravam sempre mãos abençoadas que lhes traziam alimentos e vestes. Mas a infrene estiagem convertia o sertão num furioso brazeiro. Tudo morria no deserto incandescente, e de todas as regiões ressequidas — em romaria para as terras do litoral — partiam levas sinistras de emigrantes. A varzea se ia enchendo de esfaimados. Já das casas modestas do povoado e das cabanas dos lavradores desapareciam as derradeiras reservas amontoadas em duros anos de trabalho. Nas grandes Fazendas, onde mais cedo se exgotara a bondade, os senhores repeliam assustados as turbas andrajosas, e armavam vaqueiros e famulos, apreensivos e prudentes. E as turbas desciam, numerosas, ávidas espetrais, uivando de fome e implorando submissas a esmola de um farrapo para a triste nudez. Por fim, como fonte vorazmente sugada, secára de vez a compaixão. Em todos os lares, invadidos, devassados, despojados, nasciam os primeiros dissabores, e todos temiam agora as hordas sucessivas que suplicavam aflitas. Transformava-se, então, a existencia na varzea. Abandonados, repelidos pela população, os emigrantes alastravam-se pelas matas, pelos carnaúbais, pelos campos, clamando, gemendo, pedindo alimento e abrigo, e disputando aos corvos e aos cães cadaveres e detritos. Escorraçados, repudiados, não recorreram a vinditas nem se revoltaram. Mas a fome aguçou-lhes a sagacidade, a audacia, a perfidia, e caíram no aviltamento das falsidades, dos assaltos, das pilhagens noturnas, como um desprezivel acampamento de ciganos.

* * *

Ora, nesse ano de torva miseria descera tambem do sertão, nas

ultimas levas, depois da ultima resistencia, um pobre homem, um servo de rica Fazenda, humilde como as ovelhas que guardava. O sol matára tudo, animais e pastagens; e êle, testemunha de tanta morte, assistiu á partida do senhor e dos vaqueiros; fechou, então, a sua casinha, tomou nos braços a filha que ainda não andava e, acompanhado pela mulher e pelo cão, seguiu atravéz dos taboleiros enegrecidos para as terras amaveis do litoral.

Na atroz jornada mais de uma vez tombara desfalecido no leito seco dos rios, esperando o fim de tanto sofrimento.

Certa noite, ao ver a mulher desmaiada de fome, e a filhinha a gemer — teve uma idéia que o atormentou como se o tentasse horrendo sacrilegio. A idéia, porém, crescia com o sofrimento das duas creaturas; e êle de olhos cerrados, o magro peito a arfar de agonia, chamou o seu cão, acariciou-o á tremer; e de subito, num arrebatado soluço, rapidamente o estrangulou e o retalhou em postas magras.

Com essas miseras postas alimentou durante alguns dias a mulher e a filha. Mas, quasi ao chegar á varzea, a mulher morreu de sêde, depois de um dia inteiro de torturante delirio. Enterrou-a ao pé de uma **caatinga** e seguiu conduzindo a filhinha, mais aflito, mais extenuado, mais tropego, rompendo a argila candente da estrada.

Um dia, enfim, alcançou a varzea e o povoado. Aí, porém, logo nos primeiros casebres dos **retirantes,** recebeu a nova amargurada: — todos repeliam severamente os sertanejos. Sumira-se de vez a piedade; as casas estavam fechadas, como se as rondasse negregada matilha; e muitas vezes, nos terreiros, nos quintais e nos pateos das Fazendas, passavam homens armados de espingardas numa feroz vigilancia.

O pobre servo, atonito, ouvia a lancinante noticia sem compreender como o egoismo e a maldade, mesmo em excesso, poderiam armar sêres humanos contra esqueletos vacilantes.

Não compreendia, não acreditava; e uma tarde, ao ver a filhinha gemer de fome, tomou-a nos braços e foi bater ás portas do povoado.

Partira com a certeza de obter a esmola para uma fome tão facil de socorrer. Certamente teriam compaixão daquela creaturinha fragil que ia morrer nos seus braços, e que se salvaria com o mesquinho alimento de uma ave.

Mas debalde pediu, debalde bateu ás portas. Ninguem o queria ouvir, ninguem se compadecia da criança que olhava assombrada aquela gente má.

Ao principio, a repulsa apenas o atordoou; e só depois percebeu como era monstruosa a insensibilidade daquele povo!

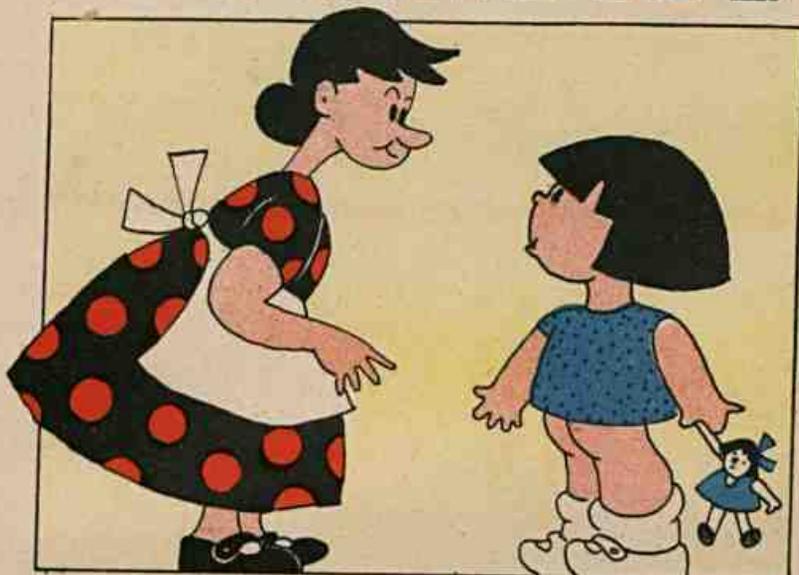
* * *

Vinha o crepusculo quando êle, enfraquecido e atribulado, desabou sobre o chão negro da varzea, ao lado da filha que gemia, mais debil, mais fria, sob a noite que se aproximava . . .

Mas ao sentar-se, viu que alguem caminhava para êle; ergueu-se, com uma esperança fulgindo nos olhos encovados. E viu á sua frente um menino que o observava, sério e mudo. Teria dez anos, e estava vestido como em dias de festa. Segurava numa das mãos um grande embrulho de papel.

(Termina no fim do Almanaque).

Aurelio Pinheiro

O CREME DE LARANJAS

— "Vá á casa de sua madrinha e peça para ela me emprestar a receita do crême de laranjas, que quero fazer hoje. Não pare no caminho e volte logo"!

Fifi se vestiu e saiu radiante! Ah! tambem pudéra! O crême de laranjas era uma verdadeira delicia!...

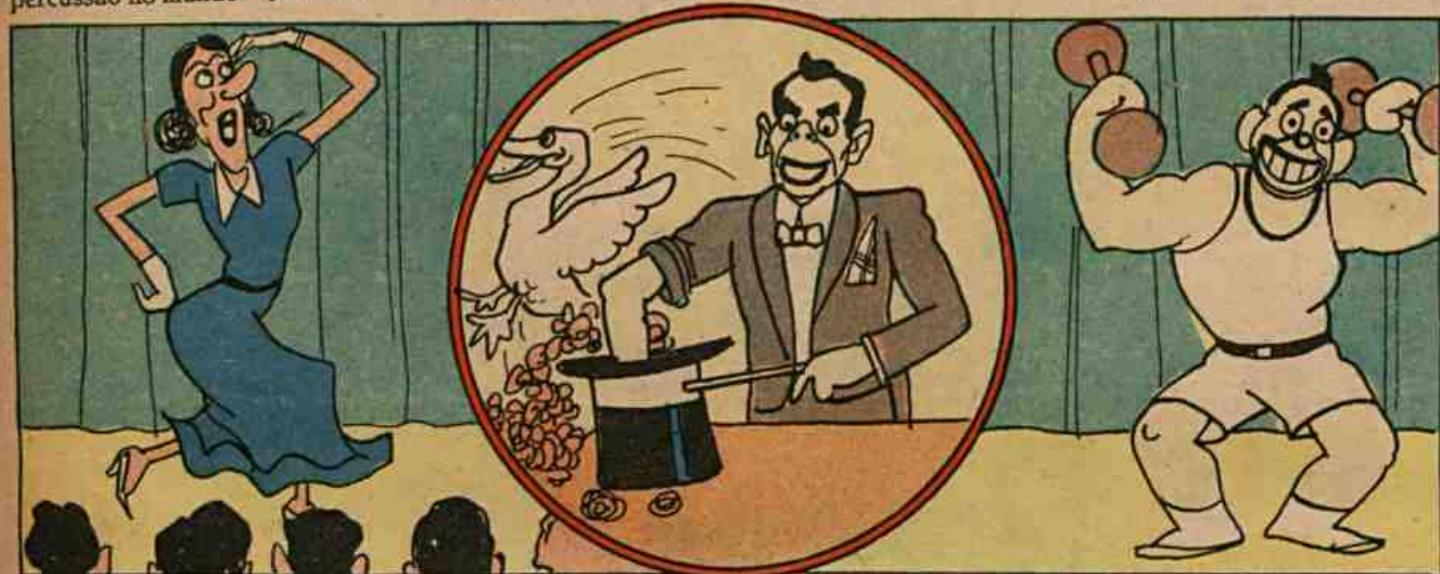
Mas pouco adiante encontrou-se com a Rosinha: — "Todas as flores do meu jardim se abriram. Vamos tecer...

...lindas corôas. Já arranjei arame e barbante..." Fifi vacilou... mas acabou concordando. Não se demoraria muito. Um instantinho só... Mas a verdade é que esse "instantinho"...

...demorou algumas horas e assim, a desobediente, deixou de provar naquele dia o delicioso crême de laranjas. Um justo castigo que a corrigiu.

Zé Macaco e Faustina estavam assustados com a sua pouca repercussão no mundo. Queriam...

...muita publicidade. E que se falasse nêles. Então lembraram-se, de que, anunciando um espectaculo de sensação, podiam readquirir a fama que aos pouco...

...se ia apagando. Imaginaram então um grande espetaculo teatral, afim de reunir bastante...

...publico. O programa continha alguns numeros comuns como sejam: Uma canção samba cantada pela notavel Faustina, umas...

...provas de prestidigitação feitas pelo Zé Macaco, demonstraçóes esportivas e atleticas feitas pelo Baratinha e depois do...

...classico intervalo na segunda parte é que estava o nó da sensação.

Uma cousa notavel...

...e nunca vista no Brasil. "Serrote", o conhecido cachorro do casal, iria falar! Mas falar como gente! Responderia a qualquer pergunta.

De fato a fisionomia do Serrote estava impressionante e humana.

Zé Macaco dirigiu-lhe as primeiras perguntas. — Gosta de café ?
— Gosto, respondeu Serrote.

— Ha quanto tempo tem o uso da palavra ?
— Ha tres meses...

— Com quem aprendeu a falar ?
— Com Zé Macaco !...
O publico que no primeiro momento...

...ficou estupefato, começou a delirar de entusiasmo ! E, aclamando Zé Macaco e Faustina, avançou para o palco para fazer perguntas ao Serrote.

Este, porém, espantado ante o vulto das manifestações populares deu um pulo, e derrubou o banquinho onde estava sentado. E que se viu então ? Um aparelho de...

...vitrola disfarçado sob o tapete e que, com o disco preparado, mediante um botão se punha em movimento, para responder ás perguntas do Zé Macaco !

"BOCANEGRA", o cachorrinho de estimação de Felippe, morrêra. O garoto ficou inconsolavel: chorava convulsivamente.

O avô, penalisado, vendo-o em tal estado, procurou logo consola-lo por todos os meios. Prometeu-lhe outro cão mais belo ainda, mais traquinas, mais inteligente. Felippe nem por isso deixava de derramar copiosas lagrimas. O bom do velhinho, comtudo, não cessou de prometer-lhe outras cousas: uma porção de brinquedos maravilhosos . . .

Afinal, quando o gury já parecia mais conformado, o velho Pompeu contou-lhe, comovido, esta historieta :

— "Ao voltar á ilha de Ithaca, após a famosa guerra de Troya, Ulysses, disfarçado em mendigo, encontrou-se com o pastor dos seus rebanhos, o fiel Eumeu, que não reconheceu o seu antigo amo. Tomaram ambos o caminho do palacio. Assim que dele se aproximavam, um cão, chamado "Argos", que Ulysses criára e deixára ainda pequeno, ao partir para o cerco de Troya, levantou a cabeça e abanou as orelhas. Este cachorro, conta Homero, havia sido um dos melhores do país: caçava igualmente a lebre e o gamo, as cabras selvagens e toda especie de féras. Aniquilado, porém, pela velhice e sem a companhia carinhosa do seu dono, o cão viu-se abandonado em cima de um monte de estrume que se achava na porta, destinado ao adubo das terras. Enfermo, deitado tristemente, todo marcado pelo carimbo da miseria e abandono, "Argos" ao sentir a aproximação de Ulysses, abanou a cauda e murchou as orelhas. Mas não teve forças para se arrastar até aos pés do seu antigo senhor. Ulysses, que o reconheceu imediatamente, impressionado com o deploravel estado do seu cão, derramou algumas lagrimas. Prontamente, porém, as enxugou para que Eumeu não as percebesse. Então, assim falou ao seu fiel pastor :

— "Admiro-me — disse-lhe o rei — de vêr este cão abandonado desta maneira, em cima deste monte de estrume. E' um animal ainda perfeitamente belo. Ignoro si a sua agilidade e a sua presteza correspondiam á sua beleza, ou si êle era como esses cães inuteis que só são bons em torno das mêsas e que os principes costumam alimentar por vaidade."

— "Este cachorro — replicou Eumeu — pertenceu a um senhor que infelizmente morreu longe daqui ! Si vós o tivesseis conhecido na idade do vigor, tal qual era, antes da partida de Ulysses, terieis, por certo, admirado a sua ligeireza e a sua força. Não havia féra que conseguisse perpassar pelo fundo das florestas mais inacessiveis ! Agora, porém, como se vê, está devastado pelo sofrimento e pelo pêso dos anos. Seu dono, que o amava, como já vos disse, morreu distante da Patria. As mulheres do palacio, negligentes e preguiçosas, não se dão ao trabalho de cuidar dele e, assim, o deixam perecer."

Logo que o pastor acabou de falar, Ulysses deu entrada no seu palacio, procurando, sem perda de tempo, a sala onde se encontravam os amigos de Penélope, sua esposa. Desde esse momento, o cão de Ulysses cumpriu o seu destino : morreu de alegria ao revêr seu senhor, vinte anos depois da sua partida !

Ao sôpro da brisa

Naquela tarde serena,
Em que a cabocla morena,
Voltava lá do mercado,
Eu escutei um gemido
De um coração sentido,
No casebre abandonado.

A brisa — alma menina —
Corria pela campina,
Num soprinho acovardado;
Indo de encontro ao casebre,
Onde ardendo de febre,
Soluçava um desgraçado.

. . . E os gemidos fugiam
Pela janela, e sumiam
No céo bonito da tarde.
E eu disse p'ra mim mesmo,
Falando baixinho, a esmo: —
— Deus! Como a dôr é covarde!..."

Orlando

AS CANÔAS PRIMITIVAS DA AMERICA

Os indigenas da America, tanto do norte como do sul do continente, dedicavam-se á pesca e viajavam, pelos rios e mesmo pelo mar, em embarcações toscas, canôas interessantes que construiam com rapidez e mesmo perfeição, dada a falta de ferramentas modernas. De ilha para ilha, nos mares, de aldeiamento para aldeiamento, navegavam êles nas canôas, algumas de longo comprimento, que êles mesmos construiam. Para isso, procuravam nas matas determinadas especies de arvores, de madeira leve e resistente, cortando-as com seus primitivos machados de pedra. Logo depois que o colôsso vegetal tombava, os indigenas cavavam o tronco, para fazer o interior da canôa, de uma maneira interessante, isto é, por meio do fogo. Feita a excavação no tronco, aformozeavam-na por meio de machados e limas de pedras. Um trabalho, que era executado com rapidez, apresentava no fim de algum tempo a canôa, a que não faltavam nem a pintura, obtida por meio de rezinas corantes, nem os enfeites, tão de agrado dos primitivos habitantes do continente que Christovão Colombo descobriu. E milhares dessas canôas encontraram os descobridores, quando tocaram as terras do Novo Mundo. Muitas delas, esguias ou não, revelavam não só o esforço do habitante primitivo como tambem a arte, num requinte expressivo, do indio que vivia no continente maravilhoso de que é parte a nossa querida patria, o Brasil grandioso.

Velho Jequitibá

Ha cem anos, quem sabe, se ha mais de cem anos,
Não vive aquela arvore solitaria,
A' beira do caminho?...

Quantas gerações não a conheceram,
Com seus galhos mudos,
Abertos para os lados e erguidos para o Céu?...

Quantos, nem sei eu, não transitaram por ali,
não ergueram os olhos,
Absortos na admiração
Daquela velhice honesta e pródiga de sombra?...

Creci na contemplação diuturna
Do velho Jequitibá.
Brinquei, vezes sem conta, quando criança,
A' sombra dos seus galhos...

E como eu, quantos que ainda vivem
E quantos que já se foram...

Contemplei-o ainda agóra, depois de tantos anos...
A mesma senectude e a mesma austeridade.

Era numa tarde de sol-quasi-entrando...
Colinas altas de um lado
E o vargedo a perder-se de vista, lá embaixo,
Ao fundo, o rio e a mata...

Deante de mim, como um relampago, desfilou, longe,
O passado...

Um turbilhão de recordações profundas
Sacudiu-me o coração.

Senti um imenso apêrto dentro do peito...

Uma lagrima mal sustida subiu á tona dos meus olhos...
E o cerebro se me conturbou na emoção da Saudade.

Tavares Corrêa

Frases historicas

"O SOL NASCENTE TEM MAIS ADORADORES DO QUE O SOL POENTE"

Cnéo Pompeu, filho do consul romano Strabão, desde jovem demonstrou admiraveis qualidades de dominador. Si bem que seu pai, no exercito, nenhum posto tivesse, soube captar de tal forma as simpatias dos seus soldados que mandava mais do que o proprio general.

Assim, quando certa vez, as tropas se sublevaram contra Strabão, Pompeu reduziu-as á disciplina.

Ao morrer-lhe o pai, seu sucessor se poz á frente das legiões, fazendo-se partidario de Sila, o qual, agradecido, não só reconheceu a legalidade do comando a Pompeu, mas ainda lhe deu a filha em casamento.

Foram tantas, porém, as vitórias de Pompeu, que o ditador chegou a temer que a aureóla do jovem triumfador anulasse por completo o poderio do seu sogro. Por essa razão fe-lo voltar da Africa e negou-se a conceder-lhe as honras que solicitava.

Pompeu, forte entre seus numerosos partidarios, insistiu pronunciando a historica frase que parecia encobrir uma ameaça: "O sol nascente tem mais adoradores do que o sol poente".

Embora Sila não fosse homem para admitir imposições, compreendeu que, pela sua avançada idade e pela longevidade de seu poder, era um sol no ocaso e que Pompeu, jovem e adornado das recentes vitórias, era um sol que se levantava.

Por fim, acedeu, fazendo que se outorgasse a Pompeu as honras do triunfo.

UM DIA SOCEGADO... POR JOAQUIM SOUZA

Lenda oriental

Um dia o jovem Said, que, cheio de mocidade e esperança fôra correr mundo a tentar fortuna, achou-se diante de uma clareira onde nasciam tres caminhos.

A' enrada de cada um delles, estava de pé, uma mulher. Todas eram jovens e formosas, mas vestiam diversamente. A primeira, que trajava purpura, tendo na cabeça um elmo e na mão uma espada, falou:

— Eu sou a Gloria; vem comigo, conquistarás cidades e reinos, domarás povos, serás o Deus da guerra e o rei e senhor dos crentes do Islan.

— Não, disse Said, não irei comtigo; a tua espada goteja sangue e eu não quero derramar o sangue de meus irmãos, Alah o prohibe. Então falou a segunda, envolta na sua trança de ouro, adornada de brilhantes e perolas. — "Eu sou a riqueza; dar-te-ei tezouros sem conta e tu com elles dominarás a terra sem derramar sangue.

— não, tornou o moço, as perolas que te adornam são lagrimas de infelizes, cristalizadas ao sopro da miseria; não farei derramar sangue, mas lançarei lagrimas! E a terceira, bella como as huris do Profeta na sua simples tunica azul, constelada de estrellas, fazendo vibrar as ordens do arcabil que tinha entre os braços cantou:

— "Sou a Poesia; canto os segredos do céo e do mar, dos homens e dos anjos; elevo o coração pelo amôr e regenero pela crença. Si sentes a tu'alma capaz de amar, vem comigo; não te darei riquezas nem poder, mas amor sómente"...

E o que desejo, gritou Said, partamos sem demora... "Vae, disseram ás outras, mas nós te perseguiremos sempre; os que amam esta mulher terão eternamente como inimigas a Gloria e a Riqueza"... Não importa! Partamos, bradou o arabe. E juntos, abraçados, sumiram-se pela estrada florescente.

(Dedicado á Dna. Almira Guimarães, esposa do poeta João Guimarães, pela passagem de seu anniverssario natalicio em 17 de Outubro com as minhas felicitações.

Iolanda Ribeiro

Madeiras do Brasil

Massaranduba. — Madeira preciosa que resiste perfeitamente á ação do tempo e da água, é uma das melhores do Brasil, sendo empregada na construção de armações, assoalhos, dormentes de estrada de ferro, trabalhos hidraulicos, etc.

E' uma árvore altissima, que atinge por vezes 50 metros e mais, com 2 m. de diametro.

O seu peso especifico é de 1,029 a 1,409.

CURIOSIDADES UNIVERSAIS

por BOB STEWARD

MACHOUMEAROBILENGMONOOLEMONGAME-
TSOAROBILENGMONOOLEMONG

Com este vocabulo incrivel a tribu africana dos Bassoutos dizem apenas noventa e nove.

Commodus Lucius Aelius, Imperador de Roma (161-192) era tão orgulhoso de seus recordes na arena que ordenou ao mundo adoral-o como Hercules. Morreu accidentalmente em uma luta com um tal Narciso que o estrangulou.

Vemos em baixo no centro o retrato do sultão de Jokjakarta cujo nome desafia qualquer falador a pronuncial-o

SULTÃO
HAMENGKOEBOEWONOSENOPAITINGALGONGABGURRACHMANSAYDIN-
PANOTAGOMODEY

Violeta, uma alemã nascida sem braços e pernas goza perfeita saude sendo capaz (apenas com os labios) de enfiar uma agulha, coser e fazer outros impossiveis!

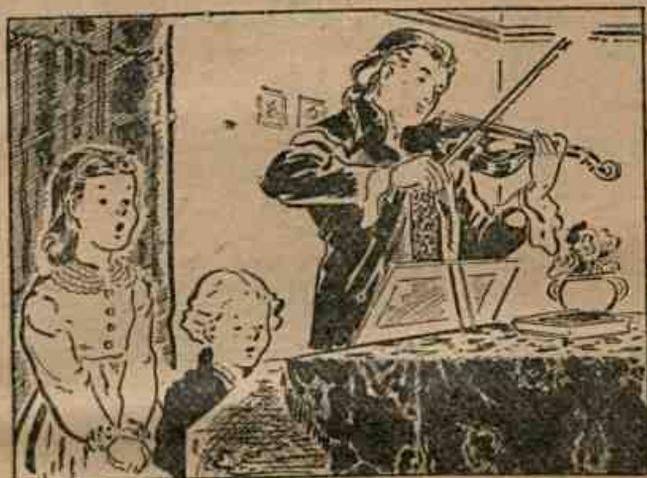
Acima vemos um pequeno avião francês sem motor, sem piloto e que voou e aterrizou sem accidentes, controlado por uma estação radiografica.

Em baixo vemos a maior palavra do mundo encontrada em uma obra de Aristophanes.

LEPADOTEMACHOSELACHOGALEOKRANIOLEIPSANODRIMHYPOTRIMMATOSILPHIOKARABOMELITOKATAKECHYMENOKICHLEPIKOSSYPHOPHATTO-
PERISTERALEKTRYONOPTOKEPHALLIOKINGLOPEPEIOLAGOIOSIRAIOBAPHETRAGANOPTERYGON

A vida de Wolfang Amadeu Mozart

Numa cidade da antiga Austria, chamada Salzburg, vivia um musico com sua esposa e uma filha pequena. Em Janeiro de 1756 Deus deu a esse musico um filho, cujo nome havia de ser conhecido de todo mundo — Wolfang Amadeu Mozart.

O menino cresceu, mostrando sempre muito amor á musica. Aos quatros anos de idade, seu pai o encontrava, muitas vezes, a escrever notas na pauta musical. Aos seis anos, o menino escrevia musica, considerada boa e harmonica.

Horas e horas passava o menino com sua irmã tocando e cantando e seu prazer redobrava quando o pai, tomando o violino, vinha juntar a esse belo recreio musical.

Quando Mozart tinha sete anos fez, em companhia de seu pai e sua irmã, uma excursão artistica pela Austria, tendo sido ouvido, em Viena, pelo Imperador.

Formidavel compositor, nem sempre tem a sorte de receber dinheiro pelas musicas que escrevia e muitas vezes, já casado e morando em habitações modestas, dansava com a esposa para não sofrer fome.

Mozart tornou-se notavel pelas operas que compoz, todas cheias de graça, encanto e ternura. Morreu aos trinta e sete anos de idade, deixando para delicia da humanidade um legado precioso de composições.

DONA CHICA — por Paulo Affonso

VARIEDADES

As formações de coral nos archipelagos da Polinesia dão origem a verdadeiras ilhas, mas se elas levam anos ou séculos a se formarem podem, de repente, desaparecer, devido a não terem uma base segura, não só como os sedimentos mais antigos coraliferos se desagregam, causando o desmoronamento da inteira formação.

O unico animal que, depois do homem, caminha eréto, é o pinguim. O urso e o macaco, só ocasionalmente caminham erectos, mas facilmente cansam.

Um dia um chinês recebeu de presente de um europeu um relógio. Levou-o para casa e todos se admiravam de ouvir tic-tac que não cessava um só instante. Chegando a noite, o chinês começou a ficar intrigado com o tic-tac incessante e lembrou-se que as traças faziam êsse ruido quando furavam a madeira. Foi logo comprar um inseticida, mas, como apesar disso, as traças não morriam, jogou o relogio no fogo.

FARADAY

O humilde inicio da sua carreira de sabio

Ignoramos, meus amiguinhos, si se poderá compreender bem toda a amarga tragedia da anedota — tão insignificante, tão logica na opinião de muitos — que rasgou o horizonte cientifico de Faraday.

Faraday era filho de familia pobre. Sua vocação se fez sentir com extraordinaria precocidade. E com a vocação se deixava sentir tambem, cruelmente, a falta de recursos para alimental-a.

Faraday se julgava a si mesmo nobre e generoso. "Penso — escrevia elle a um amigo — que a ciencia deve fazer generosos e nobres a quantos a cultivam".

E nessa época, quem, na Inglaterra, passava por mais homem de ciencia do que o fisico Davy, diretor do Instituto Real da Ciencia, cumulado de honras, solicitado pela aristocracia, enaltecido pelos centros cientificos do mundo inteiro, ao mesmo tempo homem de laboratorio e homem de sociedade?

Não havia duvida: Davy seria a salvação de Faraday como anos antes, em analoga situação, D'Alambert o havia sido do jovem Laplace. Como Laplace a D'Alambert, sem conhecel-o, o jovem Faraday escreveria uma carta — como seria eloquente e persuasiva essa carta! — ao omnipotente Davy, pedindo-lhe um lugar no laboratorio do Instituto Real.

Si a ciencia torna generosos e nobres a quantos a cultivam, Faraday devia pensar com suavidade evangelica: quem mais nobre e generoso do que Davy?

Pois bem: Davy leu desdenhosamente a carta do Faraday. Quando um seu ajudante foi lhe anunciar que o jovem signatario da carta esperava pela resposta, Davy esperou um pouco e depois assim falou:

— Bem. Ponha-o a lavar as vasilhas do laboratorio. Mais tarde veremos...

Eis como o descobridor das leis da indução eletro-magnetica, que, tempos após devia ser o sucessor do grande fisico Davy, entrou para o Instituto Real de Ciencia.

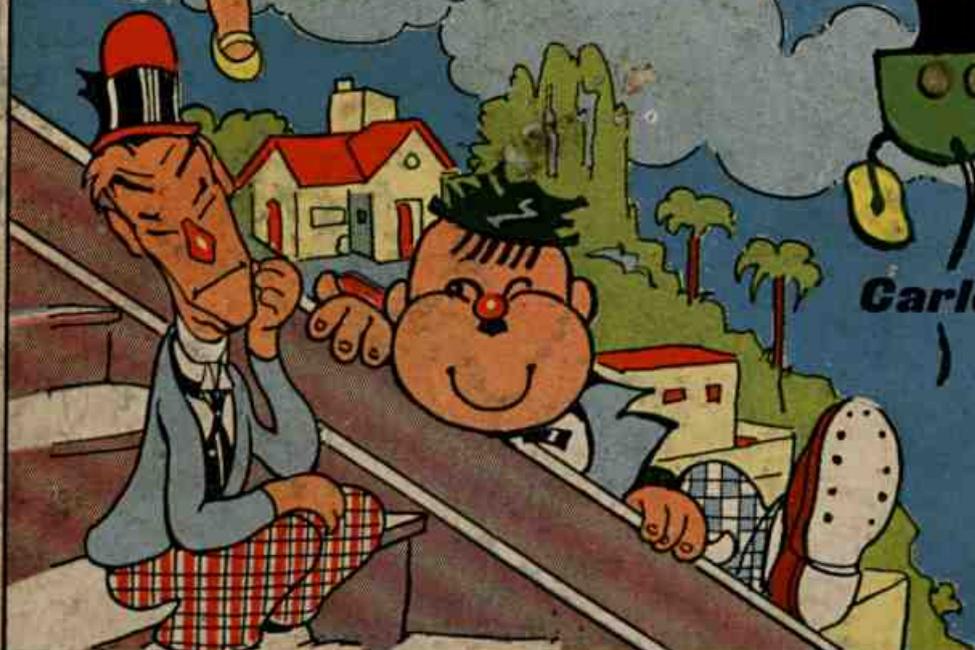
Davy, é verdade, compreendeu (porém já muito tarde) a envergadura do rapazinho a quem primeiro mandára lavar vasilhas, tarefa essa que Faraday, sem duvida, desempenhou com o enthusiasmo e a perfeição que os sabios sabem pôr em tudo quanto fazem.

Entretanto, conta Dumas, quando Faraday falava de Davy suas palavras denotavam sempre um preito de commovida admiração.

Como Faraday era nobre e generoso, meus amiguinhos!

CAMA E MESA
A mais preciosa coleção de artisticos desenhos de colchas, fronhas, lençoes, guarnições, jogos para moveis de quarto - toalhas de mêsa, chá, serviços de Cocktail, etc. Motivos modernos e originais, para tudo quanto se refere, amplamente, a cama e mesa.
CAMA E MESA apresenta incomparavel numero de sugestões as mais graciosas para a elegancia de um lar moderno, nos mais variados estylos. Um album sempre util, á todas as senhoras.
PREÇO 6$000
Pedidos acompanhados das respectivas importancias, á
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"
C. Postal, 880 Rio de Janeiro

O LAR, A MULHER E A CREANÇA
O lar, A mulher e a Creança
PREÇO 8$000
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"
C. Postal, 880 - Rio de Janeiro

Moda e Bordado
A
SENHORA
Naturalmente vai dizendo: — Distinto! Elegante! Que originalidade!... É esta a impressão de todas as senhoras ao folhearem
MODA E BORDADO
um figurino de elite, que se completa numa revista para a mulher, contendo varias paginas de originalissimos chapéos, sapatos, bolsas, pequenos trabalhos para bordar, secções de beleza, De Coser e Outras.
Preço - 4$000
Preço das assignaturas
Anno 45$000
Seis mezes 23$000
Numero avulso 4$000
A venda em todas as bancas de jornaes e livrarias do Brasil. Pedidos endereçados á Empresa Editora de
MODA E BORDADO
CAIXA POSTAL, 880 - RIO

GOIABADA
MARCA
PEIXE
A MELHOR ENTRE AS MELHORES
PEIXE
Carlos de Britto & Cia.
FABRICAS EM:
RIO DE JANEIRO,
SÃO PAULO,
RECIFE,
BEZERROS
AREIAS E PESQUEIRA
A MELHOR ENTRE AS MELHORES